

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS



Valores Semânticos e Pragmáticos do Pretérito Imperfeito do Indicativo em Português: uma revisão e proposta de classificação

Bruno Alves de Paula

Dissertação orientada pelo Prof. Doutor Rui Marques, especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre em Linguística.

2020

L'imparfait est le temps de la fascination: ça a l'air d'être vivant et pourtant ça ne bouge pas: présence imparfaite, mort imparfaite; ni oubli ni résurrection, simplement le leurre épuisant de la mémoire.

Roland Barthes (1977: 228), *Fragments d'un discours amoureux*.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho certamente não teria sido possível sem algumas valiosas contribuições (umas mais outras menos diretamente), pelo que importa inicialmente registrar algumas breves palavras de agradecimento:

Em primeiro lugar, ao professor Rui Marques, que gentilmente aceitou o meu convite para auxiliar na produção deste desafiante trabalho. Sinto-me verdadeiramente honrado de tê-lo tido como orientador. Agradeço pela paciência, pela disponibilidade constante, pelas correções sempre rigorosas e por todo o saber partilhado – de grande valia não apenas para o desenvolvimento e melhoria do texto, mas também para ampliar os meus conhecimentos no âmbito da Semântica.

Agradeço igualmente ao professor Erly Kiel, da Universidade Estadual de Goiás – câmpus São Luís de Montes Belos, que durante a licenciatura me instigou a desbravar a Língua Portuguesa e após a conclusão me apoiou no processo de candidatura ao mestrado.

Ao meu irmão, Daniel Campos, que me deu todo o suporte necessário durante a minha estadia em Portugal ao longo do período de realização do mestrado.

Sem citar mais nomes para não correr o risco de esquecer alguém, estendo os meus agradecimentos a todos os demais familiares e amigos no Brasil, que mesmo distantes nunca deixaram de me apoiar e incentivar.

À Santa Luz. E ao Mestre Juramidã.

RESUMO

A forma verbal do Pretérito Imperfeito do Indicativo é identificada na literatura como capaz de expressar quer seja um valor básico, de cariz temporal, quer seja um variado conjunto de outros valores, considerados secundários e de cariz modal (e.g., Bertinetto, 1986; Matos, 1996; Bazzanella, 1990, 2000; Fernández, 2004; Oliveira, 2013). Nesta dissertação, apresenta-se e analisa-se uma amostra de diferentes interpretações do Imperfeito documentadas na literatura, com especial foco naquelas de cariz modal, e desenvolve-se uma proposta de classificação (tipológica e integrada) para as mesmas. Na proposta apresentada são considerados, conjuntamente, os conceitos de veridicidade, imperfetividade, evidencialidade e modalidade, dois dos quais (veridicidade e evidencialidade) não tinham ainda sido aplicados ao estudo do Pretérito Imperfeito do Indicativo em Português. Com base nestes dois conceitos, foi possível integrar o conjunto de interpretações de cariz modal anteriormente inventariado em duas categorias: Imperfeito Epistémico e Imperfeito de Inclinação. Num segundo momento, a tipologia foi testada numa amostra de dados de *corpus* eletrónico.

A tipologia proposta oferece, assim, uma visão orgânica de um conjunto de interpretações do Pretérito Imperfeito do Indicativo, com base em conceitos que se manifestam também noutras áreas da língua, trazendo luz sobre a razão para a mesma forma verbal (o morfema de Pretérito Imperfeito do Indicativo) poder estar associada a uma grande diversidade de valores interpretativos.

Palavras-chave: Imperfeito; Modalidade; Evidencialidade; Semântica.

ABSTRACT

The verbal form of the Imperfect Indicative is identified in literature either as associated with the expression of a basic temporal value, or with the expression of a varied set of other values, considered secondary and modal in nature (e.g., Bertinetto, 1986; Matos, 1996; Cipria & Roberts, 2000; Fernández, 2004; Oliveira, 2013). This research aims to present and analyze a set of different interpretations of the Imperfect Indicative documented in the literature, with special focus on the modal ones, and propose a new classification (typological and integrated) for these interpretations. In the proposal presented are considered, integrately, the concepts of veridicality, imperfectivity, evidentiality and modality, two of which (veridicality and evidentiality) had not yet been applied to the study of the Imperfect Indicative in Portuguese. Based on these two concepts, it was possible to integrate the set of Imperfect modal interpretations inventoried in two categories, which were designated as Epistemic Imperfect and Imperfect of Inclination. In a second step, a sample of corpus data was adopted to test the typology.

The proposed typology thus offers an organic view of a set of interpretations covered by Imperfect Indicative, based on concepts that also manifest themselves in other areas of the language, shedding light on the reason for the same form (the morpheme Imperfect Indicative) may be associated with a great diversity of interpretative values.

Keywords: Imperfect; Modality; Evidentiality; Semantics.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IMPFI	Pretérito Imperfeito do Indicativo
PRES	Presente do Indicativo
PPS	Pretérito Perfeito Simples do Indicativo
FUT	Futuro
PROG	Progressivo
E	Tempo do Evento
PB	Português Brasileiro
PE	Português Europeu
PMQP	Pretérito Mais-que-perfeito do Indicativo
PPT	Ponto de Perspetiva Temporal
SN	Sintagma Nominal
SV	Sintagma Verbal
R	Tempo de Referência
S	Tempo de Fala
t_0	Tempo de Enunciação
w_0	Mundo real

LISTA DE FIGURAS E TABELAS

FIGURAS

Figura 1. Representação do PPS e do IMPFI no modelo reichenbachiano.	5
Figura 2. Estrutura de ramificação temporal.	14
Figura 3. A tipologia de evidenciais de Willett (1988)	21
Figura 4. A tipologia de evidenciais de Plungian (2001)	23
Figura 5. A epistemicidade e a modalidade em sentido restrito em Boye (2012).....	25

TABELAS

Tabela 1. Os tipos de Imperfeito e o plano da veridicidade.	60
Tabela 2. A expressão da (im)perfetividade.....	61
Tabela 3. Os meios de acesso ao conhecimento de <i>p</i>	65
Tabela 4. Os planos avaliativos.	70
Tabela 5. Número total e percentagem de ocorrências de Imperfeito	77

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS.....	II
RESUMO	III
ABSTRACT	IV
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	V
LISTA DE FIGURAS E TABELAS.....	VI
RESUMO EXPANDIDO	IX

CAPÍTULO I: O PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO: UMA VISÃO GERAL

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. AS INTEPRETAÇÕES DE CARIZ TEMPORAL.....	1
2.1 O IMPERFEITO DE REFERÊNCIA TEMPORAL.....	2
2.2 Os VALORES ITERATIVO, HABITUAL E PROGRESSIVO	6
2.3 O IMPERFEITO NARRATIVO.....	9
3. AS INTERPRETAÇÕES DE CARIZ MODAL: QUESTÕES GERAIS	12
3.1 A COMPONENTE MODAL	16
3.2 A COMPONENTE EVIDENCIAL	20

CAPÍTULO II: PARA UMA REVISÃO DOS VALORES NÃO TEMPORAIS DO IMPERFEITO

1. INTRODUÇÃO.....	28
2. O IMPERFEITO DE CORTESIA	28
3. O IMPERFEITO IMINENCIAL	33
4. O IMPERFEITO DE PLANIFICAÇÃO	36
5. O IMPERFEITO EPISTÉMICO.....	38
6. O IMPERFEITO EPISTÉMICO-DOXÁSTICO.....	41
7. O IMPERFEITO HIPOTÉTICO.....	43
8. O IMPERFEITO DESIDERATIVO	46
9. O IMPERFEITO ONÍRICO OU FICCIONAL.....	49
10. O IMPERFEITO LÚDICO	51

CAPÍTULO III: PARA UMA NOVA PROPOSTA DE CLASSIFICAÇÃO TIPOLOGICA

1. INTRODUÇÃO.....	55
--------------------	----

2. OS TIPOS DE IMPERFEITO E A QUESTÃO DA VERIDICIDADE.....	55
3. O PLANO DA VERIDICIDADE E A (IM)PERFETIVIDADE	60
4. O PLANO DA NÃO VERIDICIDADE - I: COMO ACEDE A <i>P</i> O FALANTE?	62
5. O PLANO DA NÃO VERIDICIDADE - II: OS POSICIONAMENTOS AVALIATIVOS	65
6. PROPOSTA DE TIPOLOGIA	70
6.1 O IMPERFEITO DE REFERÊNCIA TEMPORAL.....	71
6.2 O IMPERFEITO NARRATIVO	72
6.3 O IMPERFEITO EPISTÊMICO	73
6.4 O IMPERFEITO DE INCLINAÇÃO	73

CAPÍTULO IV: A TIPOLOGIA DE IMPERFEITO NUMA AMOSTRA DE *CORPUS*

1. INTRODUÇÃO.....	75
2. A CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i> E O TRATAMENTO DOS DADOS	75
3. RESULTADOS E DISCUSSÕES	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS	82
ANEXO	90

RESUMO EXPANDIDO

A forma do Pretérito Imperfeito do Indicativo (doravante, IMPFI) é sobejamente conhecida como capaz de expressar um variado conjunto de valores interpretativos, que normalmente se encontram agrupados em valores de cariz temporal ou de cariz modal. As interpretações de cariz temporal do IMPFI podem ser consideradas canónicas, na medida em que constituem casos bem descritos e aceites, sendo tipicamente caracterizadas de uma maneira coesa, a partir de critérios igualmente bem definidos. Quanto às interpretações de cariz modal, estas constituem casos não canónicos, que apenas mais recentemente têm vindo a receber uma maior atenção (e.g., Oliveira, 1987; Travaglia, 1987 e Matos, 1996; para o Português; e Bazzanella, 1990; Araus, 1995 e Cipria & Roberts, 2000; para outras línguas). Trata-se de um conjunto de interpretações que, por um lado, podem variar em número de um autor para outro e, por outro lado, são normalmente descritas com base em critérios bastante diversificados, se bem que algumas vezes nem sequer se tenta dar um tratamento descritivo a estes casos de IMPFI, adotando-se meramente um conjunto de frases isoladas para ilustrar cada interpretação.

O presente trabalho tem como foco as interpretações de cariz modal do IMPFI, embora as interpretações de cariz temporal também sejam consideradas. Mais concretamente, tem-se como objetivo geral apresentar uma revisão crítica de um conjunto de ‘Imperfeitos Modais’ inventariados a partir de uma pesquisa de cunho bibliográfico e desenvolver uma proposta de classificação tipológica que consiga dar um tratamento mais orgânico aos mesmos. Tal objetivo justifica-se primeiramente pela dificuldade muitas vezes encontrada de distinguir uma interpretação da outra – razão pela qual alguns autores até empregam uma mesma frase para ilustrar dois casos (supostamente distintos) de IMPFI. Além disso, tanto quanto sei, apenas Matos (1996) apresenta uma proposta de classificação para as diferentes interpretações do IMPFI em Português.

A proposta desenvolvida neste trabalho distingue-se principalmente por adotar dois conceitos que até agora não foram aplicados ao estudo do IMPFI em Português, concretamente os conceitos de *veridicidade* (relativizada ou subjetiva), de Giannakidou (1999, e.o.), que se liga à verdade ou falsidade de uma proposição, não necessariamente no mundo real (w_0); e de *evidencialidade*, que se prende às fontes de conhecimento. A noção de veridicidade será especialmente útil por permitir contrastar as interpretações do IMPFI de cariz temporal com as interpretações de cariz modal. Quanto à evidencialidade, será aplicada particularmente aos casos que envolvem um cariz modal, contribuindo para

lançar luz sobre as razões de estar envolvido um ou outro posicionamento avaliativo do falante nas construções formadas com cada caso de IMPFI (a nível da modalidade). Sendo assim, tem-se como algumas das questões centrais desta pesquisa:

- O que permite distinguir as interpretações de cariz temporal do IMPFI das interpretações de cariz modal?
- Qual o conhecimento na base de uma enunciação com cada interpretação de cariz modal do IMPFI, já que este conhecimento de base condiciona um ou outro posicionamento avaliativo do falante?

Procura-se responder a estas e outras questões ao longo de quatro capítulos. No capítulo 1, intitulado “O Pretérito Imperfeito do Indicativo: uma visão geral”, apresenta-se um quadro geral do estado da arte, buscando-se descrever e contrastar as interpretações de cariz temporal do IMPFI com as interpretações de cariz modal, em conformidade com aquilo que é apresentado nalgumas gramáticas de referência do Português e em trabalhos técnicos dedicados a esta forma verbal (ou que servem de suporte para o estudo da mesma).

No capítulo 2, “Para uma revisão dos valores não temporais do Imperfeito”, apresenta-se e analisa-se um conjunto de nove ‘Imperfeitos Modais’ documentado na literatura do Português e de outras línguas. Para a prossecução da análise, procurou-se observar especialmente as dimensões evidencial e modal do significado associado às construções formadas com cada tipo de IMPFI inventariado, bem como a relação entre estes dois domínios (evidencialidade e modalidade).

No capítulo 3, “Para uma nova proposta de classificação tipológica”, desenvolve-se inicialmente uma nova proposta de classificação tipológica para as diferentes interpretações do IMPFI anteriormente inventariadas, considerando-se fundamentalmente os parâmetros da veridicidade e da evidencialidade. Num segundo momento, faz-se uma síntese descritiva da tipologia adotada, retomando-se também os casos de IMPFI de cariz temporal.

No quarto e último capítulo, “A tipologia de Imperfeito numa amostra de *corpus*”, procura-se averiguar a solidez da tipologia de IMPFI proposta no capítulo anterior aplicando-a a dados reais extraídos de um *corpus* eletrónico, nomeadamente o «*corpus* do

Português Brasileiro» da Linguatca, tendo-se considerado uma amostra deste *corpus* com 716 ocorrências de IMPFI.

CAPÍTULO I

O PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO: UMA VISÃO GERAL

CAPÍTULO I

O PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO: UMA VISÃO GERAL

1. INTRODUÇÃO

Identificam-se tradicionalmente diferentes tipos de interpretação da forma verbal do IMPFI na literatura, por facilidade referidos usando um adjetivo ou outro modificador a seguir à palavra *Imperfeito*: o Imperfeito de Referência Temporal e o Imperfeito Narrativo, casos que partilham a expressão de um valor básico, de cariz temporal, e um conjunto de ‘Imperfeitos Modais’, que contém variadas interpretações que expressam valores considerados secundários e de cariz modal. Neste capítulo, propõe-se uma breve incursão em cada um destes tipos de Imperfeito, ou seja, Imperfeito de Referência Temporal, Imperfeito Narrativo e ‘Imperfeitos Modais’, buscando-se cumprir os seguintes objetivos: i) observar em que contextos emergem; ii) descrever as principais propriedades das componentes semânticas pertinentes para a sua caracterização (mais concretamente, as componentes de tempo, aspeto, modalidade e evidencialidade), observando-se como interagem entre si de modo a gerar cada interpretação.

Para a cumprir os objetivos acima referidos, o presente capítulo encontra-se estruturado da seguinte forma: na secção 2, introduz-se as interpretações do IMPFI cariz temporal, apresentando-se, na subsecção 2.1, os aspetos gerais relacionados com o Imperfeito de Referência Temporal, em conformidade com a sua caracterização na literatura técnica e nalgumas gramáticas de referência do Português; na subsecção 2.2, elencam-se os diferentes valores aspetuais atribuídos a esse primeiro caso de IMPFI; na subsecção 2.3, apresenta-se o chamado Imperfeito Narrativo; na secção 3, faz-se uma caracterização geral de ‘Imperfeitos Modais’, buscando-se especialmente ter em conta em que medida estas interpretações se distinguem daquelas primeiras, de cariz temporal. Por último, nas subsecções 3.1 e 3.2, exploram-se alguns conceitos que se ligam aos domínios da modalidade e da evidencialidade, respetivamente.

2. As interpretações de cariz temporal

As subsecções seguintes contemplam as interpretações do IMPFI que expressam um valor básico, de cariz temporal. Concretamente, abordam-se o Imperfeito de Referência Temporal e o Imperfeito Narrativo.

2.1 O Imperfeito de Referência Temporal

Considera-se normalmente que o valor básico (também designado de prototípico, primário ou temporal) da forma verbal do IMPFI é o que se observa mais plenamente no Imperfeito de Referência Temporal¹, caso que se verifica em frases como as apresentadas na sequência:

- (1) a. A Maria estava grávida.
- b. O Pedro jogava futebol de salão na Europa.
- c. O paciente tossia repetidamente devido à reação alérgica.

Importa identificar duas componentes principais da semântica do IMPFI que, em conjunto, possibilitam gerar o que a tradição gramatical entende corresponder ao valor básico que expressa: em primeiro lugar, uma componente de *tempo* [+PASSADO], responsável por localizar uma situação (estado ou evento) como anterior a um ponto de referência temporal externo à situação (e.g., o tempo de enunciação, (t₀)); e, em segundo lugar, uma componente *aspetual* [+IMPERFETIVO], que permite distinguir esta forma verbal de outras formas que compõem o paradigma dos tempos pretéritos, nomeadamente o Pretérito Perfeito do Indicativo (e.g., O Joaquim cantou) e o Pretérito Mais-Que-Perfeito do Indicativo (e.g., O Joaquim tinha cantado/cantara).

No que respeita à componente aspetual, o Imperfetivo, esta é comumente caracterizada pela literatura em contraste com o aspeto Perfetivo. Nas palavras de Jakobson (1932: 06), e.g., “o Perfetivo, ao contrário do Imperfetivo, indica o limite absoluto da ação” (tradução minha). Sendo assim, as situações descritas por frases com o IMPFI são prototipicamente perspectivadas apenas em seu transcurso e, portanto, sem qualquer indicação do término (obtendo-se assim um valor aspetual *contínuo*), contrariamente ao que acontece com as situações sob o escopo de outros tempos pretéritos, aspetualmente perfetivos, com os quais os limites temporais são considerados na interpretação da frase, sendo por isso as situações apresentadas como concluídas no passado.

Numa análise semelhante, Comrie (1987) refere que o Imperfetivo faz referência direta à estrutura temporal interna da situação, o que permite que a mesma seja visualizada

¹ Posto que, como se verá adiante, assume-se frequentemente que o Imperfeito Narrativo (a segunda interpretação do IMPFI de cariz temporal) terá perdido parcialmente esse valor.

por dentro (i.e., em seu transcurso). Neste ponto, conforme o autor, contrasta com o aspeto Perfeito, que por sua vez não se prende à estrutura temporal interna da situação, focalizando antes os seus pontos extremos.

Nas gramáticas de referência do Português, o IMPFI é normalmente descrito com foco na expressão do seu valor básico (passado em transcurso), embora algumas vezes também se reconheça a possibilidade de expressão de outros tipos de valores interpretativos, que normalmente se encontram associados ao domínio da modalidade. Posto o propósito deste capítulo, importa averiguar o que é dito nalgumas delas.

Na gramática de Cunha & Cintra (1987: 450), por exemplo, os autores identificam o IMPFI como uma forma verbal capaz “de designar um facto passado, mas não concluído”. Além disso, os autores pontuam que “[o IMPFI] encerra, pois, uma ideia de continuidade, de duração do processo verbal mais acentuada do que os outros tempos pretéritos”.

Bechara (2009: 277), com referência a Coseriu (1989), refere o IMPFI como “[...] um membro não marcado [...] de uma oposição que encerra três membros dos quais são marcados [...]: o mais-que-perfeito e o condicional presente em sua forma simples”. Para o autor, o recurso ao IMPFI ocorre quando “nos transportamos mentalmente a uma época passada e descrevemos o que então era presente”.

Em contraste aos anteriores, Oliveira (2013: 518) salienta a existência não apenas de uma dimensão temporal e aspetual como também de uma dimensão modal. Nas palavras da autora, “o pretérito imperfeito é um tempo verbal com valor semântico de Passado, mas possui igualmente uma forte dimensão aspetual e, por vezes, modal.”

Na literatura técnica, importa mencionar a *teoria dos tempos verbais* introduzida por Reichenbach (1947), que revolucionou as análises do tempo verbal nas línguas naturais² e é adotada como um aporte teórico importante em diversos trabalhos sobre o IMPFI, não apenas entre aqueles dedicados às suas interpretações de cariz temporal como também em vários outros trabalhos relacionados às interpretações de cariz modal.

Na referida teoria é adotado um modelo bidimensional de representação da informação temporal, que envolve três ‘tempos’ básicos: o tempo do evento (*event time*), E; o tempo de referência (*reference time*), R; e o tempo de enunciação (*speech time*), S.

Num eixo de orientação temporal (uma seta horizontal que traduz uma conceção linear do tempo), o tempo do evento, E, pode posicionar-se em anterioridade,

² Esta proposta é retomada e enriquecida em vários trabalhos posteriores. Veja-se, por exemplo, a proposta de Kamp (1979) ou Kamp & Reyle (1993) no âmbito da TRD (Teoria da Representação do Discurso).

simultaneidade ou posterioridade a S, correspondendo, respetivamente, à representação dos valores de tempo passado, presente e futuro. É esta a informação que é expressa por alguns tempos verbais, como, e.g., o Presente do Indicativo (doravante, PRES), que são designados por tempos absolutos (ou dicticos). Nestes casos, há uma coincidência entre S e R; ou seja, com estes tempos verbais o ponto de referência é o tempo de enunciação. Com outros tempos verbais, designados por tempos relativos, como é o caso, por exemplo, do IMPFI e o Pretérito Mais-Que-Perfeito (PMQP), o tempo de referência, R, não coincide com S, mas é um outro ponto do eixo temporal, que normalmente se assume ser dado pelo discurso³. Por essa razão, considera-se tanto o IMPFI quanto o PMQP como tempos anafóricos. Vejam-se os seguintes exemplos:

(2) a. Está a chover.

b. Fui à janela ver o tempo; estava a chover.

Na frase (2a), o recurso ao PRES permite ao enunciador localizar temporalmente a situação de estar a chover como em curso em t_0 . O tempo de referência, R, coincide, portanto, com S. Por contraste, no exemplo (2b), com o IMPFI, R é um ponto do eixo do tempo anterior a S. Concretamente, corresponde ao tempo em que o enunciador foi à janela.

Tendo-se em vista que a proposta de Reichenbach surge para dar conta dos tempos verbais da língua inglesa (e de facto o autor consegue caracterizar todo o paradigma verbal desta língua), inicialmente deparou-se com a dificuldade de dar conta da oposição entre o Pretérito Perfeito Simples (doravante, PPS) e o IMPFI, uma vez que o *Simple Past*, do Inglês, corresponde a estes dois tempos, que se encontram na generalidade das línguas românicas, entre as quais o Português.

Para contornar este impasse, Reichenbach sugere, recorrendo ao contraste entre o *Imparfait* e o *Passé Défini*, em Francês, e entre o Imperfeito e o *Aoristo*, em Grego, incluir no seu sistema a noção de «tempo ampliado». *Grosso modo*, Reichenbach assume que, “para além da relação de coincidência ou sequencialidade, alguns tempos verbais

³ Em conformidade com o princípio de acessibilidade de R, proposto por Tasmowski-de Ryck (1965), não é preciso que a situação relevante esteja explícita no enunciado, bastando que seja possível recuperá-la pelo contexto comunicativo “com base em conhecimentos comuns ou através de cadeias de associações regulares ou dedutíveis do contexto.” (Tasmowski-de-Ryck, 1985, *apud* Matos, 1996: 458). É o que acontece, e.g., no conjunto de frases apresentadas no início desta secção, em (1a-c), onde R não está explicitada nos enunciados, devendo ser recuperada no contexto.

incluem uma indicação da extensão temporal do evento, pelo que E corresponde não a um ponto, mas um intervalo” (*tradução minha de Brucart, 2001: 06*).

No modelo reichenbachiano, a informação temporal do IMPFI pode ser representada como se demonstra na figura abaixo, em contraste com a informação temporal dada pelo PPS:

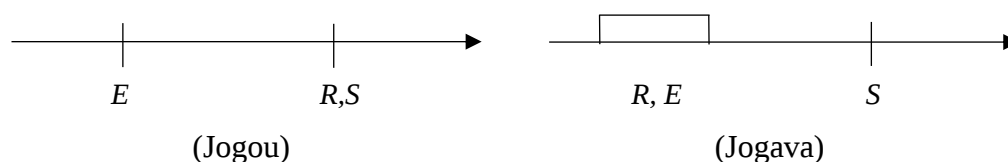


Figura 1. Representação do PPS e do IMPFI no modelo reichenbachiano.

Com base no modelo proposto por Reichenbach, Freitag (2011: 123) indica que através do IMPFI o falante informa que a situação indicada na frase em que ocorre “i) [é] anterior ao momento da enunciação; ii) [é] concomitante a outra situação que se torna como seu ponto de referência; e iii) apresenta-se como em andamento em relação ao ponto de referência”.

Analogamente, Peres (1994) salienta que o IMPFI expressa uma leitura de sobreposição a um tempo do passado; ou seja, seleciona como PPT⁴ o tempo de uma situação temporalmente localizada em anterioridade a t_0 e indica que a situação descrita pela frase com o IMPFI se sobrepõe temporalmente ao PPT selecionado. Também Grisot (2018) reconhece ser o principal valor desta forma verbal o de «simultaneidade no passado».

Em síntese, do que ficou exposto nesta secção, tem-se que o IMPFI prototipicamente se distingue no paradigma dos tempos pretéritos em razão da componente aspetual, que permite que uma situação temporalmente localizada no passado em relação a t_0 seja visualizada internamente, em mero transcurso. Sendo assim, as situações descritas por frases formadas com o IMPFI são, em geral, concebidas de maneira inconclusa (se bem que, como se verá adiante, o término da situação pode ser recuperado no contexto comunicativo). Além disso, ao contrário do PPS e de outros tempos dicticos, o IMPFI é reconhecidamente um tempo anafórico, uma vez que localiza a situação descrita pela frase em que ocorre como sobreposta ao tempo de uma outra situação (à qual, portanto, se ancora).

4 Grosso modo, PPT, de Kamp e Reyle (1993), corresponde a R no sistema de Reichenbach.

Para além de gerar um valor aspetual contínuo, a forma do IMPFI pode ainda estar associada a outros diferentes tipos de valores aspetuais, nomeadamente o *iterativo*, o *habitual* e o *progressivo*. Na subsecção seguinte, considerar-se-ão cada um deles.

2.2 Os valores iterativo, habitual e progressivo

É sobejamente reconhecido que nem sempre a forma verbal do IMPFI se associa à expressão do desenrolar de uma situação autónoma, o que a tradição gramatical refere nos termos de um valor *semelfactivo* (cf. Ilari, Oliveira & Basso, 2016: 402). Conforme Peres (1995: 03), devido à categoria aspetual de determinados verbos (*Aktionsart*⁵), com alguns predicados é possível obter-se, para além de um valor aspetual contínuo, também os valores *habitual* e *iterativo*, que envolvem mais do que uma única situação:

Às predicções estativas é atribuída uma realização que apenas envolve anterioridade ou sobreposição, enquanto às não estativas é atribuída uma realização que, além de um daqueles valores, inclui um valor iterativo ou habitual [...].

Posto que as predicções estativas denotam intervalos temporalmente homogéneos (i.e., se a situação ocorre num dado intervalo de tempo, “ocorre em todos os subintervalos de [esse] tempo, incluindo os instantes” (Móia, 2018: 09)), é menos frequente que o IMPFI possa gerar⁶, em articulação com esse tipo de predicado, um valor iterativo, que envolve repetição da situação dentro do intervalo de tempo denotado pela frase com esta forma verbal, mas somente um valor contínuo.

Quanto às predicções eventivas, haja visto possuírem, excetuando as culminações, “uma estrutura contemplando fases sucessivas que façam progredir a situação” (Cunha, 2015: 591), por um lado o valor aspetual contínuo dar-se-á através da progressão do evento durativo (daí se falar num valor *progressivo*, PROG) e, por outro lado, também se

⁵ Conforme a definição de Cipria & Roberts (2000: 302), classes de *Aktionsart* são classes de situações. Os eventos distinguem-se dos estados por serem télicos e são divididos em processos culminados (*achievements*) e culminações (*accomplishments*), contrastando-se estas duas subclasses entre si no que respeita à duração do evento, que pode ser relativamente longa no primeiro caso e muito curta (ou instantânea) no segundo. Quanto aos estados, são atélicos e homogéneos. Estas duas propriedades – telicidade e (não) homogeneidade – são classicamente consideradas na literatura sobre o tema, que é abundante (cf. e.g. Móia 2000), embora não sejam os únicos critérios de base ontológica considerados para a distinção de classes de *Aktionsarten*.

⁶ Para tanto, é necessária alguma expressão que assinala a repetição na estrutura da frase, como será o caso do advérbio *frequentemente* (e.g., O Pedro *frequentemente* estava doente.)

podem gerar, nos contextos apropriados, o valor de habitualidade (através da iteração do evento). Ainda no que respeita ao valor habitual, é assim definido por Comrie (1987: 28):

[...] descreve uma situação característica de um período prolongado, tão prolongado que a situação referida é vista não como uma propriedade incidental do momento mas, precisamente, com um traço característico de todo o período.
(tradução minha)

Conforme salienta o autor, embora o valor habitual possa ser atingido por meio da iteração de eventos, não será necessariamente o caso, visto que muitas vezes este valor pode ser identificado em frases onde claramente não está envolvida iteração (e.g., *Simon used to believe in ghosts*).

Retomando as frases apresentadas no início deste capítulo, de seguida repetidas e reenumeradas, é possível observar, respetivamente, a expressão dos os valores *contínuo*, em (3a), *habitual*, em (3b), e *iterativo*, em (3c):

- (3) a. A Maria estava grávida.
- b. O Pedro jogava futebol de salão na Europa.
- c. O paciente tossia repetidamente devido à reação alérgica.

Na frase (3a), da associação entre a forma do IMPFI e um predicado atético (ou estativo), resulta um simples valor aspetual contínuo, focalizando o estado estar grávida em curso no passado. Como faz lembrar Oliveira (2003: 518), “embora perspectivados como tendo uma duração longa, [os predicados estativos] podem, mesmo assim, ter um fim, i.e., não acompanham o indivíduo ao longo de toda a sua vida”. Com efeito, o término da situação é com frequência salientado – o que Reyes (1990b) ressalta tratar-se, contudo, de uma implicatura associada ao contexto.

Por contraste, no exemplo (3b) o IMPFI associa-se a um predicado télico (ou eventivo). Neste caso, a referida associação possibilita haver ainda um segundo valor de habitualidade, fazendo expressar que a situação de o Pedro jogar futebol de salão foi recorrente durante o intervalo de tempo correspondente ao período em que a entidade em questão esteve na Europa. Atente-se que, se ignorado o Sintagma Preposicional (SP) *na Europa*, esta frase pode ainda expressar uma leitura semelfactiva da situação, caso em que aspetualmente se terá apenas um valor PROG.

Embora a repetição habitual dos eventos não seja, em geral, numericamente definida, Cunha (2013: 587) salienta ser “suficientemente relevante a ponto de ser considerada como uma propriedade característica da entidade representada pelo sujeito gramatical”. De facto, veja-se que, da leitura habitual da frase (3b), infere-se naturalmente a informação de que o Pedro possuía a propriedade ser jogador de futebol de salão.

Além disso, em conformidade com o que acontece em (3a), a enunciação da frase (3b) também pode implicar a informação de que a situação não perdura até t_0 , ou seja, que no instante em que o falante enuncia a frase (3b), o Pedro já não joga futebol de salão na Europa. Mais uma vez, tratar-se-á de uma implicatura e não de informação dada propriamente pela frase (ou pela forma verbal em uso), como mostra a possibilidade de continuá-la negando essa inferência: [(...) jogava futebol de salão na Europa], *mas não sei se continua a jogar*].

Quanto ao exemplo (3c), o mesmo ilustra o valor *iterativo*. Neste caso, há uma situação pontual (tossir) que, por repetição, se torna uma situação não pontual que se prolonga no tempo. No referido exemplo, a presença do adjunto adverbial *repetidamente* é importante para salientar o acréscimo do valor de iteração ao valor contínuo. Deste modo, é evidente que considerar apenas a forma verbal em uso pode ser insuficiente para um enquadramento adequado do perfil aspetual de uma situação, sendo este mais bem descrito quando se considera a totalidade dos elementos envolvidos.

Em relação ao valor PROG, como foi dito anteriormente, resulta da associação de um evento durativo (mais concretamente, um processo culminado) com o valor contínuo. Em razão deste facto, importa notar que a situação relevante será deixada “em aberto na ocasião contextual [...], sendo projetada para continuar num futuro imediato, mas pode facilmente mudar o seu curso ou cessar.” (*tradução minha de Timberlake, 2007 apud Mair, 2012: 803-804*). Trata-se de uma questão identificada por Dowty (1979) nos termos de *paradoxo do Imperfetivo*, e que pode ser melhor observado através do exemplo (4):

- (4) O gato atravessava a rua.

A situação de atravessar a rua naturalmente tende para um fim, i.e., está associada a um estado resultante (neste caso, ter atravessado a rua). No entanto, observe-se que, por si só, a enunciação da frase (4) não acarreta a informação de que o gato atravessou a rua, uma vez que o PROG leva a perspetivar a situação apenas em seu transcurso, podendo ter sido finalizada ou não. Há, portanto, uma aparente contradição: por um lado, o significado

da expressão predicativa inclui o término da situação de atravessar a rua e, por outro lado, o PROG indica que a situação pode não ter se completado.

Para resolver este aparente problema, são apresentadas diferentes propostas na literatura. Na análise de Dowty (1979), retomada em diversos trabalhos subsequentes (e.g., Portner, 1998), o autor sugere que o PROG codifique uma quantificação sobre um conjunto restrito de mundos possíveis (cf. secção 3.2), aos quais refere nos termos de «mundos *inércia*» (tradução minha). Ou seja, a ideia básica é a de que a semântica do PROG envolva a consideração de mundos possíveis alternativos a realidade; assim, na frase (4), ainda que o gato não tenha concluído a sua travessia em w_0 , os melhores mundo possíveis (dos mundos *inércia*) em que o gato está a atravessar a rua são mundos em que a travessia se cumpre, atingindo a situação o seu estado resultante.

Para o presente propósito, interessa entretanto apenas atentar que, para que uma frase formada com o IMPFI (e claro, com o PROG) seja verdadeira no mundo de referência (ou de avaliação), sendo interpretada no plano da veridicidade, é condição necessária e suficiente que parte da situação a que alude a frase com o IMPFI se verifique no modelo de mundo relativamente ao qual é avaliada, ou seja, considerando-se a frase (4), esta será verdadeira em w_0 se e somente se nalguma parte do eixo do tempo anterior a t_0 se verificou a situação de o gato estar a andar na rua, dirigindo-se ao lado oposto da mesma. De facto, ainda nos contextos em que ocorre o paradoxo do Imperfetivo, o enunciador não deixa qualquer dúvida acerca da realização de parte da situação enunciada. Acontece que esta situação não é observada *a posteriori* (ou seja, para além dos limites de R) e, por consequência, o seu estado resultante é deixado em aberto, não sendo relevante para a interpretação da frase.

2.3 O Imperfeito Narrativo

Em discursos narrativos (literários ou jornalísticos), é comum o recurso ao IMPFI para descrever informações que constituem o segundo plano (ou *background*) das ações que serão desenvolvidas nestas narrativas e, além disso, também para fornecer determinados efeitos estilísticos. A essa ocorrência de IMPFI, a literatura refere normalmente nos termos de Imperfeito Narrativo⁷ (e.g., Hopper, 1979; Reyes, 1990b; Fernández, 2004; Saussure & Sthioul, 2005 e Baranzini & Ricci, 2015).

⁷ Algumas vezes pode também ser identificado por Imperfeito Diegético.

Os exemplos apresentados na sequência abaixo (os dois últimos são de outras línguas, mas, como mostram as suas traduções, em Português não seria diferente) ilustram enunciados formados com o Imperfeito Narrativo:

- (5) a. A lua descia vagarosa, descambava para trás. À frente, brilhava uma grande estrela avermelhada, que nos servia de guia. (Kury, 2008: 487)

- b. La mattina dopo, però, visto che la schiena non gli faceva più così male, Herrfey tirò fuori la sua Hillman Super Minx gonfio di aspettative. Due ore dopo entrava nel parcheggio riservato al campo n° 1, adiacente all'Old [sic] England Club. (Baranzini & Ricci, 2015: 37)

‘Mas na manhã seguinte, quando as suas costas já não doíam tanto, Herrfey retirava a sua Hillman Super Minx cheio de expetativas. Duas horas depois, entrava no estacionamento reservado no campo n.º 1, ao lado do All'Old [sic] England Club.’

- c. Quiso poner mano a sus armas, pero en el mismo instante, obedientes a su señal, le cercaban los mastines de la guardia y le ponían preso. (Fernández, 2004: 73)

‘Quis segurar as suas armas, mas no mesmo instante, obedientes ao seu sinal, os mastins da guarda cercavam-no e colocavam-no preso.’

- d. À 18h42, Soper regagnait son stand. La voiture était poussée à l'intérieur deson box et toute l'équipe s'empressait d'enlever les éléments arrière de lacarosserie. (Saussure & Sthioul, 2005: 108)

‘Às 18h42, Soper voltava ao seu posto. O carro era empurrado para dentro de sua caixa e toda a equipa se apressava em remover os elementos traseiros da carroçaria.’

Conforme a definição de Bertinetto (1987: 76), o que permite contrastar o Imperfeito Narrativo do seu correspondente de cariz temporal, o Imperfeito de Referência

Temporal, é que este primeiro envolve uma *neutralização aspetual*, o que significa dizer que “a condição de <<indeterminação>>, que é típica do aspeto Imperfeito, não é preenchida no contexto relevante” (tradução minha). Por outras palavras, as ações assinaladas com o Imperfeito Narrativo, ao contrário do que acontece com o Imperfeito de Referência Temporal, são normalmente visualizadas de maneira perfeita, ou seja, delimitadas temporalmente. No entanto, Bertinetto salienta que esta neutralização aspetual é legitimada pragmaticamente, i.e., será o contexto comunicativo que fará instaurar as barreiras terminativas do evento.

Boogaart & Trnavac (2001: 222) ressaltam que, de um simples ponto de vista aspetual, o Imperfeito Narrativo será comutável com o PPS; se bem que, ao contrário deste último, “[o Imperfeito Narrativo] sempre distingue as ações ou condições que constituem o pano de fundo daquelas que são expressas com o PPS” (tradução minha).

Reyes (1990b) concorda que o Imperfeito Narrativo identifica as ações que ocupam o pano de fundo das narrativas, enquanto as ações que ocupam o plano principal – e que fazem avançar a história – são descritas com recurso ao PPS⁸. No entanto, a autora ressalta que algumas vezes o Imperfeito Narrativo pode intercalar para o primeiro plano da narrativa, concretamente para se obterem alguns efeitos estilísticos.

Fernández (2004) reconhece no Imperfeito Narrativo uma função meramente estilística, servindo por um lado para criar uma progressão lentificada das ações e, com isso, introduzir *suspense* na narrativa. Este efeito é também identificado por Araus (1995), que considera ser o recurso ao IMPFI uma maneira de o autor captar a atenção do leitor, guiando-o ao que Ruiz Campillo (1998: 308) descreve como um <<estado de contemplação>>:

[...] no curso da narração, as propriedades marcadas com o imperfeito tornam-se claramente ressaltada pelo facto de obrigar o sujeito a contemplá-las, ao invés de um simples contato através do qual um indefinido o desligaria imediatamente, movendo o ouvinte/leitor à prospecção discursiva. (tradução minha)

Certamente, as ações assinaladas com o Imperfeito Narrativo (que, como se pode observar nos exemplos apresentados em (5), constituem partes sucessivas de uma situação maior, concluída no passado⁹), apresentam-se claramente ‘dilatadas’ do ponto de vista

⁸ Conforme salienta Matos (1996: 448), isso se deve ao facto de o PPS “introduzir uma nova referência temporal no discurso, ao passo que o IMPFI, mercê do seu comportamento caracteristicamente anafórico, depende de uma referência temporal já dada no discurso”.

⁹ E, por esse motivo, interpretadas no plano da veridicidade, à semelhança do Imperfeito de Referência Temporal.

temporal, à semelhança do que se obtém com o Imperfeito de Referência Temporal¹⁰ e contrariamente ao que seria esperado com o PPS. Nesse sentido, Araus argumenta que os efeitos estilísticos são possíveis devido ao próprio aspeto Imperfetivo, concretamente à sua capacidade de se perspetivar internamente a situação. Com efeito, como assinala Bertinetto (1987), não se pode afirmar a possibilidade de comutar o Imperfeito Narrativo com o PPS sem que isso acarrete qualquer prejuízo semântico, uma vez que, como visto, este primeiro retém parte do significado do PROG.

Em última análise, embora o Imperfeito Narrativo contraste com o Imperfeito de Referência Temporal em determinados aspetos (e.g., por fixar uma interpretação perfeitiva dos eventos descritos pela frase em que ocorre e por permitir que estes sejam ordenados temporalmente; cf. a este respeito, Grisot, 2018: 11-15), por outro lado partilha características muito semelhantes com este último, como a expressão do valor temporal de passado e a expressão de um valor aspetual PROG. Por essa razão, Baranzini & Ricci (2015) indicam ser o Imperfeito Narrativo a interpretação do IMPFI mais difícil de ser explicada dentro de uma descrição coerente e unificada.

3. As interpretações de cariz modal: *questões gerais*

Além das interpretações relativas à expressão de um valor básico, de cariz temporal, o IMPFI apresenta ainda um vasto repertório de empregos, “etiquetados de diferentes formas e cujo denominador comum é o da modalização” (*tradução minha de Fernández, 2004: 461*). Nas palavras de Matos (1996: 53), constituem casos em que o dimensão temporo-aspetual do IMPFI é esvaziada (parcial ou totalmente), razão pela qual estas interpretações são designadas, entre outros termos, por “usos” ou “valores” *não temporais, não básicos, secundários ou modais*.

Vejam-se os seguintes exemplos:

(6) a. Comprava todos os doces que estão na vitrine.

b. A Maria entrava de férias amanhã.

Atente-se que a forma verbal *comprava*, na frase (6a), claramente não faz referência a uma altura do passado em que se verificava a situação de comprar todos os doces

¹⁰ Razão pela qual Cunha & Cintra (1987) referem o IMPFI como um tempo de duração mais ‘alargada’.

que estão na vitrine. Ao enunciar esta frase, o falante não declara a que a situação ocorreu de facto no mundo de referência, como o faria se estivéssemos diante de uma frase com o Imperfeito de Referência Temporal ou com o Imperfeito Narrativo, mas a conceptualizar uma situação meramente hipotética, cuja realização apenas seria possível se se cumprisse uma condição (esta predição pode ser captada encaixando-se uma condicional na frase, e.g., {*Se eu pudesse/ se eu tivesse dinheiro*}, *comprava todos os doces que estão na vitrine*). Analogamente, a anunciação da frase (6b) não acarreta a informação de que a Maria entrou de férias, o que é evidente tendo-se em vista a presença do adjunto adverbial de tempo *amanhã*, a orientar o evento para o futuro em relação a t_0 .

Em ambos os exemplos acima, faz-se alusão a situações que não constituem factos da realidade e, por esse motivo, para determinar as suas condições de verdade, ter-se-á de considerar um conjunto plural de mundos possíveis. Tem-se, mais especificamente, frases cuja interpretação introduz o plano da não veridicidade (cf. secção 3.1), as quais são de grande interesse para os estudos da modalidade.

Existem diferentes abordagens explicativas para as interpretações do IMPFI que instauram a não veridicidade. Para alguns autores, tais interpretações resultam simplesmente das características próprias das componentes temporal e/ou aspetual desta forma verbal, já tratadas anteriormente. Não obstante uma considerável parcela destes estudiosos atribuir uma maior atenção e importância à dimensão temporal ou à dimensão aspetual, as respetivas contribuições aparentemente não se excluem mutuamente, mas, pelo contrário, complementam-se.

James (1982, *apud* Hassler, 2012: 137-138), por exemplo, observa haver “[...] uma clara ligação semântica universal entre a noção de tempo passado e a noção de afastamento da realidade” (tradução minha). Aikhenvald (2004: 149) assinala que “os tempos passados são frequentemente associados a informações hipotéticas e incertas (não surpreendentemente, o passado é frequentemente visto como algo remoto e, portanto, incerto)” (tradução minha).

Em concordância com a perspetiva aspetual, Oliveira (2013: 523) indica que:

o que torna possível usar o imperfeito do indicativo com uma dimensão modal, em frases que exprimem situações projetadas para o futuro, é o facto de este tempo não ser delimitado por fronteiras que denotem quer o tempo inicial quer o tempo final de uma situação, à semelhança do que acontece com o presente do indicativo.

Por sua vez, Schmid (2010) identifica que, de um ponto de vista meramente quantitativo, a modalização das formas verbais ocorre com maior frequência entre os tempos imperfetivos, sendo raramente observada entre os tempos perfeitivos (ou seja, o PPS e os outros tempos não-presente).

Para Reyes (1990a: 50), é inadequado dizer que em frases como em (6a) e (6b) o aspecto Imperfetivo tenha sido de algum modo perdido, mas, pelo contrário, “[...] terá sido explorado ao máximo, pois apresenta-se em transcurso (sem indicação do término) o que ainda nem sequer chegou a acontecer: o aspecto Imperfetivo facilita os deslocamentos temporais do Imperfeito” (tradução minha).

A noção de *deslocação temporal* (cf. Rojo, 1974) mencionada pela autora constitui uma abordagem alternativa para as interpretações de cariz modal do IMPFI, assumindo uma posição central num vasto conjunto de trabalhos sobre esta forma verbal (e.g., Ippolito, 2004; Hassler, 2012 e Baranzini & Ricci, 2015). Em linhas muito gerais, fala-se de uma deslocação da dêixis temporal. Isto é, a informação temporal expressa pelas formas verbais “deslocadas” distingue-se da informação temporal dada pelo seu valor básico. No caso do IMPFI, nas frases (6a) e (6b), resulta que a situação descrita pela frase com o IMPFI deixa de estar temporalmente localizada no passado em relação a t_0 (sobreposta a um segundo intervalo de tempo), sendo normalmente atraída para uma posição de sobreposição a t_0 e instaurando-se um valor temporal de presente (ou de potencial realização iminente da situação). Ou seja, a situação descrita pela frase com o IMPFI é tendencialmente orientada para uma iminencialidade futura.

A relação entre o futuro e a modalidade é sobejamente conhecida (cf., e.g., Dahl, 1985; Oliveira, 1985 e Gosselin, 2013). Como mostra a estrutura de ramificação temporal apresentada abaixo, as situações do passado são irrevogáveis, ou seja, pertencem à ‘necessidade histórica’, enquanto as situações futuras naturalmente estão associadas a ramificações de diferentes possibilidades:



Figura 2. Estrutura de ramificação temporal.

Por essa razão, Gosselin (2013) argumenta que quando a situação precede R será irrevogável (ou pertencente à necessidade histórica), enquanto nas circunstâncias em que se encontra numa posição posterior a R, será uma possibilidade. A esse respeito, Oliveira (1985: 355) pontua que:

[...] a referência ao futuro determina a abertura de um leque mais ou menos amplo de mundos possíveis dependendo do conjunto de conhecimentos disponíveis em estreita relação com “*inertia worlds*” ou “planos” estabelecidos, e sobre os quais um acto linguístico particular opera restrições, pois o locutor focaliza preferencialmente uma determinada “história”.

No plano teórico da deslocação temporal, assume-se tipicamente que a incorporação de uma componente evidencial (cf. secção 3.2) no IMPFI é o que permitirá ao falante aceder ao ‘espaço das possibilidades futuras’, resultando na deslocação da sua dêixis temporal. Mais concretamente, a morfologia de passado deixa de remeter ao tempo da situação indicada na frase e passa a remeter a algum tempo relacionado (que normalmente se liga ao momento de acesso à informação de base para a asserção), relativamente ao qual a situação relevante estará temporalmente numa posição de posterioridade. Esta questão será retomada adiante.

São várias as interpretações do IMPFI identificadas pela literatura como parte do inventário de ‘Imperfeitos Modais’. Antes de explorar cada uma delas, importa entretanto retomar algumas das noções já mencionadas anteriormente e que carecem de um aprofundamento, visto que serão particularmente úteis ao analisar estas interpretações individualmente, no capítulo seguinte.

Assim, na subsecção 3.1, expor-se-á um breve panorama de estudos sobre modalidade, buscando-se, entre outras questões, elucidar as noções de *realis* e *irrealis* (e outras que se ligam a estas), além de identificar algumas das principais tipologias de modalidade documentadas na literatura. De seguida, na subsecção 3.2, considerar-se-á a questão das fontes de conhecimento disponíveis ao falante, as quais permitirão antever o tipo de conhecimento na base de uma enunciação com o IMPFI de cariz modal. Num segundo momento, tentarei mostrar que, a depender da natureza deste conhecimento de base, haverá um ou outro posicionamento avaliativo por parte do enunciador.

3.1 A componente modal

A modalidade é uma categoria de significação desenvolvida originalmente na Lógica Filosófica, que remonta às reflexões aristotélicas da Antiguidade Clássica e constitui uma pujante área de investigação também nos estudos da linguagem. Numa perspetiva estrita e formal, quer seja linguística quer seja filosófica, a modalidade relaciona-se com as noções de *possibilidade* e de *necessidade*. Num sentido amplo, este termo pode ainda ser empregue “para referir a qualquer tipo de modificação do falante em relação a um estado de coisas, até mesmo incluindo dimensões como o tempo e o aspeto”. (*tradução minha de NUYTS, 2016: 32*).

Como as categorias de tempo e aspeto, a modalidade também pode ser codificada na morfologia verbal, compondo em articulação com estas duas primeiras categorias um «domínio funcional complexo» (GIVÓN, 1995) impossível de ser segmentado, visto que:

A expressão desses valores frequentemente se sobrepõe, pois uma mesma forma, seja item lexical ou gramatical, pode ser responsável pela codificação de tempo, aspecto ou modalidade [...]. O conjunto é que assume valores de tempo, modo e aspecto, que interagem entre si. (FREITAG, 2011a: 145)

Contudo, ao contrário das categorias de tempo e de aspeto, que para Nuyts (2001) normalmente apresentam uma caracterização direta e coerente, o terreno da modalidade é mais obscuro, posto que, embora exista um vasto conjunto de estudos descritivos já realizados, permanecem ainda muitas controvérsias no que tange a questões terminológicas e conceptuais:

'Modalidade' é um dos 'oldies dourados' entre as noções básicas na análise semântica da linguagem. Mas, apesar disso, continua sendo uma das noções mais problemáticas e controversas: não há consenso sobre como defini-la e caracterizá-la, muito menos sobre como aplicar definições na análise empírica dos dados. (*tradução minha de NUYTS, 2001: 06*)

Na concepção de Palmer (2001), a modalidade difere dos domínios de tempo e aspeto no sentido em que não se refere diretamente a nenhuma característica da situação descrita pela proposição, mas simplesmente ao seu *status factual*, refletindo o contraste

entre os valores *realis* e *irrealis* (ou, entre outras terminologias, *factualidade* e *não-factualidade*, respetivamente).

Conforme Elliott (2000 *apud*, Boye, 2012: 33), uma proposição *realis* é aquela que indica que a situação corresponde a um facto. Com efeito, ao enunciar uma frase com este valor, o falante indica um total compromisso com a verdade da situação a que alude. O principal meio linguístico de que o falante dispõe para marcar *realis* é a enunciação de frases declarativas simples¹¹ (i.e., sem modalizadores que atenuem o grau de compromisso com a verdade da frase), como por exemplo *está a chover* ou *a capital de Itália é Roma*.

Quanto às proposições *irrealis*, ainda nos termos de Elliott, indicam que a situação pertence ao mundo do imaginário ou do hipotético e, com efeito, constitui algo potencial ou possível, mas que não é um facto da realidade.

O contraste entre *realis* e *irrealis* pode ser apreendido numa semântica de mundos possíveis. Neste quadro, considera-se que os operadores modais (como verbos modais ou como será o caso da forma verbal do IMPFI) quantificam sobre um conjunto de mundos possíveis, que forma a *base modal*¹² relativamente à qual a frase é interpretada (cf. Kratzer, 1981, 1991). Sendo assim, numa proposição *realis* os mundos possíveis que formam a base modal são todos idênticos ao modelo de mundo em que a frase é avaliada; já uma proposição *irrealis* está associada ou a um conjunto de mundos possíveis em que pelo menos um deles é diferente do mundo de referência (o falante indica uma *possibilidade*), ou a um conjunto de mundos possíveis universalmente distintos do mundo de referência (o falante indica *contrafactualidade*).

Existem algumas alternativas aos valores *realis* e *irrealis* para dar conta do *status* factual de uma proposição, sendo igualmente tratáveis com recurso à noção de mundos possíveis. Uma destas alternativas é a noção de *âncora extensional* e *âncora intensional*, de Farkas (1992). Neste plano conceptual, assume-se que uma proposição extensionalmente ancorada é avaliada relativamente a um único mundo possível, que pode ser w_0 , como em (7a), ou outro mundo possível, como se verifica com a oração sublinhada em

¹¹ Por esta razão, nas frases declarativas simples é possível acrescentar o SN *É verdade que* sem qualquer prejuízo ou alteração substancial do seu significado (e.g., *É verdade que* *está a chover/a capital de Itália é Roma*).

¹² Conforme Kratzer, a base modal pode ser *epistémica* ou *circunstancial*. No primeiro caso, corresponde a um conjunto restrito de mundos possíveis compatíveis com os conhecimentos e crenças do falante; no segundo caso, corresponde a um conjunto de mundos possíveis compatíveis com dadas circunstâncias. Além de uma base modal, a autora considera que os operadores de modalidade, como será o caso do morfema flexional do IMPFI, envolvem *força modal* (e.g., *possibilidade* e *necessidade*) e uma *fonte de ordenação*, que pode ser de tipo *bulética* (ou *desiderativa*), *deôntica* ou *teleológica*.

(7b), que é avaliada relativamente ao sonho a que a frase matriz faz referência, e com uma âncora intensional a interpretação da frase envolve a consideração de um conjunto plural de mundos possíveis, como se verifica na oração sublinhada, em (7c), em que o verbo da frase matriz cria um contexto que inclui mundos em que a oração completiva é verdadeira e mundos em que não o é:

- (7) a. Hoje estou cansado, não vou ao ginásio.
b. Esta noite sonhei que estava no Brasil.
c. Hoje quero deitar-me cedo.

Outra proposta é a noção de *veridicidade* (relativizada ou subjetiva) de Giannakidou (1999 e vários outros textos). Usando este conceito, pode dizer-se que os casos de IMPFI de cariz temporal ocorrem num contexto *verídico*. Isto é, as frases em que aparecem são interpretadas num espaço modal formado unicamente por mundos-*p* (mundos em que a proposição é verdadeira). Por outro lado, os casos de IMPFI de cariz modal ocorrem em contextos de *não verídicos*, quando as frases em que ocorrem são interpretadas num espaço modal heterogéneo, formado por mundos-*p* e mundos não-*p*, ou de *antiveridicidade*, quando as frases são interpretadas num espaço modal formado unicamente por mundos não-*p*.

Identificam-se tradicionalmente diferentes tipologias de modalidade na literatura linguística e filosófica, nem todas elas consensuais (cf., e.g., Oliveira & Mendes, 2013; Rescher, 1968 e Von Wright, 1951). Entre algumas das mais tradicionais, incluem-se as que distinguem modalidades epistémica (8a), deôntica (8b), dinâmica (8c), (8d), e desiderativa (8e):

- (8) a. O João deve estar cansado.
b. A renda tem de ser paga até ao dia 8.
c. A Maria é capaz de correr 10 quilómetros.
d. Para comprar o livro de linguística que precisas, podes ir até a livraria.
e. Eu quero ganhar a melhor prenda.

Os operadores de modalidade epistêmica (como o verbo modal *dever*, na frase (8a)) indicam um posicionamento avaliativo do enunciador em termos de *possibilidade* ou *necessidade* de realização da situação tendo em conta os conhecimentos e crenças disponíveis. Com a enunciação de (8a), por exemplo, o enunciador assinala considerar possível a realização da situação de o João estar cansado. Sendo assim, o verbo *dever* introduz um espaço modal formado por mundos-*p* (i.e., mundos em que o João está cansado) e por mundos não-*p* (i.e., mundos em que o João não está cansado), mundos estes compatíveis com o conhecimento que dispõe o enunciador, que para asserir a frase se pode basear, e.g., numa inferência a partir de uma pista visual que indicie *p*. Este conjunto de mundos-*p* e mundos não-*p* forma a base modal ligada à frase. O conjunto inclui pelo menos um mundo possível em que a frase *o João está cansado* é verdadeira, mas também mundos em que é falsa (i.e., ao enunciar (8a), o falante não indica que tem como verdadeira a frase *o João está cansado*; *dever* cria um contexto não verídico).

Já os operadores de modalidade deôntica assinalam *permissão* (possibilidade) ou *obrigação* (necessidade) de realização da situação, tendo-se em vista um conjunto de leis, regras ou normas estabelecidas. Com a enunciação da frase (8b), por exemplo, o falante informa que a renda ser paga até ao dia 8 é uma obrigação a ser cumprida. Nesse sentido, há quantificação universal sobre o conjunto de mundos possíveis que formam a base modal ligada à frase (neste caso, mundos compatíveis não com aquilo que o falante sabe ou acredita, mas com o que as leis, regras ou normas determinam) e em todos eles a situação descrita na frase se cumpre.

Quanto à modalidade dinâmica, conforme Nuyts (2001: 34), indica uma avaliação em termos de *capacidade* de a entidade identificada pelo sujeito gramatical da frase realizar o que é expresso pelo enunciado. Atente-se que na frase (8c) o falante está a fundamentar esta avaliação nas capacidades puramente internas (ou inerentes) à entidade em questão; contudo, Nuyts ressalta que nem sempre será o que acontece, tal como se constata, por contraste, na frase (8d), onde o falante considera não as capacidades internas do sujeito, mas aquilo que as circunstâncias externas, pertencentes ao *plano da ação* (cf. Nuyts & Auwera, 2016: 37), impõem. Por esse motivo, alguns autores preferem abordar a modalidade dinâmica recorrendo a duas categorias distintas (e.g., Oliveira e Mendes, 2013), correspondendo a frase (9c) à expressão da modalidade *interna ao participante* e a frase (8d) à da modalidade *externa ao participante*.

Finalmente, um outro tipo de modalidade frequentemente identificada é a que se designa por desiderativa (ou bulética ou volitiva), que se prende com o eixo dos desejos¹³. Conforme a definição de Oliveira & Mendes (2013), os operadores de modalidade desiderativa assinalam uma avaliação do falante em termos de *conveniência* ou *necessidade* de realização de determinado desejo. Na frase (8e), por exemplo, o desejo em causa é o de ganhar a melhor prenda, sendo este avaliado com um valor de necessidade, na medida em que o falante expressa um forte desejo de que a situação indicada na frase se cumpra.

3.2 A componente evidencial

Os estudos sobre a evidencialidade ocupam-se das fontes em que se baseia uma asserção. Trata-se de uma área de investigação relativamente nova nas ciências da linguagem, tendo-se dado o seu início na década de 1980, com a observação de algumas línguas nativas americanas.

Como salienta Aikhenvald (2004), todas as línguas naturais possuem meios de fazer referência ao modo como a informação expressa num enunciado foi obtida, embora nem todas o façam da mesma maneira. Quando gramaticalizada, a evidencialidade é, tipicamente, uma categoria de natureza verbal, “o que é esperado, uma vez que são os verbos que codificam informações sobre situações” (*tradução minha de Forker, 2018: 65*).

Ainda nas palavras de Aikhenvald, os evidenciais podem cobrir um vasto conjunto de informações:

Um morfema evidencial geralmente cobre várias fontes de informação. Por exemplo, uma evidência normalmente refere-se a coisas que se ouve, cheira e sente pelo toque. Para ser considerado como evidencial, um morfema deve ter “fonte de informação” como seu significado principal; isto é, a interpretação padrão, não marcada. (*tradução minha de Aikhenvald, 2004: 03*)

Willett (1988) foi pioneiro em apresentar uma proposta tipológica de evidenciais. Para o autor, existem dois grandes meios linguísticos que indicam como são acedidas as fontes da informação: *o meio direto* e *o meio indireto*. Em sua concepção, uma evidência será obtida diretamente quando o falante testemunhar por si próprio (ou seja, em primeira

¹³ Alguns autores (e.g. Palmer, 2001) consideram a modalidade desiderativa como uma variação da modalidade deontica, não reconhecendo, pois, a primeira como uma categoria autónoma.

mão) a situação que descreve, apresentando-se como a fonte da informação. Os meios de acesso direto, segundo o autor, são sensoriais: a visão (*p*, porque eu vi *p*), a audição (*p*, porque eu ouvi *p*), ou um outro sentido qualquer. Conforme Willett, em geral o falante não especifica a evidência sensorial considerada.

Por contraste, uma evidência será indireta quando a informação de que o falante dispõe acerca da situação aludida por ele não for experienciada em primeira mão. Sendo assim, esta informação deverá ser de tipo mediada (ou reportada), o que significa dizer que foi disponibilizada por um outro indivíduo (uma segunda ou uma terceira pessoa) ou fazer parte de folclore ou senso comum. Alternativamente, a evidência também poderá ser de natureza inferencial, seja através de uma pista observável que leva a deduzir *p* (neste caso, obtida por via sensorial: a visão, audição, etc.), seja através de um constructo mental (e.g., uma intuição, uma dedução lógica, etc.). Assim, o autor obtém o seguinte esquema (*tradução adaptada de Willett, 1988: 57*):

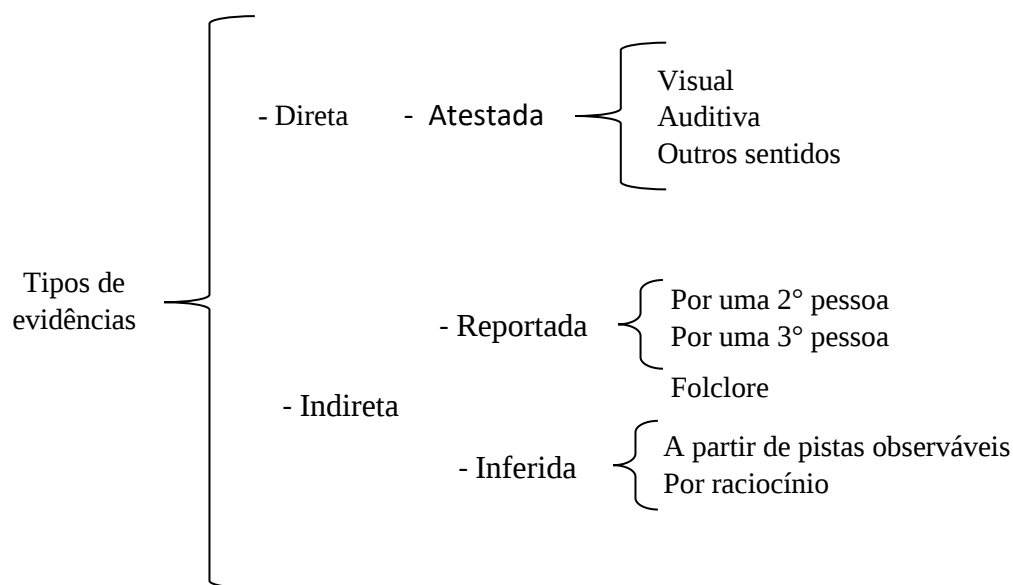


Figura 3. A tipologia de evidências de Willett (1988)

Plungian (2001) propõe alguns ajustes na taxonomia de Willett, tomando os parâmetros de acesso direto e acesso indireto à informação e introduzindo as noções de *acesso pessoal* e de *acesso não-pessoal* (ou acesso mediado). Com isso, estabelece as seguintes possibilidades para fundamentar a asserção de uma proposição:

- (i) O falante observou *p* diretamente (valor *visual*)

- (ii) O falante percebeu *p* diretamente, mas não visualmente: a percepção visual não foi usada (valor *sensorial*¹⁴), a percepção visual não era possível (valor *endofórico*¹⁵).
- (iii) O falante não percebeu *p* diretamente, sendo separado de *p* no espaço ou no tempo. No entanto, o falante teve acesso a algum outro tipo de informação sobre *p*. Assim, existem três possibilidades: a) o falante observa alguma situação que aponta para *p* (uma inferência); b) o falante conhece algo que sugere a possibilidade de *p* (uma presunção); c) o falante recebe a informação de uma outra pessoa (uma reportagem).

(tradução e adaptação minhas de Plungian, 2001: 351-352)

Observando-se que o valor reportativo corresponderá a não mais do que um tipo de inferência, “porque uma evidência de outras pessoas nada mais é do que uma ‘situação apontando para *p*’” (tradução minha de Plungian, 2001: 352), Plungian sugere uma reformulação para o ponto (iii): o falante teve acesso a alguma informação sincrônica de *p* (incluindo-se uma evidência de outra pessoa); o falante teve acesso a alguma evidência *a posteriori* (algo interpretado como um resultado ou consequência de *p*) ou o falante teve acesso a alguma evidência *a priori* (algo interpretado como uma causa ou um pré-requisito para *p*).

Como resultado, o autor consegue dar conta de algumas diferenças translinguísticas para as quais a análise de Willett se mostrava insuficiente e, além disso, consegue estabelecer uma fronteira entre uma evidência *a priori* e outras evidências indiretas, “formando uma oposição entre um conhecimento motivado por racionalização [*a priori*] e conhecimento motivado por observação [*a posteriori*].”(p. 352, tradução minha).

Assim, Plungian chega à seguinte taxonomia de evidenciais (tradução adaptada de Plungian, 2001: 351):

¹⁴ O valor sensorial envolve a obtenção de uma informação através de outros meios sensoriais alternativos à visão, como a audição. Na taxonomia de Plungian, o meio visual encontra-se num nível mais elevado em relação aos demais por considerar ser este primeiro o mais direto.

¹⁵ Enquanto a percepção sensorial envolve a obtenção de uma informação através dos sentidos, tais como a audição, uma percepção endofórica, por outro lado, relaciona-se com os estados internos (mentais ou físicos) do indivíduo, como um medo, um desejo, uma dor, etc.

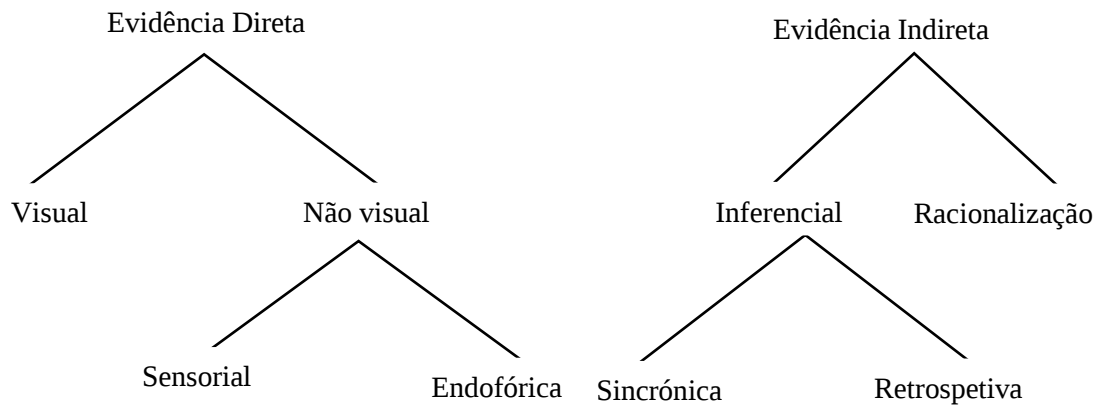


Figura 4. A tipologia de evidenciais de Plungian (2001)

Conforme Dendale & Tasmowski (2001: 343), quando a evidencialidade é concebida num sentido amplo, outros subdomínios são adicionados, como o da modalidade. A relação entre evidencialidade e modalidade bem como os respetivos limites são ainda questões que acendem um grande debate na literatura, não existindo um consenso a este respeito. Na concepção de Palmer (2001), por exemplo, a evidencialidade constitui-se enquanto um subdomínio da modalidade, conjugando-se com a expressão da modalidade epistémica:

[...] a diferença fundamental entre esses dois [...] é que, com a modalidade epistémica, os falantes expressam os seus julgamentos sobre o *status* factual da proposição, ao passo que, com a modalidade evidencial, indicam a evidência que possuem para o seu *status* factual. (tradução minha de Palmer, 2001: 08)

Aikhenvald (2004) entende que a interação entre os dois domínios resulta de uma ‘extensão semântica’ dos evidenciais. Para a autora, muitos estudiosos tendem a assumir a evidencialidade como subdomínio da modalidade “em grande parte devido à sua ausência nas principais línguas europeias, tentando assim explicar uma categoria incomum em termos de alguma outra noção mais convencional” (p. 13, tradução minha). Não obstante, ressalta que embora os evidenciais possam indicar um posicionamento do falante em relação à validade de uma determinada informação, não o fazem necessariamente. Nesse sentido, defende um estatuto autónomo para a evidencialidade, que considera “uma categoria por direito” (p. 04, tradução minha).

Punlian (2010) estabelece uma relação mais estreita entre modalidade e evidência indireta, observando que as evidências indiretas não apenas expressam valores evidenciais como também diferentes valores modais. Na sua opinião, a base pragmática para tal proximidade consiste no facto de os falantes avaliarem as situações que não são fundamentadas em observações sincrónicas diretas como mais fiáveis ou menos. Nesse sentido, admite ser mais adequado referir que os evidenciais epistémicos expressem não uma “incerteza” do falante, como normalmente é dito na literatura, mas uma ‘distância epistémica’. Nos termos do autor, os falantes tendem a abster-se de assumir a responsabilidade pela verdade de um enunciado quando a evidência disponível não entra na sua esfera pessoal (ou seja, não é suficientemente direta para justificar a crença do falante na verdade do que enuncia).

No trabalho de Boye (2012), que se destaca por ser o primeiro a tentar estabelecer um elo conceptual entre evidencialidade e modalidade epistémica, apoiando-se num conjunto robusto de dados tomados de várias línguas, o autor refere os evidenciais nos termos de «justificações epistémicas» para uma asserção. Na linha de Aikhenvald (2004), reconhece que a relação dos evidenciais com a modalidade se dá através de ‘extensões semânticas’ do seu significado, mais especificamente pela adição de uma segunda camada de significação, i.e., um dos três valores epistémicos que refere nos termos de «suportes epistémicos» para a justificação epistémica: *o total*¹⁶ (certeza), *o parcial* (probabilidade) e *o neutro* (possibilidade); compondo, em articulação, a noção de *epistemicidade*.

Na figura abaixo (*tomada de Boye, 2012: 171*), a epistemicidade encontra-se representada no retângulo tracejado superior maior:

¹⁶ Conforme o autor, o suporte epistémico total pode ser positivo (suporte total para *p*) ou negativo (suporte total para não-*p*).

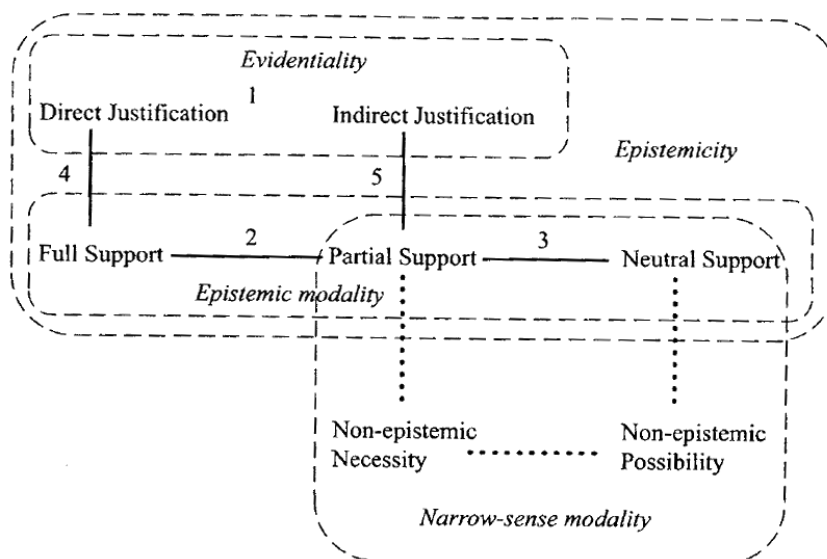


Figura 5. A epistemicidade e a modalidade em sentido restrito em Boye (2012)

Como se observa no mapa de Boye, uma justificação direta (que tipicamente corresponde a uma evidência sensorial, especialmente quando obtida por meio da visão) fornece um suporte epistêmico total¹⁷, o que significa dizer que será suficiente para assegurar a crença do falante na verdade de uma proposição, uma vez que estará “totalmente assimilada/integrada na consciência do indivíduo como algo bem justificado e inquestionável” (*tradução minha de Shinzato, 1991, apud, Boye: 2012: 45*). Por contraste, uma justificação indireta (inferências e discurso mediado), em geral, fornece menores graus de certeza¹⁸ e, com efeito, um suporte parcial ou um suporte neutro.

Além de representar uma relação entre os evidenciais (justificação direta e justificação indireta) e os valores epistêmicos (suporte total, parcial ou neutro), o mapa de Boye (2012) também ilustra a relação destes com a modalidade num sentido mais restrito, onde os valores de possibilidade e de necessidade correspondem a casos não marcados de modalidade (*‘scattered coding’*); ou seja, não constituem um sistema de significação morfossintático. É a partir destes valores apriorísticos que o autor supõe derivar, *a posteriori*, a epistemicidade.

No capítulo seguinte, ocupar-me-ei de apresentar e analisar um conjunto de interpretações do IMPFI documentas pela literatura como pertencente ao inventário dos

¹⁷ Atente-se, contudo, que nem sempre uma evidência sensorial envolverá acesso direto (e, portanto, corresponderá a uma justificação direta), posto que a informação relevante pode não ser suficiente para assegurar (ou atestar) *p*.

¹⁸ No caso das justificações reportadas, não raramente cobrem diferentes regiões da escala epistêmica, recebendo desde um suporte neutro (possibilidade) a um suporte total (certeza). Quanto às inferências, entretanto, Boye (2012) ressalta que a atribuição de um suporte total será muito menos provável.

‘modais’. Entre outras questões, buscar-se-á averiguar como o significado evidencial das frases formadas com um destes casos de IMPFI interage com o significado modal (epistémico ou não) que expressam, a fim de identificar possíveis regularidades que aproximem o conjunto de interpretações inventariado e que permitam, num segundo momento, fornecer uma base para a proposta de classificação que será desenvolvida.

CAPÍTULO II

PARA UM REVISÃO DOS VALORES NÃO TEMPORAIS DO IMPERFEITO

CAPÍTULO II

PARA UMA REVISÃO DOS VALORES NÃO TEMPORAIS DO IMPERFEITO

1. INTRODUÇÃO

Este capítulo dedica-se ao inventário das interpretações não temporais do IMPFI, agrupadas no conjunto que se convencionou chamar por ‘Imperfeitos Modais’. Antes, importa entretanto salientar que as terminologias adotadas para referir estas interpretações podem variar de autor para autor. Sendo assim, optarei por aquelas mais comumente usadas na literatura em Português. Além disso, posto este conjunto não ser numericamente definido e nem consensualmente aceite, naturalmente pode haver outros casos de interpretação de cariz modal do IMPFI dispersos na literatura que não sejam contemplados. Todos os casos que serão apresentados e analisados neste capítulo foram obtidos a partir de uma pesquisa de cunho bibliográfico, tendo sido consultados autores não só de literatura em língua portuguesa como também de literatura em língua estrangeira.

2. O Imperfeito de Cortesia

O vulgarmente chamado Imperfeito de Cortesia (ou, alternativamente, de ‘delicadeza’, de ‘mitigação’ ou de ‘atenuação’) representa uma das interpretações de cariz modal mais conhecidas e descritas na literatura para a forma do IMPFI, não apenas em trabalhos dedicados ao Português (e.g., Bechara, 1928; Cunha & Cintra, 1987 e Cunha, 2013), como também em trabalhos dedicados a muitas outras línguas, tais como o Espanhol (e.g., Araus, 1995 e Fernández 2004), o Francês (e.g., Saussure & Sthioul, 2005) e o Italiano (e.g., Farkas, 1998 e Nannoni, 2004).

Vejam-se abaixo alguns exemplos do Português e de outras línguas, acompanhados (quando for o caso) de suas traduções:

- (9) a. Queria um café, por favor. (Cunha, 2015: 158)
- b. Sr. Manuel, eu desejava telefonar. (Bechara, 1928: 277)
- c. – Tive alta ontem, e vinha agradecer a V. Ex.^a... (Cunha & Cintra: 1987: 451)

- d. – Pedro, eu vinha exclusivamente para tratar de negócios. (ib.: 451)
- e. Quería explicarle mi problema. (Araus: 1995: 181)
 ‘Queria explicar-lhe o meu problema’
- f. Volevo del pane, grazie. (Ippolito, 2004: 360)
 ‘Queria um pão, obrigado.’
- g. – ¿y usted qué deseaba joven? (Fernández, 2004: 83)
 ‘– E tu, o que desejavas, jovem?’
- h. Cosa desiderava, signore? (Farkas, 1998: 70)
 ‘O que desejava, senhor?’

Na gramática de Bechara (1928), o Imperfeito de Cortesia é apresentado como próprio para pedidos e solicitações. Nas palavras do autor, o seu emprego “ou denota que duvidamos da realização do facto ou exprime um desejo feito com modéstia ou com um simples propósito” (p. 277). Por seu turno, Cunha & Cintra (1987) observam que, à parte os contextos em que o falante pretende atenuar um pedido, pode também ser empregue em frases afirmativas como uma simples estratégia de polidez.

A primeira constatação a fazer a respeito das frases apresentadas em (9) é o facto de envolverem estados internos, como desejos, planos e/ou intenções. Os exemplos (9a-f) claramente aludem a desejos/intenções do próprio enunciador e, os exemplos (9g-h), aludem a desejos/intenções do interlocutor. Ademais, as situações correspondentes a estes estados encontram-se, em todos os casos, temporalmente atraídas até t_0 (o que sugere uma deslocação da dêixis temporal do IMPFI); ou seja, apesar de o falante perspetivar a situação indicada na frase (o desejo/intenção relevante) num ponto do passado, indica que a sua realização é esperada num ponto do eixo do tempo posterior a este PPT passado, concretamente numa iminencialidade futura em relação a t_0 .

Além disso, posto que a enunciação das frases (9a-f) fundamenta-se em percepção direta (endofórica, já que tem como base um estado interno do falante), a nível epistémico

as mesmas recebem unicamente um suporte total, o que significa a inexistência de qualquer insegurança do falante quanto ao sentimento de desejo em si¹⁹. Nestes casos, a introdução do plano da não veridicidade na interpretação dos enunciados resulta da indicação de um posicionamento avaliativo do falante em termos de conveniência ou necessidade de realização do seu desejo face às circunstâncias (ligando-se, portanto, ao plano da ação).

Tais observações não podem ser estendidas às frases interrogativas (9g) e (9h)²⁰. Contudo, note-se que a enunciação destas frases se fundamenta não em percepção direta (endofórica), mas indireta. Por outras palavras, o falante conhece a existência dos desejos/intenções indicados pelas interrogativas (9f) e (9g) apenas por meio de inferências ou de discurso mediado. Com efeito, ao contrário das frases declarativas, em (9a-f), os graus de ressalva manifestados nestas frases com o IMPFI – e que fazem remeter a sua interpretação para o plano da não veridicidade – residem na confiança do enunciador em relação ao que viu ou ouviu. Há, portanto, uma avaliação restrita ao nível epistémico.

Para ilustrar a possibilidade de fundamentar a enunciação de (9h) numa inferência, imagine-se um contexto situacional onde a funcionária de um banco está num balcão de atendimentos quando chega um cliente. Neste contexto, a presença do cliente (uma pista sincrónica de (9h)) legitima a dedução de que ele deseja algo. É esta evidência inferida que fundamenta a enunciação de (9h). Recorrendo à forma do IMPFI, o falante indica algum afastamento em relação à verdade da proposição correspondente à interrogativa enunciada, que neste caso tem por base apenas numa inferência. Veja-se por contraste que, se o falante fizesse uso da forma do PRES, não colocaria em dúvida a existência do desejo do cliente (e.g., *o que deseja, senhor?*).

Alternativamente, para exemplificar a possibilidade de fundamentar a enunciação de (9h) em discurso mediado, imagine-se que A diz a B que deseja ir ao mercado comprar cenouras e, passado algum tempo, B esquece-se do que foi que A disse desejar e pergunta. Analogamente, ao enunciar (9h), B estará a indicar algum afastamento quanto ao sentimento de desejo de A, relativamente ao qual possui apenas uma pista que indicia a sua existência (neste caso, uma informação mediada). Embora se trate de contextos comunicativos claramente distintos, não parece haver qualquer diferença entre os dois casos do

¹⁹ E por isso a impossibilidade de construções como { **é possível/*é provável* } que eu *desejava* telefonar agora.

²⁰ Embora não se trate de frases do Português, mas apresentadas para outras línguas, as observações feitas a respeito das mesmas podem ser consideradas para frases análogas em Português, também com a forma do IMPFI.

simples ponto de vista da modalidade: tanto em (9g) quanto em (9h), o falante recorre ao IMPFI para assinalar um afastamento em relação à existência do sentimento de desejo de seu interlocutor, dado a conhecer apenas indiretamente.

Há evidentemente que considerar que nestes dois últimos exemplos – assim como nos primeiros, aliás – a escolha pelo IMPFI certamente soma-se a uma estratégia de atenuação (ou de cortesia), de modo que, ao apenas assinalar presumir a existência dos desejos/intenções do interlocutor, o falante consegue proteger a sua *face* (cf., e.g., Lima, 2006) no caso de receber uma resposta negativa (i.e., em relação ao exemplo (9h), se eventualmente a pessoa que está a frente do balcão não quiser nada).

Oliveira (1986) considera a hipótese de haver implícita, nas frases com o Imperfeito de Cortesia, uma oração condicional (*se possível, se estivesse de acordo*), que, segundo a autora, seria omitida ao optar pelo PRES, implicando a informação de que o falante não encara a possibilidade de recusa do pedido por parte do interlocutor, o que anularia o valor de cortesia. Trata-se de uma hipótese igualmente seguida por vários outros autores, entre os quais Rojo (1974), Rivero (1978), Matos (1996) e Vatrican (2013).

Como se observa ao comparar os exemplos (9a-h) com os seus correspondentes com as condicionais encaixadas, em (10a-h), nas frases declarativas a realização das orações condicionais não provoca qualquer anomalia ou alteração clara de significado:

- (10) a. {se possível/ se estivesse de acordo} queria um café, por favor.
- b. Sr. Manuel, {se possível/ se estivesse de acordo}, eu desejava telefonar.
- c. Tive alta ontem e, {se possível/ se estivesse de acordo}, vinha agradecer a V.Ex.^a...
- d. Pedro, {se possível/ se estivesse de acordo}, eu vinha exclusivamente tratar de negócios.
- e. {Se possível/ se estivesse de acordo} queria explicar-lhe o meu problema.
- f. {se possível/ se estivesse de acordo} queria um pão, obrigado.
- g. E tu, {*se possível/ *se estivesse de acordo}, o que desejavas, jovem?
- h. {*Se possível/ *se estivesse de acordo} o que desejava, senhor?

Em contrapartida, nas frases interrogativas a presença das condicionais indicadas não é aceitável. Não considerando por agora o efeito das orações condicionais a nível pragmático (concretamente, a questão da cortesia linguística), importa observar que este contraste sinaliza diferentes interpretações modais: ao realizar as orações condicionais nas frases declarativas, aparentemente o falante torna visível (*overt*) a base modal, que reflete um posicionamento avaliativo orientado para as possibilidades disponíveis no plano da ação. Dito isto, a sua incompatibilidade com as formas interrogativas não será uma surpresa, posto que nestes casos não se trata de haver uma avaliação orientada para o plano da ação mas para os conhecimentos e crenças do falante, i.e., uma avaliação no nível epistémico, indicando um maior ou menor compromisso do falante quanto à existência do desejo a que se refere.

Embora a cortesia linguística e a modalidade sejam noções completamente distintas, sendo esta primeira pertencente à Pragmática, concretamente ligando-se à teoria dos atos de fala (cf. Lima, *op. cit.*), as observações feitas até aqui sugerem fortemente a hipótese de que a modalização de um enunciado no âmbito das possibilidades, através do recurso ao IMPFI, possa servir como uma ‘ponte’ para a cortesia linguística. Isto é, ao assinalar um posicionamento de avaliação em termos de graus de possibilidade, independentemente de esta avaliação se dar a nível epistémico ou a nível do plano da ação, o falante soará menos incisivo (e por isso mais cortês) ao dirigir-se ao seu interlocutor do que o soaria se estivesse a indicar um posicionamento em termos de necessidade. Por isso ao comutar a forma do IMPFI com o PRES tanto o valor de cortesia quanto a possibilidade de encaixar as orações condicionais na estrutura da frase estarão suspensos, visto que a base modal com esta última forma verbal será universalmente formada por mundos-*p* (i.e., ao dizer *quero um café*, o enunciador indica que em todos os mundos que formam a base modal ele quer um café; já ao dizer *queria um café*, indica que há na base modal mundos em que não quer um café). Por outras palavras, com o PRES o falante assinala admitir unicamente mundos concomitantes com os seus desejos, ao contrário do IMPFI, em que salienta a possibilidade de não-*p*, fazendo restringir a assertividade²¹ dos enunciados e, com efeito, remetendo a sua interpretação para o plano da não veridicidade.

Em suma, nas frases declarativas e nas frases interrogativas o Imperfeito de Cortesia envolve significados modais distintos, pelo que do simples ponto de vista modal parece fazer sentido distinguir os dois casos. Nas declarativas, o recurso ao IMPFI

²¹ Entenda-se a *assertividade* como uma enunciação através da qual o falante se compromete com a verdade daquilo que está a enunciar.

assinala uma avaliação do falante em termos de conveniência ou necessidade de realização dos seus desejos face às possibilidades disponíveis no plano da ação (as circunstâncias), o que dentro das tradicionais categorias de valores modais sinaliza a expressão da modalidade desiderativa. No segundo caso, o recurso ao IMPFI assinala um afastamento do falante quanto à verdade da proposição subjacente à interrogativa, de modo a indicar apenas presumir a existência do desejo/intenção que refere, conhecido apenas indiretamente. Trata-se, portanto, de uma modalização epistémica.

Finalmente, viu-se que embora não seja possível referir a cortesia linguística como um valor propriamente de natureza modal, a referência à noção de possibilidade por meio do IMPFI (por contraste com o PRES, que indicaria necessidade, ou seja, apenas mundos em que a proposição enunciada é verdadeira) parece contribuir para gerar o valor de cortesia nos exemplos analisados.

3. O Imperfeito Iminencial

A expressão da iminencialidade por meio das formas verbais é analisada na literatura sob diferentes óticas, como a da aspetualidade, da modalidade, e da relação modal-aspetual. À parte o ângulo de análise, o IMPFI é com frequência identificado como uma forma verbal capaz de veicular este valor. Entre os autores que dispendem um olhar para a expressão da iminencialidade através do IMPFI encontram-se, e.g., Bertinetto (1986), Matos (1996), Ebert & Groot (2000), Freitag (2011b), Nannoni (2004) e Brucart (2011).

Seguem-se abaixo alguns exemplos indicados na literatura para o Português e para o Espanhol:

- (11) a. Um moleque maior falou que ia bater nele na hora do recreio.

(Freitag, 2011b: 3654)

- b. Ele ia acender um cigarro.

(*Ib.*: 3655)

- c. [...] uma tarefa que, por muito elementar que pareça, estava por concretizar em muitas instituições.

(*Ib.*: 3657)

- d. Yo salía, cuando sonó el teléfono.

(Reyes, 1990c: 104)

‘Eu estava para sair, quando tocou o telefone’

e. Ya nos íbamos.

(Brucart, 2011: 02)

‘Já estávamos para sair.’

Conforme a definição de Brucart (2001: 02), ao empregar o Imperfeito Iminencial “o falante informa da intenção prévia de executar uma ação ainda não colocada em prática” (tradução minha). Por seu turno, Bazzanella (1990) relaciona este caso de IMPFI à expressão de ações tentadas ou interrompidas, ou seja, situações que tiveram um início na realidade mas que podem não se ter completado ou que não se completaram.

Em relação à frase (11a), importa primeiramente atentar que a mesma envolve o estilo de discurso indireto. Com a sua enunciação, o falante cita o conteúdo do que foi reportado por uma terceira pessoa, identificada pelo sujeito gramatical da frase (um moleque maior). Além disso, recorrendo a esta perífrase com o IMPFI, aparentemente o falante assinala algum afastamento no sentido de mitigar o seu compromisso com a verdade da informação dada pelo enunciado que, como dito, tem origem em discurso mediado. Tal afastamento resulta ou da ausência de uma atualização da informação (o falante não sabe se a situação veio de facto a ter lugar na realidade) e, por isso, abstém-se da responsabilidade de assegurar a sua verdade, ou porque a informação atualizada – partilhada pelos interlocutores no contexto comunicativo – dá conta de que a situação não progrediu para o plano da ação. No primeiro caso, o falante indica tratar-se de uma mera possibilidade compatível com a informação de que dispõe até *t₀*; no segundo caso, o falante indica contrafactualidade. Daí que seja possível continuar a frase com *não sei se lhe chegou a bater* ou com *mas não bateu*, respetivamente.

Com a enunciação de (11b) e (11c), o recurso ao IMPFI igualmente pode assinalar um afastamento epistémico. Neste caso, a enunciação fundamentar-se-á em evidência indireta, quer seja um discurso mediado, como em (12a) e (12b), quer sejam inferências, como em (12c) e (12d):

(12) a. Ele ia acender um cigarro {segundo o que me disseram}.

b. [...] a tarefa estava por concretizar {pelo que me informaram}.

c. Ele ia acender um cigarro {pois era noite e eu sei que ele fuma todas as noites}.

- d. [...] a tarefa estava por concretizar {pois era janeiro e essas tarefas não se concretizam antes de janeiro}.

Há também a possibilidade de a enunciação de frases como (11b) sinalizarem o valor básico do IMPFI. Neste caso, tendencialmente haverá uma evidência direta na base da asserção que atesta parte da situação a que o enunciado refere:

- (13) Ele ia acender um cigarro {vi-o com o cigarro nas mãos}.

As fronteiras entre as diferentes interpretações possíveis através das frases formadas com estas perífrases são bastante ténues, sendo muitas vezes difícil estabelecer uma distinção clara e precisa sem que seja necessário recuperar todo o contexto comunicativo. Não explorarei esta questão com pormenor, limitando-me a indicar o trabalho de Cunha (2015), que se debruça sobre a semântica das estruturas formadas com a perífrase *ia + Infinitivo* e cujas observações, *a priori*, parece extensíveis às estruturas com a perífrase de tipo *estava + por + infinitivo*.

O que interessa para o presente propósito é atentar que, do simples ponto de vista da modalidade, tanto nas frases (12a) e (12b) quanto nas frases (12c) e (12d), as perífrases com IMPFI assinalam a modalidade epistémica: nestes casos, o falante afasta-se nalguma medida da verdade da proposição enunciada, cuja situação a que alude é conhecida apenas indiretamente, seja através de discurso mediado seja através de inferências²². Distinguem-se entre si no sentido em que, excetuando os contextos de contrafactualidade, no primeiro caso o falante atenua o compromisso com a verdade do enunciado pela ausência de uma atualização da informação reportada e, no segundo caso, simplesmente por estar a conceptualizar versões alternativas da realidade.

Cunha (2015: 153) identifica o valor expresso pela perífrase *ia + Infinitivo* em casos como (12c) nos termos de hipotético, contrastando o mesmo com um valor temporal

²² A componente evidencial não parece ser aqui um factor que leve a alguma ambiguidade na interpretação das frases. Atente-se que, independentemente de o falante basear o seu conhecimento/crença num discurso mediado ou nalguma inferência, o significado da frase mantém-se o mesmo; ou seja, em qualquer dos casos o falante assinala, através da perífrase com o IMPFI, que não endossa realização da situação a que alude na proposição, apresentando a mesma como uma possibilidade (ou contrafactualidade, dependendo do contexto). O interesse aqui consiste unicamente em ilustrar as diferentes maneiras de processamento do conhecimento/crença do falante a partir de origens distintas (embora constituam ramificações de uma mesma fonte indireta).

que indica para casos como (13), referindo este último nos termos de «prospetivo». Conforme o autor:

[...] a estrutura ir + Infinitivo no Imperfeito com valor hipotético diferencia-se da sua correspondente prospectiva na medida em que, mais do que a mera localização da situação num intervalo posterior ao PPT selecionado, perspetiva uma eventualidade num mundo possível diferente do mundo “real” ou do mundo de referência, ou seja, supõe a existência de um mundo alternativo (“inertia world”). Nesse sentido, podemos dizer que estamos face a uma leitura essencialmente de cariz modal uma vez que somos remetidos para o âmbito dos “mundos possíveis” e do “não realizado”.

Por outras palavras, posto que de natureza iminentemente temporal, a leitura prospectiva das perífrases com o IMPFI não remete a interpretação da frase à consideração de outros mundos além do modelo de avaliação (por defeito, w_0), contrariamente aos casos em que esta perífrase expressa uma leitura hipotética (e portanto envolve um cariz essencialmente modal).

Mesmo desconsiderando os casos em que há a expressão de uma leitura temporal, não parece entretanto justificável considerar uma categoria autónoma de Imperfeito Iminencial, especialmente em razão de que – para além de ser altamente questionável haver de facto Iminencialidade nalgumas das frases apresentadas (mais notadamente nas frases com a perífrase de tipo *estava + por*) –, como foi pontuado ao longo desta secção, estamos a tratar de valores expressos pela perífrase com o IMPFI e não de valores sinalizados por esta forma verbal isoladamente.

4. O Imperfeito de Planificação

O Imperfeito de Planificação é apontado por autores como Bazzanella (1990), Oliveira (2008), Baranzini & Ricci (2015) e Cunha (2018), considerando frases como as apresentadas abaixo, para o Português e para o Italiano:

(14) a. Ia à biblioteca (amanhã). (Oliveira, 2008: 113)

b. Então, enquanto vais às compras, eu fazia o almoço e *preparava* a sobre-mesa. (Cunha, 2015: 157-158)

- c. Então, amanhã, eu trazia um bolo e fazíamos uma festa!

(Cunha, 2018: 727)

- d. Stasera andavamo a Roma; che fai, vieni? (Baranzini & Ricci, 2015: 36)

‘Íamos a Roma esta noite; o que vais fazer, vens?’

Segundo Bazzanella (1990), o Imperfeito de Planificação identifica uma situação futura, que se encontra planeada mas ainda aberta para discussão. Semelhantemente, Cunha (2018) refere envolver a projeção, para a futuridade, de determinada situação que está a ser planeada ou preparada em t_0 .

Antes de mais, importa salientar que, semelhantemente ao que se observa no conjunto de frases indicadas para o Imperfeito de Cortesia e para o Imperfeito Iminencial, os exemplos em (14) ilustram alguma expectativa do falante relativamente à realização das situações que aludem. No entanto, ao contrário do que acontece nas frases indicadas para o Imperfeito Iminencial e cuja interpretação remete para o plano da não veridicidade, a enunciação das frases em (14) fundamenta-se num estado interno do próprio falante (que, neste caso, diz-se corresponder a um plano) e, como no Imperfeito de Cortesia, a frase é avaliada em termos de conveniência ou necessidade de realização da situação, havendo, portanto, uma remissão para o plano da ação.

Tomando-se como exemplo a frase (14a), o falante indica, com recurso ao IMPFI, considerar possível (ou já não mais possível, numa leitura contrafactual) a realização da situação de ir à biblioteca amanhã (o plano relevante). Além disso, à semelhança do que também se observou para o Imperfeito de Cortesia, a avaliação em termos de conveniência (ou possibilidades) orientada para o plano da ação pode ser salientada com a adição de uma oração condicional:

- (15) a. {Se possível/ se estivesse de acordo} ia à biblioteca amanhã.

- b. Então, enquanto vais as compras, {se possível/ se estivesse de acordo}, eu fazia o almoço e preparava a sobremesa.

- c. Então, amanhã, {se possível/ se estivesse de acordo}, eu trazia um bolo e fazíamos uma festa.

- d. {Se possível/ se estivesse de acordo}, íamos a Roma esta noite; o que vais fazer, vens?

Também no caso do Imperfeito de Planificação é possível a leitura contrafactual, como mostra a possibilidade de se continuar a frase a negando a realização da situação (e.g., *Ia à biblioteca amanhã, [mas já não vou]*).

Nas palavras de Bazzanella (1990), ao evidenciar a simples possibilidade de a situação se verificar na realidade, o falante coloca-a em ‘negociação’ com o interlocutor, de modo que, ainda considerando o exemplo (14a) – *Ia à biblioteca (amanhã)* –, indica que o seu plano de ir à biblioteca pode mudar, caso as circunstâncias eventualmente não permitam a execução do mesmo. Nesse sentido, pode-se considerar que o recurso ao IMPFI, tal como no caso do Imperfeito de Cortesia, está pragmaticamente associado a uma estratégia de atenuação.

Temporalmente, as situações identificadas pelas frases com o Imperfeito de Planificação encontram-se ancoradas numa posição de posterioridade ao PPT selecionado (na frase (15a), e.g., o PPT aparentemente corresponde ao estágio inicial de concepção do plano de ir à biblioteca, em algum ponto do passado em relação a t_0 ; na frase (15b), o PPT será o instante em que surge o desejo/intenção de fazer o almoço e preparar a sobre-mesa, em concomitância com t_0).

Por último, importa salientar que embora as noções de plano e de desejo sejam independentes entre si, a primeira pode estar associada à segunda (cf. Malle & Knob, 2001), sendo o que parece ocorrer em frases como (14)²³, na medida em que os planos relevantes têm origem num desejo do próprio falante (endoforicamente, portanto). Além disso, ao menos aparentemente trata-se de um caso que partilha com o Imperfeito de Cortesia a associação à modalidade desiderativa, indicando um posicionamento do falante em termos de conveniência ou necessidade de realização de um plano/desejo tendo em vista as circunstâncias.

5. O Imperfeito Epistémico

Tanto quanto pude averiguar, o Imperfeito Epistémico (também identificado nos termos de ‘Imperfeito Potencial’) não foi considerado um caso de IMPFI pertencente ao

²³ No exemplo (14d) é menos evidente que o plano de ir a Roma na noite relativa ao dia em que o enunciado é produzido tenha origem num desejo do próprio falante, embora aparentemente também o possa ter.

conjunto de ‘Imperfeitos Modais’ na literatura dedicada ao Português²⁴. No entanto, referências ao Imperfeito Epistémico são bastante frequentes em trabalhos sobre outras línguas românicas (cf., e.g., Bertinetto, 1986; Bazzanella, 1990; Schena, 1993 e Farkas, 1998) e, como se pode averiguar no conjunto de frases abaixo, tais casos possuem equivalentes no Português:

(16) a. Carlo doveva arrivare alle tre; non so cosa sai successo.

(Bertinetto, 1986: 374)

‘Carlo devia *ter chegado* às três; não sei o que aconteceu’.

b. Poteva succedere di tutto, in quel momento; è un miracolo che ci sia andata liscia. (ib.: 374)

‘Podia ter acontecido de tudo, naquele momento; é um milagre que tudo tenha corrido bem’.

c. Dovevo parlarti urgentemente, ora è troppo tardi. (Farkas: 1998: 70)

‘Devia ter-te falado com urgência, agora é um pouco tarde’.

d. Que devais-je faire? Tu devais le faire. (Schena, 1993: 445)

‘O que devia eu fazer? Devias ser tu a fazê-lo’.

Conforme a definição de Farkas (1998), que usa o termo Imperfeito Potencial, com este tipo de IMPFI indicam-se situações que poderiam ou deveriam acontecer, mas que não aconteceram. Por sua vez, Bazzanella (1990) associa esta interpretação do IMPFI à expressão de meras suposições do falante.

Um primeiro ponto a atentar no conjunto de frases apresentadas acima é o facto de constituírem estruturas com verbos modais (*dever* ou *poder*) flexionados no IMPFI. A

²⁴ Evidentemente, muitos autores indicam a possibilidade de expressão da modalidade epistémica através da forma do IMPFI. É o caso, por exemplo, de Oliveira (2013), que identifica um valor epistémico associado ao IMPFI empregue no conseqüente de estruturas condicionais de tipo *se p (então) q*. Não obstante o IMPFI possa de facto expressar um valor epistémico nestas condicionais, constitui um caso tradicionalmente identificado nos termos de ‘Imperfeito Hipotético’, pelo que por razões puramente descritivas será tratado apenas mais adiante, na secção 7. Também importa salientar que é frequente haver, na literatura dedicada ao Português, referências a uma categoria designada de ‘Imperfeito Epistémico-doxástico’ (cf. secção 6). Como se verá adiante, trata-se de um caso de IMPFI associado a um tipo de estrutura muito específico, que claramente não se confunde com os contextos de uso do Imperfeito Epistémico.

relação entre verbos modais (e modalidade em geral), tempo e tempos verbais é uma questão complexa, largamente abordada na literatura, que não será aqui explorada, limitando-me a analisar os exemplos indicados acima.

Para exemplos como (16), Bertinetto (1986) argumenta ser possível ter-se quer uma leitura de realização potencial da situação (uma possibilidade epistémica) quer uma leitura contrafactual (que parece ser a mais natural nas frases (16a-c)), sugerindo então que se fale simplesmente de *Imperfeitos epistémicos*, admitindo-se, desta maneira, a possibilidade de se expressar qualquer tipo de suposição do falante e não apenas uma leitura de realização potencial da situação.

Aparentemente, porém, nalgumas das frases em (16) os verbos modais no IMPFI podem veicular outros tipos de leituras da epistémica. É o caso dos exemplos (16c) e (16d), em que parece mais natural a leitura desiderativa ou deôntica. Considerando-se a primeira possibilidade, a expressão da modalidade deôntica, o falante tem em conta as leis, regras ou normas estabelecidas e, através do recurso ao IMPFI, sinaliza alguma ressalva quanto ao cumprimento destas no plano da ação. Tomando-se como exemplo (16d), a leitura deôntica da segunda frase poderá ser explicitada observando-se que a interpretação da frase é idêntica a: *tendo-se em vista o que as regras/normas determinam, tu deves fazê-lo, no entanto não acredito que o faças*.

Como nota Ridruejo (1999: 3214), “a modalidade deôntica implica também uma determinada modalização epistémica, dado que a proposição a que se refere tem um carácter não-factivo” (tradução minha). Nas frases (16c) e (16d), pode-se dizer que o enunciador encara como possível a realização da situação relevante e a sua não realização; ou seja, encara tanto *p* como não-*p* como possibilidades compatíveis com o que sabe ou aquilo em que acredita. Naturalmente, o mesmo pode ser dito nos casos em que se está envolvida uma leitura desiderativa, nos quais a situação indicada na frase corresponde a um desejo do falante. Ao empregar verbo modal no IMPFI, este indica alguma ressalva quanto ao cumprimento do seu desejo.

Finalmente, importa notar que, tal como se verificou para o Imperfeito Iminencial, também aqui estamos a falar de valores que são expressos pelos verbos modais *dever* e *poder* no IMPFI e não apenas por esta forma verbal de maneira autónoma. Nesse sentido, não parece igualmente justificável considerar uma categoria de Imperfeito Epistémico para os casos em questão.

6. O Imperfeito Epistémico-doxástico

O Imperfeito Epistémico-doxástico é identificado, entre outros, por Bazzanella (1990), Farkas (1998), Cunha (2015) e Baranzini & Ricci (2015), tendo em conta frases interrogativas de tipo *wh-questions*. Vejam-se os exemplos abaixo:

(17) a. O que dava logo na televisão? (Cunha, 2015: 158)

b. Che cosa c'era domani al cinema? (Ippolito, 2004: 361)

‘O que ia passar amanhã no cinema?’

c. A che ora dovevamo incontrarci stasera? (Farkas, 1998: 72)

‘A que horas devíamos encontrar-nos hoje à noite?’

Segundo Bazzanella (1990), normalmente os empregos do Imperfeito Epistémico-doxástico remetem para situações de fala, servindo tanto para orientar um evento para o futuro quanto para aludir ao seu conhecimento anterior. Cunha (2015: 158) sublinha que o seu emprego “se refere à necessidade de recuperação de determinada informação em certa medida já disponibilizada mas que, por assim dizer, parece precisar de confirmação ou de atualização”.

O ‘conhecimento anterior’ ao qual Bazzanella se refere corresponde, mais concretamente, a uma determinada informação disponibilizada ao falante num passado mais ou menos distante de t_0 e cuja origem aparentemente remete para um discurso mediado²⁵. Trata-se da evidência que fundamenta o conhecimento/crença do falante acerca da proposição em causa (e.g., em (17a), o conhecimento/crença de que logo vai dar algo na televisão).

Através destas interrogativas com o IMPFI, aparentemente o falante indica ao seu interlocutor apenas presumir que ele saiba a informação que lhe é requisitada, que, como observa Cunha, existia no seu conhecimento de base mas que entretanto perdeu. Veja-se por contraste que, se o falante fizesse uso do PRES, estaria a indicar a sua certeza de que em t_0 o interlocutor tem o conhecimento que lhe permite responder à informação perdida (e.g., *O que dá logo na televisão?*).

²⁵ Por essa razão, podem ser reescritas em estilo de discurso indireto, e.g., *O que é que disseste/disseram que dava logo na televisão?*

Aparentemente, trata-se de casos muito semelhantes às interrogativas documentadas para o Imperfeito de Cortesia (e.g., *Querias algo, Pedro?*), na medida em que também nestas interrogativas o falante manifesta, por meio do IMPFI, algum distanciamento em relação a existência do desejo a que se refere a construção com o IMPFI, admitindo pelo menos um mundo possível em que o Pedro não queira nada. Naturalmente, nas interrogativas com o Imperfeito Epistémico-doxástico, posto o falante estar apenas a presumir o conhecimento do interlocutor acerca da informação que solicita, também estará a indicar a consideração de pelo menos um mundo possível em que este não saiba a resposta à pergunta. A principal diferença entre o Imperfeito Epistémico-doxástico e o Imperfeito de Cortesia consiste basicamente na distinção entre conhecimento total e conhecimento parcial. Nas interrogativas com o Imperfeito Epistémico-doxástico, a informação que alicerça a crença do falante tem origem num discurso mediado e nalgum ponto do passado ele tinha pleno conhecimento desta informação que, entretanto, perdeu. Por contraste, nas interrogativas descritas para o Imperfeito de Cortesia – embora supostamente possam envolver um contexto análogo ao anterior –, uma segunda possibilidade (ao que parece, excluída para o Imperfeito Epistémico-doxástico) é a de o conhecimento aludido pela construção ser obtido por meio de inferência. Nestas circunstâncias, ou seja, quando envolvendo uma inferência, a enunciação baseia-se em conhecimento parcial, enquanto nas circunstâncias em que envolve uma informação mediada, trata-se de conhecimento parcial em t_0 (o falante ter-se-á esquecido entretanto de uma parte da informação e por isso faz a pergunta), mas conhecimento integral numa altura do passado. Por outras palavras, as frases com a forma interrogativa em (17) servirão para o falante pedir ao interlocutor que o lembre de informação que perdeu, enquanto as interrogativas indicadas para o Imperfeito de Cortesia servem para pedir informação nova.

Para além destas questões, também nas interrogativas em (17) as situações descritas são cronologicamente posteriores a um PPT passado (o tempo em que o falante obteve a informação mediada) e a t_0 . Note-se porém que, em todos esses exemplos, o valor temporal de futuro em relação a t_0 é fixado não pela forma do IMPFI mas pela presença de algum advérbio ou locução adverbial na frase, tal como *logo*, *amanhã* e *hoje à noite*.

Em suma, o emprego do IMPFI nos exemplos em (17) associa-se à expressão da modalidade epistémica. Por meio destas interrogativas, o falante manifesta ao interlocutor um pedido de esclarecimento acerca de determinado conhecimento anteriormente obtido, através de discurso mediado, e que entretanto se encontra parcialmente perdido em t_0 .

7. O Imperfeito Hipotético

Nas estruturas condicionais, como *se p, (então) q*, a forma verbal do IMPFI é empregue na frase matriz (a apódose ou o conseqüente da estrutura condicional) para assinalar não veridicidade. Trata-se de um tipo de IMPFI documentado, entre vários outros autores, por Bechara (1928), Cunha & Cintra (1987), Araus (1995), Matos (1996), Nannoni (2004) e Cunha (2018).

A título exemplificativo, considerem-se as frases apresentadas abaixo, tomadas de alguns dos autores acima mencionados, tanto para o Português quanto para outras línguas:

(18) a. Se eu estivesse livre, ia passar o fim-de-semana a casa. (Matos, 1996: 46)

b. Eu telefonava à Maria (se tivesse comigo a agenda). (Cunha, 2018: 727)

c. Se me desprezasses, morreria, matava-me. (Bechara, 1928: 278)

d. O patrão é porque não tem força. Tivesse ele os meios e isto virava um fazendão. (Cunha & Cintra, 1987: 451)

e. Se eu não fosse mulher, ia também! (ib. 451)

f. Senza quell'incidente arrivavamo da Giulia in tempo.
(Bazzanella, 1990: 448)

‘Sem esse incidente chegávamos à casa da Giulia a tempo’.

g. Si vous ne l'aviez pas secouru, il se noyait. (Nannoni, 2004: 29)

‘Se não o tivesses resgatado, ele afogava-se’.

h. Yo que tu hermana, me iba a Francia a vivir. (Araus, 1995: 182)

‘Se eu fosse a tua irmã, ia viver para França’.

Nannoni (2004) observa que tanto no Italiano quanto no Francês o Imperfeito Hipotético é empregue nas estruturas que suportam um período hipotético para expressar a contrafactualidade. De acordo com Cunha (2018: 727), considerando-se o Português, o recurso ao IMPFI, nestes casos, “dá conta de situações prováveis ou possíveis, mas que, por alguma razão ou impedimento, ainda não se verificaram no mundo real”. Já nas palavras de Bechara (1928: 278), trata-se de um tipo de IMPFI que pode comutar com a forma do Condicional para referir um “facto certo como consequência de outro que não se deu”.

Diferentemente daquilo que é em geral previsto em trabalhos de outros autores, Cunha (2018) introduz um exemplo, (18b), em que considera haver uma condicional oculta, além de que sinaliza a possibilidade de expressão de um outro valor que não o contrafactual, na mesma linha de diversos trabalhos dedicados às estruturas condicionais (e.g., Marques (2000), para o Português; e von Stechow (1998) ou Schulz (2014), para outras línguas). De facto, embora no conjunto de frases de (18) a leitura mais natural seja a de contrafactualidade (e, nalguns casos, como (18e), a única possível), não é novidade que estas estruturas condicionais possam gerar uma leitura puramente hipotética, como mostram os exemplos a seguir:

- (19) a. Se ela fosse alérgica à penicilina, tinha os sintomas que apresenta.
b. Se a Maria já tivesse chegado, ia ter com ela.

Ao contrário, por exemplo, da frase (18a), que na leitura contrafactual indica que o falante não está livre em w_0 , tanto em (19a) quanto em (19b), a falsidade do antecedente pode não estar pressuposta. Considere-se o exemplo (19a). Numa leitura hipotética, indica que ela ser alérgica à penicilina na realidade não é uma possibilidade descartada, antes se trata de uma possibilidade compatível com os sintomas que a pessoa em causa apresenta. Analogamente, a frase (19b) pode também ter (além de uma leitura contrafactual, indicando que a Maria ainda não chegou) uma leitura hipotética, indicando que a Maria já ter chegado é uma situação possível, compatível como que se sabe ou assume como verdadeiro.

Numa semântica de mundos possíveis, o contraste entre leituras contrafactual e hipotética de orações condicionais pode ser descrito como se descreve, de forma simplificada, de seguida. No trabalho seminal de Kratzer (1978, 1991, e.o.), a autora relaciona as estruturas condicionais com a modalidade e defende que as orações condicionais são

restritores do conjunto de mundos possíveis compatíveis com o que é assumido como verdadeiro no contexto conversacional. De acordo com a autora, nas estruturas condicionais da forma *se p, (então) q*, existirá um quantificador, que pode ser realizado lexicalmente (por exemplo, através de um advérbio como *provavelmente* ou por um verbo modal) ou estar implícito, caso em que será um quantificador universal. Assim, uma frase como *se tiver chovido, o jogo teve pouca assistência* indica que todos os mundos possíveis compatíveis com o que se sabe e em que choveu são mundos em que o jogo teve pouca assistência. Neste exemplo, o conjunto de mundos compatíveis com o que é assumido inclui mundos em que choveu e mundos em que não choveu. A oração condicional, na proposta de Kratzer, restringe este conjunto, ficando apenas os mundos em que choveu. Com o quantificador universal implícito indica-se que todos esses mundos são mundos em que o jogo teve pouca assistência.

Neste exemplo, em que a condicional tem leitura hipotética, o mundo real faz parte do conjunto de mundos compatíveis com o que se sabe, podendo estar incluído no sub-conjunto de mundos em que choveu ou no sub-conjunto de mundos que não choveu. Já nas condicionais contrafactuais, o conjunto de mundos possíveis considerados e sobre que incide o quantificador não inclui garantidamente o mundo real. Assim, uma condicional como *{não choveu, mas} se tivesse chovido, o jogo teria tido pouca assistência* indica, tal como a sua correspondente com leitura hipotética, que todos os mundos em que choveu são mundos em que o jogo teve pouca assistência, distinguindo-se desta por o mundo real garantidamente não estar no conjunto de mundos sobre que se quantifica. Desta quantificação universal resulta a leitura de “facto certo em consequência de outro que não se deu”, identificada por Bechara, pelo que o falante atribui um suporte epistémico total – e por essa razão trata-se de um facto categórico – a uma situação que se verifica apenas em mundos diferentes de w_0 . Sendo assim, a frase (19a), por exemplo, na leitura contrafactual pode ser parafraseada da seguinte forma: *todos os mundos possíveis epistemicamente acessíveis em que estou livre (dos quais w_0 se encontra excluído), são mundos em que vou passar o fim-de-semana a casa*. Na leitura hipotética (i.e., em que a frase indica que existe a possibilidade, ainda que ténue, de o enunciador estar livre no fim de semana), a interpretação da frase será idêntica, com exceção de que não há o requisito de w_0 estar excluído do conjunto de mundos considerado²⁶.

²⁶ Sobre a diferença entre condicionais hipotéticas com diferentes casos de flexão verbal (*Indicative vs Subjunctive Conditionals* em Inglês; Futuro do Conjuntivo na oração condicional vs Pretérito Imperfeito

Por último, é relevante salientar que, tanto na leitura hipotética quanto na leitura de contrafactualidade, a situação indicada na frase matriz será dada a conhecer ao falante por um de dois modos: i) através de inferência, i.e., o falante conjectura uma hipótese (*se p*) e dela extrai uma conclusão por inferência (*então q*); ou ii) endoforicamente, o que significa que a situação aludida na frase matriz corresponde a algum desejo do falante, sendo este avaliado em termos da sua potencial realização no plano da ação²⁷. Na primeira situação, o tipo de modalidade envolvida na construção será a epistémica e, na segunda situação, será a desiderativa.

8. O Imperfeito Desiderativo

Como o próprio nome sugere, o Imperfeito Desiderativo é empregue para expressar a modalidade desiderativa. Referências a esta interpretação do IMPFI podem ser encontradas, entre muitos outros, nos trabalhos de Fernández (1986), Araus (1995), Oliveira & Mendes (2013) e Mória (2016).

Vejam-se, na sequência abaixo, alguns exemplos do Português (19a-b) e do Espanhol (19c-e):

- (20) a. Eu sentava-me agora a descansar e já não trabalhava mais! (Mória, 2016: 323)
- b. Eu mudava o título do artigo. (Oliveira & Mendes, 2013: 634)
- c. ¡De esta paella me comía yo sola la mitad! (Araus, 1995: 181)
‘Desta paella eu comia só a metade!’
- d. De qué buena gaña me bebía um vaso, com este calor. (Fernández, 2004: 83)
‘De bom grado eu bebia um copo de água, com esse calor’.
- e. ¡Ya lo decía yo! ¡Si tenía que ser! (ib.: 83)
‘Eu bem dizia! Se tinha de ser!’

ou Pretérito Mais-que-Perfeito do Conjuntivo na oração condicional e IMPFI ou Condicional na oração principal), ver, e.o., Stalnaker (1975), von Stechow (1997) e Marques (2009).

²⁷ Tratar-se-ão, em última análise, de enunciados análogos àqueles documentados para o *Imperfeito desiderativo* (cf. secção 8).

No trabalho de Araus (1995), sobre o Espanhol, é dito que o Imperfeito Desiderativo expressa uma leitura temporal de posterioridade a t_0 e é empregue em frases exclamativas. A mesma relação com as frases exclamativas é feita por Fernández (2004), também com foco no Espanhol.

Para o Português, Móia (2016) indica a frase (20a) para exemplificar o que chama de ‘Imperfeito com valor modal desiderativo’, argumentando ser empregue pelo falante para aludir aos seus desejos. Analogamente, Oliveira & Mendes (2013) apresentam o exemplo (20b) assinalando demonstrar a capacidade do IMPFI de expressar a modalidade desiderativa.

De facto, os exemplo apresentados em (20) não levantam qualquer dúvida quanto à relação deste Imperfeito com frases exclamativas, como indicam Araus e Fernández, nem no que respeita à sua associação com a alusão a desejos do próprio falante, como pontuam Móia e Oliveira & Mendes. Como foi discutido anteriormente, a enunciação de uma frase fundamentada em desejos do próprio falante não envolve a indicação de qualquer insegurança relativamente à existência do desejo em si, posto que diretamente experienciado pelo enunciador (endoforicamente). Sendo assim, a projeção da interpretação destes enunciados com o IMPFI para o plano da não veridicidade não reside num posicionamento avaliativo do falante quanto à existência ou não dos desejos (a nível epistémico, portanto). Tal como no Imperfeito de Cortesia (excetuando-se as interrogativas), no Imperfeito de Planificação e nalgumas frases usadas para ilustrar o Imperfeito Hipotético, a interpretação das frases em (20) é remetida para o plano da não veridicidade em razão da indicação de um posicionamento avaliativo em termos de conveniência ou necessidade de realização da situação descrita pela frase no plano da ação.

Considere-se, por exemplo, a frase (20a) – *Eu sentava-me agora a descansar e já não trabalhava mais!*. Sem mais contexto, aparentemente a frase tem leitura de contrafactualidade. Isso significa que, ao fazer uso do IMPFI, o falante avalia os seus desejos (em (20a), os desejos de sentar-se agora e já não trabalhar) como de realização necessária, mas considera modelos de mundo distintos de w_0 , resultando daí a contrafactualidade (e a remissão da interpretação da frase com o IMPFI para o plano da não veridicidade). Por outras palavras, ao empregar o IMPFI, o falante indica que em todos os mundos possíveis compatíveis com os seus desejos e contrários à realidade, a situação de sentar-se agora e não trabalhar mais concretiza-se. Aparentemente, as mesmas observações podem ser entendidas para os demais exemplos, tanto do Português quanto do Espanhol.

Ademais, atente-se que, mais uma vez, este posicionamento orientado para o plano da ação pode ser explicitado com recurso a orações condicionais:

- (21) a. {Se fosse eu a ti/ se fosse possível}, [...] sentava-me agora a descansar e já não *trabalhava* mais!
- b. {Se estivesse no teu lugar}, eu mudava o título do artigo.
- c. Desta paella eu comia só a metade {se fosse possível/ se eu pudesse}!
- d. De bom grado eu bebia um copo de água {se fosse possível/ se eu pudesse}, com esse calor.

Quando realizadas as condicionais, analogamente ao que ocorre nas frases com o Imperfeito de Cortesia, o Imperfeito de Planificação e o Imperfeito Hipotético, torna-se explícita a base modal associada à construção com o IMPFI. Outra semelhança em relação ao Imperfeito de Cortesia, é o facto de que, nos contextos apropriados, os exemplos em (20) podem também assumir uma força ilocutória diretiva:

- (22) a. Eu sentava-me agora a descansar e já não *trabalhava* mais! [= deixe-me sentar agora e não trabalhar mais!]
- b. Eu mudava o título do artigo. [= Mude o título do artigo.]
- c. Desta paella eu só comia a metade! [= Deixe-me comer desta paella.]
- d. De bom grado eu bebia um copo de água. [= Deixe-me beber um copo de água.]

Neste caso, como indicado pelas frases entre parênteses retos, a enunciação tem como objetivo levar a que o interlocutor execute a ação desejada pelo falante. Em síntese, nestas frases o IMPFI sinaliza uma avaliação do falante quanto ao cumprimento de um desejo que possui e a sua enunciação pode ter um efeito pragmático de fazer uma solicitação.

9. O Imperfeito Onírico ou Ficcional

O Imperfeito Onírico ou Ficcional não deve ser confundido com o Imperfeito Narrativo, apresentado no capítulo inicial (secção 2.3). Ao contrário deste último, o Imperfeito Onírico ou Ficcional é tipicamente identificado como pertencente ao inventário das interpretações do IMPFI de cariz modal²⁸ (Bertinetto, 1986; Oliveira, 1986; Bazzanella, 1994; Matos, 1996 e Cunha, 2018). Vejam-se os seguintes exemplos:

- (23) a. Passei a noite a sonhar. Viajava num barco e era o capitão.
(Matos, 1996: 462)
- b. O João sonhou que tinha asas e que *voava* sobre a cidade.
(Cunha, 2018: 727)
- c. Era uma vez uma rapariga chamada Judite. (Cunha & Cintra, 1987: 451)
- d. Era uma vez um príncipe que vivia num palácio [...] um dia o príncipe foi à caça.
(Oliveira, 1986: 90)
- e. Sono molto arrabbiato con te. Ho sognato che io avevo fame e tu ti man-
giavi tutta la torta.
(Bazzanella, 1990: 98)
- ‘Estou muito zangado contigo. Sonhei que estava com fome e tu comeste o bolo todo’.
- f. A- Peccato che non ci siamo portata via quella bella insegna.
B- Già, e poi magari passava un vigile e ci conciava per le feste.
(Bertinetto, 1986: 369)
- ‘A - Pena que não trouxemos aquela bela placa de trânsito.
B – Sim, e quem sabe passava um polícia e levava-nos para tomar conta de nós no feriado.’

²⁸ Embora nem sempre em conjunto, i.e., alguns autores separam o Imperfeito de tipo onírico do Imperfeito de tipo ficcional.

Nos termos de Cunha (2018), o Imperfeito Onírico ou Ficcional é utilizado pelo falante para descrever o conteúdo de sonhos ou de acontecimentos imaginários. A mesma função é indicada por Bazzanella (1990), para quem esta interpretação do IMPFI reproduz um sonho ou identifica um mundo de fantasias.

Os exemplos (23a), (23b) e (23e) ilustram o que se assume normalmente corresponder a casos de Imperfeito Onírico, enquanto os exemplos (23c), (23d) e (23f) ilustram casos de Imperfeito Ficcional. No que respeita a estes últimos, os ficcionais, Nannoni (2004) faz ainda uma distinção entre os Imperfeitos ficcionais de prosas literárias (e.g., (23c) e (23d)) e os Imperfeitos ficcionais de discurso oral (e.g., (23f)).

Importa atentar que nas construções com o Imperfeito Onírico será uma expressão predicativa ficcional que permitirá remeter a sua interpretação para a consideração de um modelo de mundo alternativo a w_0 , onde as ações narradas se desenvolvem (nos exemplos acima, o verbo *sonhar*, mas, pelo menos aparentemente, poder-se-ia corresponder a uma expressão como *faz de conta*, *suponhamos*, *imaginemos*, etc.). Semelhantemente, nas frases com o Imperfeito Ficcional, haverá alguma expressão responsável por enquadrar as ações narradas num mundo possível alternativo, sendo que, nas narrativas literárias, tipicamente se trata da expressão *Era uma vez*, embora novamente se possam empregar expressões análogas.

Como dito, apesar de as frases com o Imperfeito Onírico ou o Imperfeito Ficcional envolverem uma projeção das ações narradas para um mundo possível alternativo (como o mundo dos sonhos ou das fantasias), não parecem estar associadas, tal como o Imperfeito Narrativo, a não veridicidade. De facto, como observa Reyes (1990b) a propósito do Imperfeito Onírico, os eventos narrados aconteceram realmente, mas num outro modelo de realidade. Ou seja, não se dá o caso de o significado das frases envolver a consideração de mundos possíveis em que elas são falsas. No mundo relevante (e.g., o mundo dos sonhos), as frases são verdadeiras.

Sendo assim, aparentemente trata-se de uma interpretação análoga à do Imperfeito Narrativo, na medida em que também nas frases com o Imperfeito Onírico ou Ficcional o falante descreve uma sequência de ações ocorridas num ponto do passado em relação a t_0 (neste caso, num modelo de mundo alternativo a w_0), preservando, tal como o Imperfeito Narrativo, um cariz essencialmente temporal.

10. O Imperfeito Lúdico

Um outro tipo de interpretação de cariz modal do IMPFI comumente apontado na literatura é o que se designa por Imperfeito Lúdico (algumas vezes também como ‘prelúdico’ ou ‘dos jogos’) e pode ser identificado, entre outros, nos trabalhos de Bechara (1928), Oliveira (1986), Reyes (1990) e Bazzanella (1990). Seguem-se alguns exemplos:

(24) a. Então [neste jogo que vamos começar a jogar] eu era o rei e tu eras a rainha.
(Bechara, 1928: 278)

b. Agora eu era o herói e o meu cavalo só falava Inglês. (ib.: 278)

c. Eu agora era a mãe e tu eras o Pai [...] vamos ao jardim Zoológico.
(Oliveira, 1986: 90)

d. Yo era el ladrón y tú el policía y tu me perseguías, ¿vale?
(Reyes, 1990: 108)

‘Eu era o ladrão e tu o polícia e tu perseguías-me, está bem?’

e. Io ero l'albero, tu il cavallo. (Bazzanella, 1990: 446)

‘Eu era a árvore, tu o cavalo.’

Conforme a definição de Bazzanella (1990), o Imperfeito Lúdico é utilizado em diálogos entre crianças, a fim de distribuir papéis num jogo e marcar a passagem para um mundo de fantasias. Segundo Matos (1996), o que distingue o Imperfeito Lúdico do Imperfeito Onírico ou Ficcional é o facto de, ao contrário deste último, se encontrar esvaziado de qualquer dimensão temporal, uma vez que cumpre apenas a função de definir as regras de um jogo.

A este respeito, Oliveira (1986: 91) ressalta que, ao contrário do Imperfeito Onírico ou Ficcional (concretamente quanto empregue nas narrativas literárias, e.g., *Era uma vez uma raposa que vivia na floresta*), o verbo auxiliar *ser* flexionado no IMPFI assume, no caso do Imperfeito Lúdico, “a função de um predador que atribui um papel (‘role’), num mundo não-real, a um referente actualizado no mundo real e explicitado através de

‘tu’, ‘eu’, etc..”. Por outras palavras, reconhece funções semânticas distintas para o verbo auxiliar *ser* no IMPFI: no Imperfeito Onírico ou Ficcional, emprega-se para enquadrar as ações narradas num passado longínquo (ou utópico) e no Imperfeito Lúdico está ligado à atribuição de papéis a serem executados pelos interlocutores no jogo (num cenário virtual).

Note-se que o contexto comunicativo desempenha um papel crucial para projetar a interpretação das frases com o Imperfeito Lúdico para o plano da não veridicidade. Por exemplo, considere-se a frase (24a): ignorando-se a indicação do contexto situacional em que é enunciada (entre parênteses retos), a mesma frase pode expressar que a situação de eu ser o rei e tu seres a rainha verificou-se de facto na realidade, instaurando-se, deste modo, a veridicidade. Neste caso, o IMPFI estará a expressar não mais do que o seu valor básico. Por esse motivo, Rojo (1974) salienta que a interpretação de enunciados com o Imperfeito Lúdico é remetida para o plano da não veridicidade devido à consideração do contexto situacional e não propriamente às formas utilizadas.

Em concordância com o que se observou em frases relativas a outros casos de IMPFI de cariz modal, entretanto, esta forma verbal aparentemente emerge aqui também para assinalar um posicionamento avaliativo do falante, sendo este orientado para o plano da ação, na medida em que indica a consideração de outros papéis a serem cumpridos no jogo além daqueles que são desejados por ele. A hipótese de Bazzanella (1990) a propósito do Imperfeito de Planificação servir para colocar a situação em ‘negociação’ com o interlocutor parece ser extensível a este caso: é como se o falante estivesse a dizer, “*o meu desejo/intenção é que neste jogo que vamos começar a jogar eu seja o rei e que tu sejas a rainha, mas se não estiveres de acordo, podemos rever esses papéis*”.

A corroborar essa hipótese, veja-se que, mais uma vez, ao comutar o IMPFI com o PRES, estes enunciados tornam-se claramente mais assertivos (e.g., *Então, [neste jogo que vamos jogar] eu sou o herói e tu és a rainha*). Interessantemente, também como em todos os demais casos de IMPFI em que a enunciação tem por base evidência endofórica (desejos/intenções/planos...) e que assinalam um posicionamento do falante orientado para o plano da ação, podem-se explicitar orações condicionais sem alteração clara da interpretação das frases:

(25) a. Então, {se possível/ se estiveres de acordo} eu era o rei e tu eras a rainha.

b. Agora, {se possível/ se estiveres de acordo} eu era o herói e o meu cavalo só falava Inglês.

c. {Se possível/ se estiveres de acordo} eu era a mãe e tu eras o pai [...] vamos ao jardim zoológico.

Em síntese, o Imperfeito Lúdico aparentemente emerge em enunciações baseadas em estados internos do próprio falante (de percepção endofórica, como um desejo, intenção ou um plano existentes) para assinalar a indicação de um posicionamento em termos de conveniência de realização da situação a que o enunciado alude – mais concretamente, os papéis a serem cumpridos nos jogos.

CAPÍTULO III

PARA UMA NOVA PROPOSTA DE CLASSIFICAÇÃO TIPOLOGICA

CAPÍTULO III

PARA UMA NOVA PROPOSTA DE CLASSIFICAÇÃO TIPOLOGICA

1. INTRODUÇÃO

Como se pôde observar até o momento, as diferentes interpretações descritas para a forma do IMPFI nem sempre são facilmente distinguíveis, sendo muitas vezes fortemente questionável a existência de contrastes significativos (é o que acontece, e.g., entre o Imperfeito de Planificação e o Imperfeito Desiderativo). Neste capítulo, busca-se uma caracterização mais coerente e uniforme das várias interpretações inventariadas e analisadas na secção anterior (excetuando-se o Imperfeito Iminencial e o Imperfeito Epistémico), a partir de alguns traços comuns a estas interpretações.

O capítulo organiza-se da seguinte maneira: na secção 2, contrastam-se as interpretações do IMPFI que envolvem veridicidade com as interpretações que passam pelo plano da não veridicidade. Na secção 3, consideram-se as interpretações que se situam no plano da veridicidade e distinguem-se aquelas que envolvem a indicação do término das ações daquelas que não envolvem esta indicação. Na secção 4, são consideradas as interpretações de cariz modal, buscando-se averiguar qual o significado evidencial associado às frases formadas com cada caso de IMPFI. Na secção 5, analisa-se como o falante se posiciona face ao conteúdo evidencial que fundamenta a enunciação da frase com o IMPFI, que faz (nalguns casos) restringir a assertividade dos enunciados. Na secção 6, apresenta-se uma proposta de tipologia das interpretações de cariz modal, em conformidade com os dois últimos vetores considerados (evidencialidade e modalidade), sendo cada uma das interpretações descritas, individualmente, nas subsecções que se seguem, em conjunto com as interpretações de cariz temporal, que também são retomadas.

2. Os tipos de Imperfeito e a questão da veridicidade

Começamos por estabelecer uma fronteira entre as interpretações do IMPFI de cariz temporal e as interpretações que envolvem antes um cariz modal, em que este trabalho se foca. No que respeita às primeiras, viu-se que sinalizam um valor básico de passado em transcurso, contrariamente aos demais casos. Considerem-se os seguintes exemplos:

- (26) a. A Joana brincava com bonecas no quarto. {ontem/*amanhã}
- b. O João corria por todo o jardim. Instantes depois, entrava em casa e colocava tudo de pernas para o ar. Só parou com a chegada da mãe, que tratou logo de repreendê-lo com um belo sermão. {ontem/*amanhã}
- c. Queria falar com a Maria, por favor. {*ontem/agora}
- d. (Segundo me informaram) A Joana tinha uma reunião de trabalho. {ontem/agora/amanhã}

Na frase (26a), emprega-se o Imperfeito de Referência Temporal. Neste exemplo, o recurso ao IMPFI permite ao enunciador localizar temporalmente a situação de a Joana brincar com bonecas no quarto numa parte do eixo do tempo que precede t_0 (em concreto, no dia anterior ao da enunciação). Além disso, a situação descrita pela frase com o IMPFI é perspectivada internamente, sendo por esta razão visualizada unicamente em seu transcurso, de maneira indeterminada.

Na frase (26b), em contrapartida, emprega-se o Imperfeito Narrativo (se bem que, como discutido anteriormente, na secção 9 do capítulo 2, ao menos aparentemente poder-se-ia corresponder a um caso de Imperfeito Onírico ou Ficcional). Como na frase anterior, (26a), o IMPFI permite ao enunciador localizar as situações de correr no jardim, entrar em casa e colocar tudo de pernas para o ar no passado em relação a t_0 . Também à semelhança do primeiro caso, salienta-se a duração do processo verbal.

Outra semelhança partilhada pelos exemplos (26a) e (26b) é o facto de indicarem uma crença absoluta do enunciador na verdade daquilo que enuncia. Isto é, às proposições formadas com o Imperfeito de Referência Temporal, o Imperfeito Narrativo e o Imperfeito Onírico ou Ficcional, atribui-se um suporte epistémico total, de modo que são dadas como certas pelo enunciador no modelo de mundo relativamente ao qual são avaliadas.

Por contraste, a enunciação da frase (26c) não tem por objetivo fazer uma descrição parcelar da realidade. No referido exemplo, que corresponde ao que normalmente a literatura refere como um caso de Imperfeito de Cortesia, apesar de o falante empregar uma forma do pretérito, o que está em causa é a conveniência (ou possibilidade) de realização da situação, o que claramente remonta a um desejo/intenção do próprio falante.

Semelhantemente, na frase (26d) também se sinaliza uma possibilidade. Mais concretamente, o falante alude que a Joana ter uma reunião de trabalho é uma situação

possível compatível com a informação que dispõe em t_0 , informação que, neste caso, remonta a um discurso mediado. Aqui, entretanto, a realização da situação descrita pela frase pode estar temporalmente localizada no presente, no passado ou no futuro em relação a t_0 . A expressão de uma possibilidade no passado ocorrerá quando o falante não dispuser de uma atualização da informação reportada, ficando por isso o seu *status* factual inacessível. Em qualquer dos casos, como pontuado, é evidente a inexistência da indicação de uma certeza do falante quanto à verdade daquilo que enuncia²⁹, contrariamente ao que se verifica em (26a) e (26b).

Assim, quer em (26c) quer em (26d), o IMPFI instaura a não veridicidade na interpretação da frase em que ocorre, indicando a consideração de pelo menos um mundo não-*p*. Como mencionado no primeiro capítulo, na secção 3, estes dois últimos casos são muitas vezes tratados na literatura com recurso à noção de deslocação temporal. A ideia assumida é que a modalização da forma do IMPFI resulta de uma deslocação na sua dêixis temporal, ou seja, a morfologia de Passado deixa de fazer referência ao tempo do evento indicado pela frase (e.g., em (26d), a altura da reunião de trabalho) e passa a fazer referência a algum tempo relacionado com o evento, em geral, “à fase preparatória relevante [...] – como, por exemplo, o processo de tomada de decisão” (*tradução minha de Baranzini & Ricci, 2015: 42*). Este tempo para que remete a morfologia de passado será o PPT, estando a situação referida na frase em posterioridade ao mesmo.

Nas frases (26c) e (26d), pode-se supor que o PPT corresponde ao instante em que o falante teve acesso à evidência que fundamenta o seu conhecimento do estado de coisas descritos na frase com o IMPFI; ou seja, o tempo em que surge o desejo/intenção de falar com a Maria³⁰, em (26c), e o momento de acesso à informação mediada, onde se anunciou a reunião da Joana, em (26d). Quanto às situações que estão por concretizar, i.e., o momento de falar com o João e a reunião de trabalho da Joana, respetivamente, posicionam-se temporalmente em posterioridade ao PPT, independentemente de, em relação a t_0 , se localizarem no passado, no presente ou no futuro.

²⁹ Neste exemplo, pode-se indicar uma certeza da falsidade da proposição (a contrafactualidade).

³⁰ Em relação ao Imperfeito de Cortesia, não existe um consenso a este respeito. Na análise de Matos (1986), por exemplo, o autor propõe, considerando a possibilidade de encaixamento de orações condicionais, uma extensão do princípio de acessibilidade de R, indicando que o PPT corresponde não a um evento do passado mas a uma outra realidade (um mundo onde é possível a realização dos desejos do falante). Numa análise semelhante, Rojo (1974) defende haver posterioridade em relação a uma condição, porém, contrariamente a Matos, não admite tratar-se de uma realidade completamente distinta de w_0 , argumentando que, apesar do “se” e do “possível”, existem visos de realidade nestas condicionais. Outros autores, tais como Ippolito (2004) e Baranzini & Ricci (2015), argumentam tratar-se simplesmente de uma posterioridade em relação ao tempo em que surgem os desejos do falante.

De um ponto de vista mais estritamente ligado à semântica dos mundos possíveis, assume-se tradicionalmente que a deslocação temporal associada à morfologia de Passado contribui para a restrição de uma relação de acessibilidade a mundos possíveis. Como refere Ippolito (2004: 363), “é por meio da relação de acessibilidade que os mundos possíveis compatíveis com determinado aspeto do mundo (i.e., as leis, os conhecimentos do falante, as circunstâncias, etc.) são selecionados” (tradução minha).

Como ressaltado anteriormente, atente-se que, embora seja perfeitamente possível comutar o IMPFI com outra forma verbal que igualmente determine uma abertura a mundos possíveis, como será o caso do PRES (27a), ou do FUT (27b), o valor de verdade da proposição com estes tempos verbais não será colocado em dúvida pelo falante³¹; ou seja, ainda que a situação indicada pelo enunciado claramente não tenha tido lugar no mundo de referência, será dada como certa pelo enunciador, à semelhança dos próprios casos de cariz temporal do IMPFI³² (o Imperfeito de Referência Temporal, o Imperfeito Narrativo e o Imperfeito Onírico ou Ficcional):

(27) a. A Joana tem uma reunião de trabalho (amanhã).

b. A Joana terá uma reunião de trabalho.

Embora prototipicamente o PRES sirva para localizar temporalmente um evento em curso em t_0 , na frase (27a) a situação de a Joana ter uma reunião de trabalho encontra-se orientada para o futuro em relação a t_0 (como indicado pelo advérbio entre parênteses). Não obstante a concretização desta situação estar, por assim dizer, em aberto (e, portanto, envolver ramificações de possibilidades), o falante assegura completamente a verdade da proposição enunciada, apresentando a situação relevante como um facto da realidade (daí que não se possa negar a frase, e.g., *a Joana tem uma reunião de trabalho* [**mas eu não acredito que tenha*]).

As mesmas considerações podem ser estendidas à frase (27b), em que o enunciador não deixa nenhuma dúvida acerca da realização futura da reunião de trabalho. Por outras palavras, ao enunciar as frases (27a) e (27b), o falante afirma a sua certeza na verdade da proposição.

³¹ Importa atentar que no PE o morfema de Futuro pode ainda associar-se à expressão de uma leitura epistémica. (cf. Oliveira, 1985)

³² Já que trata de enunciados declarativos. De facto, como observa, e.g., Boye (2012: 141), “as frases declarativas indicam um suporte total para a proposição. Indiscutivelmente, elas fazem isso não importa onde o evento esteja localizado temporalmente”. (tradução minha).

Pensar a modalização do IMPFI em termos de uma mera abertura a mundos possíveis parece, portanto, insuficiente para dar conta da complexidade que envolve este processo em suas várias interpretações de cariz modal. Em consonância com a noção de deslocação dos tempos verbais, importa retomar a noção de veridicidade, de Giannakidou (1991, e.o.), para verificar que a abertura a mundos possíveis determina, nestes casos, a consideração de um espaço modal formado por mundos-*p* e mundos não-*p* ou unicamente por mundos não-*p*, consoante a frase com o IMPFI indicar, respetivamente, possibilidade ou contrafactualidade.

Por oposição, as frases com o Imperfeito de Referência Temporal, o Imperfeito Narrativo e o Imperfeito Onírico ou Ficcional (os tipos de IMPFI de cariz temporal), são interpretadas num espaço modal formado universalmente por mundos-*p*. Com efeito, nestes casos a frase com o IMPFI é dada como verdadeira no mundo de referência. No que respeita ao Imperfeito de Referência Temporal, o mundo de referência corresponde a w_0 ; com o Imperfeito Narrativo, pode corresponder a w_0 mas também a um outro modelo (consoante tratar-se, e.g., de um texto jornalístico ou de uma narrativa ficcional); e, no caso do Imperfeito Onírico ou Ficcional, ao mundo dos sonhos ou das fantasias. Por outras palavras, com o Imperfeito de Referência Temporal, o Imperfeito Narrativo e o Imperfeito Onírico ou Ficcional estamos no plano da veridicidade; as frases são tidas como verdadeiras. Ao produzir o enunciado, o falante indica a sua certeza no mesmo. Sendo assim, a frase é interpretada no nível epistémico, sinalizando o grau mais alto na escala de valores epistémicos, i.e., um suporte total à proposição enunciada. Por oposição, as interpretações do IMPFI de cariz modal (o Imperfeito de Cortesia, o Imperfeito de Planificação, o Imperfeito Epistémico-doxástico, o Imperfeito Hipotético, o Imperfeito Desiderativo e o Imperfeito Lúdico) envolvem não veridicidade (o que inclui a antiveridicidade). Ou seja, o falante assinala a possibilidade ou nega a verdade da proposição enunciada no mundo de referência.

A tabela apresentada na sequência abaixo sintetiza os contrastes apontados:

O recurso ao IMPFI implica veridicidade? (i.e., a interpretação do enunciado em que aparece situa-se no plano da veridicidade)	
Sim (são considerados apenas mundos possíveis em que a frase é verdadeira)	Não (são considerados mundos possíveis em que a frase é falsa)
Imperfeito de Referência Temporal	Imperfeito de Cortesia
Imperfeito Narrativo	Imperfeito de Planificação
Imperfeito Onírico ou Ficcional	Imperfeito Epistémico-doxástico
	Imperfeito Hipotético
	Imperfeito Desiderativo
	Imperfeito Lúdico

Tabela 1. Os tipos de Imperfeito e o plano da veridicidade.

Ainda no que respeita às interpretações do IMPFI que instauram a veridicidade, embora partilhem um mesmo valor básico de passado em transcurso, do ponto de vista aspetual existe uma diferença essencial a salientar, que já foi referida acima e será retomada na secção seguinte.

3. O plano da veridicidade e a (im)perfetividade

Na secção anterior, viu-se que as interpretações do IMPFI de cariz temporal partilham a expressão de um valor básico de passado em transcurso e sinalizam um total compromisso do falante com a verdade da proposição que enuncia, situando a mesma no plano da veridicidade. Com o Imperfeito de Referência Temporal, indica-se a verdade da proposição em w_0 ; com o Imperfeito Narrativo, em w_0 ou nalgum outro mundo possível; com o Imperfeito Onírico ou ficcional, em mundos alternativos a w_0 . Em síntese, qualquer destes casos de IMFI envolve a noção de veridicidade (objetiva, quando o mundo de referência corresponde a w_0 , ou subjetiva, quando o mundo de referência corresponde a outros modelos).

Aspetualmente, entretanto, existe uma diferença fundamental a salientar, já tratada antes neste trabalho, no capítulo 1, secção 2.3. Foi dito que o Imperfeito de Referência Temporal é aspetualmente caracterizado por permitir que as situações sejam perspectivadas em seu simples transcurso (i.e., em continuidade) e, portanto, sem qualquer indicação do término. No entanto, esta propriedade não se aplica (ao menos não da mesma forma) ao

Imperfeito Narrativo, caso em que se salienta o término das situações no passado. Por essa razão, assume-se com frequência que o Imperfeito Narrativo pode comutar com o PPS sem que daí resulte em qualquer anomalia semântica ou alteração substancial do significado (com exceção da perda do valor PROG).

Importa também notar que este contraste permite não apenas traçar uma fronteira entre o Imperfeito de Referência Temporal e o Imperfeito Narrativo como também identificar um outro tipo de IMPFI em que igualmente se considera o término dos eventos: o Imperfeito Onírico ou Ficcional quando empregue para recontar sonhos (tipo onírico) e nos contextos de narrativas literárias (tipo ficcional).

Assim, adotando-se esta propriedade (a indicação ou não do término da situação) como um parâmetro seguinte para tratar das interpretações do IMPFI de cariz temporal, obtém-se a seguinte classificação:

O recurso ao IMPFI implica veridicidade? (i.e., a interpretação do enunciado em que aparece situa-se no plano da veridicidade)		
Sim (são considerados apenas mundos possíveis em que a frase é verdadeira)		Não (são considerados mundos possíveis em que a frase é falsa)
O fim da situação descrita na frase com o IMPFI é realizado no passado?		Imperfeito de Cortesia
Sim	Não	Imperfeito de Planificação
Imperfeito Narrativo	Imperfeito de Referência Temporal	Imperfeito Epistémico-doxástico
Imperfeito Onírico ou Ficcional		Imperfeito Hipotético
		Imperfeito Desiderativo
		Imperfeito Lúdico

Tabela 2. A indicação da (im)perfetividade.

Ainda no que respeita ao Imperfeito Onírico ou Ficcional, importa observar que aparentemente corresponde a não mais do que a uma das possibilidades de interpretação do Imperfeito Narrativo³³, mais concretamente a de indicar que os eventos assinalados constituem factos ocorridos (e por isso a leitura perfeitiva) num modelo de mundo distinto

³³ Haja visto que um enunciado com o Imperfeito Narrativo pode ser interpretado de duas formas: tendo-se como mundo de referência w_0 ou um outro modelo.

de w_0 , como o mundo dos sonhos ou algum outro tipo de universo fantástico. Por esse motivo, passo a partir daqui a referir os dois casos de IMPFI (o Imperfeito Narrativo e o Imperfeito Onírico ou Ficcional) utilizando o mesmo termo: Imperfeito Narrativo.

Em resumo, embora o Imperfeito de Referência Temporal e o Imperfeito Narrativo (incluindo os usos oníricos e ficcionais) expressem um mesmo valor básico de passado em transcurso e não esteja envolvido no significado das frases a consideração de um conjunto plural de mundos possíveis, diferem entre si no que respeita à indicação do término da situação, que não é contemplada no primeiro caso, ao contrário do segundo.

Na próxima secção, retoma-se o tratamento das interpretações do IMPFI que instauram a não veridicidade (de cariz modal), buscando-se, com vista à sua componente evidencial, captar alguns traços comuns que justifiquem uma nova classificação para as mesmas.

4. O plano da não veridicidade – I: *como acede a p o falante?*

Nenhum falante alude a um estado de coisas por simples acaso. Se algo é dito é porque foi testemunhado, sentido, presumido, inferido, etc. Por outras palavras, na base de toda a enunciação existe uma informação (ou melhor, uma evidência) que fundamenta aquilo que se está a dizer. Como ficou visto no capítulo inicial, secção 3.2, esta evidência pode ser obtida através de diversas fontes, como a visão, a audição, um sentimento de desejo, etc.

Nesta secção, pretende-se demonstrar que, apesar de o IMPFI não indicar explicitamente a fonte da informação expressa pelo enunciado em que ocorre (i.e., não indicar se se trata de uma inferência, de discurso mediado, etc.), é possível recuperá-la no enunciado. Com base neste parâmetro (o tipo de evidência na base da enunciação), propor-se-á uma reorganização das interpretações do IMPFI de cariz modal (Imperfeito de Cortesia, Imperfeito de Planificação, Imperfeito Epistémico-doxástico, Imperfeito Hipotético, Imperfeito Desiderativo e Imperfeito Lúdico). Considerem-se inicialmente as seguintes frases:

- (28) a. Queria ler o livro de linguística que está na estante.
- b. O Pedro queria ler o livro de linguística que está na estante.
- c. Então enquanto vais à escola buscar a Maria eu ficava em casa a preparar o jantar.

Tanto a frase (28a) quanto a frase (28b) claramente envolvem a indicação de desejos. Na frase (28a), alude-se a um desejo do próprio falante que, ao enunciar esta frase, expressa ao interlocutor a sua vontade de que a situação de ler o livro de linguística que está estante se realize no mundo em que a frase é avaliada. Por oposição, na frase (28b), alude-se a um desejo do Pedro e não do próprio falante. Outra diferença a salientar é que, enquanto a enunciação de (28a) tem por objetivo pragmático solicitar ao interlocutor uma permissão para que o seu desejo tenha lugar na realidade (ligando-se a sua enunciação, portanto, a um acto ilocutório directivo), o objetivo da enunciação de (28b) aparentemente não é mais que o de apenas informar um desejo do Pedro e que a situação descrita pela oração completiva (potencialmente) se verificou na realidade.

Considere-se agora a frase seguinte, em (28c). Imagine-se um contexto situacional em que, após o marido anunciar à mulher a sua ida à escola para ir buscar a filha mais nova, ela lhe responde com (28c). Embora o mais natural aparentemente seja que a enunciação desta frase tenha por base uma intenção, não seria de todo incompatível com um desejo. Em qualquer dos casos, assim como em (28a) e (28b), relaciona-se com estados internos.

Nesse sentido, poder-se-ia supor que a evidência que fundamenta a enunciação destas frases não seja relevante para interpretá-las, uma vez que, apesar de (28a), (28b) e – ainda que de maneira menos evidente – (28d) envolver a indicação de desejos, contrastam-se muito nitidamente entre si no que respeita aos respetivos significados. Entretanto, tomando as noções de acesso direto e de acesso indireto à informação, introduzidas no capítulo 1, secção 3.2, torna-se possível lançar luz sobre algumas particularidades que aproximam os exemplos (28a) e (28c) em contraste com (28b) e assim resolver o equívoco em que incorreria tal suposição.

Nas frases (28a) e (28c), como dito anteriormente, o desejo e/ou intenção sinalizado na frase com o IMPFI pertence ao próprio falante, sendo portanto experienciado em primeira mão, endoforicamente; em (28b), por contraste, alude-se a um desejo experienciado por uma terceira entidade – o Pedro – e não por quem a enuncia. Sendo assim, em (28a) e (28c) o enunciador tem acesso direto à informação que enuncia e, em (28b), tem apenas acesso indireto. Ainda no que respeita a (28b), sem mais contexto, é possível supor que o desejo em causa tenha sido reportado pelo próprio Pedro (o experienciador), embora a percepção deste possa também ter como fonte uma inferência (e.g., ao ver o Pedro tentar

pegar o livro de linguística na parte mais alta de uma estante, o falante deduz (28b)). Em qualquer dos casos, o enunciador tem conhecimento do desejo apenas em segunda mão (indiretamente), seja através de discurso mediado seja através de inferências.

Na secção seguinte, retomar-se-á esta questão para mostrar que o referido contraste terá alguma relevância para determinar o tipo de posicionamento do falante a nível epistémico. Por enquanto, importa atentar que, no inventário de ‘Imperfeitos Modais’, existe um conjunto de interpretações que, por emergirem em frases cuja enunciação tem por base evidência direta (de percepção endofórica), podem ser consideradas, nalguma medida, análogas à do exemplo (28a) – *Queria ler o livro de linguística que está na estante* – e (28c) – *Então enquanto vais à escola buscar a Maria eu ficava em casa a preparar o jantar*. Trata-se, mais concretamente, do Imperfeito de Cortesia (excetuando-se os casos de frases interrogativas), do Imperfeito de Planificação, do Imperfeito Desiderativo e do Imperfeito Lúdico.

Por outro lado, existe também algumas interpretações do IMPFI que emergem em frases cuja enunciação se fundamenta em evidência indireta (inferências e discurso mediado) e que, neste aspeto, podem ser consideradas análogas ao exemplo (28b) – *O Pedro queria ler o livro de linguística que está na estante*. Trata-se do Imperfeito Hipotético e do Imperfeito Epistémico-doxástico.

A oposição entre estes dois conjuntos de interpretações do IMPFI, ou seja, as interpretações que emergem em frases fundamentadas em percepção direta (endofórica) e as interpretações que emergem em frases que tem origem em percepção indireta (inferências e discurso mediado) encontra-se representada na tabela abaixo:

O recurso ao IMPFI instaura veridicidade? (i.e., a interpretação do enunciado envolve o plano da veridicidade)			
Sim (são considerados apenas mundos possíveis em que a frase é verdadeira)		Não (são considerados mundos possíveis em que a frase é falsa)	
O fim da situação descrita na frase com o IMPFI é realizado no passado?		Como acede ao conhecimento de <i>p</i> o falante?	
Sim	Não	Acesso direto	Acesso indireto
Imperfeito Narrativo	Imperfeito de Referência Temporal	<i>Evidência endofórica (desejos/intenções/planos, etc.)</i>	<i>Inferências ou discurso mediado.</i>
		Imperfeito de Cortesia	Imperfeito Hipotético
		Imperfeito de Planificação	Imperfeito Epistémico-doxástico
		Imperfeito Desiderativo	
		Imperfeito Lúdico	

Tabela 3. Os meios de acesso ao conhecimento de *p*.

Cabe agora verificar de que maneira o falante usa a evidência na base da enunciação para indicar um posicionamento que faz projetar a sua interpretação para o plano da não veridicidade.

5. O plano da não veridicidade – II: os posicionamentos avaliativos

Como ficou visto na secção anterior, na base de uma enunciação com os casos de IMPFI cuja interpretação remete para o plano da não veridicidade encontram-se evidências direta (endofórica) ou indireta (inferências ou discurso mediado). Tratando-se de evidência endofórica, uma vez que, por definição, é experienciada em primeira mão pelo enunciador, tem-se um *acesso direto* à situação descrita pela frase com o IMPFI. Por outro lado, tratando-se de evidências inferidas ou de discurso mediado, tem-se apenas um *acesso indireto* à situação descrita pela frase com o IMPFI.

Nesta secção, pretende-se demonstrar que a remissão da interpretação de frases com os casos de IMPFI de cariz modal para o plano da não veridicidade resulta de diferentes posicionamentos avaliativos do falante, consoante o tipo da informação na base da

enunciação (se de origem direta, endofórica, ou de origem indireta, de inferências ou discurso mediado).

Considerem-se novamente os exemplos apresentados na secção anterior, abaixo repetidos e renumerados:

- (29) a. Queria ler o livro de linguística que está na estante.
- b. O Pedro queria ler o livro de linguística que está na estante.
- c. Então enquanto vais à escola buscar a Maria eu ficava em casa a preparar o jantar.

Como indicado na secção anterior, a frase (29a) alude um desejo diretamente experienciado pelo falante – mais concretamente, o desejo de ler o livro de linguística que está na estante –, através de percepção endofórica. Neste caso, não é colocada em dúvida a existência do desejo em causa, recebendo o mesmo um suporte epistémico total. Por conseguinte, é evidente que a remissão da interpretação desta frase para o plano da não veridicidade, através do recurso ao IMPFI, não pode resultar de um posicionamento avaliativo do falante a nível epistémico, ou seja, tendo-se por base os seus conhecimentos e crenças.

Por contraste, viu-se que a situação indicada na frase (29b) foi seguramente experienciada indiretamente, posto que o desejo a que refere esta frase não pertence ao próprio enunciador, mas ao Pedro. Neste caso, em que se tem uma evidência indireta, diferente de (29a), a introdução do plano da não veridicidade na interpretação da frase resulta de algum afastamento do falante em relação à verdade do que enuncia, assinalado através do IMPFI. Sendo assim, ao proferir (29b), o falante indica alguma ressalva quando ao sentimento de desejo do Pedro.

Analogamente à frase (29a), o desejo/intenção salientado pela frase (29c) foi atestado diretamente pelo falante. Também neste caso, a percepção direta do desejo/intenção de ficar em casa a preparar o jantar fornece, no nível epistémico, um suporte total para a proposição enunciada. Nestes dois casos, ou seja, em (29a) e (29c), ao contrário de (29b), haverá ainda a indicação de um posicionamento avaliativo do enunciador num outro nível, que será considerado um pouco mais adiante. Antes, porém, considerem-se ainda as seguintes frases:

- (30) a. Ia à biblioteca (amanhã)
- b. Eu mudava o título do artigo.
- c. Então [neste jogo que vamos começar a jogar] eu era o rei e tu eras a rainha.

A frase (30a) foi apresentada no segundo capítulo, secção 4, para exemplificar o Imperfeito de Planificação. Aparentemente, porém, poderia perfeitamente ser usada para ilustrar o Imperfeito Desiderativo. Atente-se que, tal como no exemplo (29a) – *Quería ler o livro de linguística que está na estante* – e (29c) – *Então enquanto vais à escola buscar a Maria eu ficava em casa a preparar o jantar* –, a frase (30a) envolve a consideração de um desejo/intenção atestado diretamente pelo falante, através de percepção endofórica, não sendo também aqui colocada em dúvida a sua existência. Com efeito, assim como em (29a) e (29c) e contrariamente a (29b) – *O Pedro queria ler o livro de linguística que está na estante* –, que envolve evidência indireta, a não veridicidade é instaurada na interpretação de (30a) não em decorrência de um posicionamento avaliativo do falante orientado para o nível epistémico.

Na frase (30b), indicada para o Imperfeito Desiderativo no capítulo 2, secção 8, é menos evidente que se possa falar na existência de um plano, como em (30a). Porém há, certamente, para além da indicação de um desejo do falante, a sinalização de uma hipótese³⁴ (e, portanto, supostamente não haveria problema em tratar este caso de IMPFI nos termos de Imperfeito Hipotético) que, neste exemplo, é contrária aos factos da realidade. Como nos exemplos (29a), (29c) e (30a), a remissão da interpretação da frase (30b) para o plano da não veridicidade não resulta de um posicionamento avaliativo orientado para os conhecimentos e crenças do falante (no nível epistémico). Por outras palavras, com a sua enunciação não é salientada qualquer ressalva quanto à existência do desejo de mudar o título do artigo.

Por último, a frase (30c) foi apresentada no capítulo 2, secção 10, para ilustrar o Imperfeito Lúdico. Na ocasião, supôs-se que a enunciação desta frase, assim como (30a) e (30b), fundamenta-se num desejo do falante (em (30c), o desejo de eu ser o rei e tu seres a rainha). Também foi demonstrado que este desejo é apresentado pelo falante como uma hipótese, na medida em que, ao empregar o IMPFI, salienta considerar outras possibilidades de papéis a serem cumpridos no jogo para além daquelas que apresenta como

³⁴ A leitura hipotética é mais evidente encaixando-se uma oração condicional, e.g., *Se estivesse no teu lugar, mudava o título do artigo*.

desejadas por ele. Sendo assim, aparentemente também não haveria problema em referir o exemplo (30c) nos termos de Imperfeito Desiderativo ou de Imperfeito Hipotético (ou mesmo como um caso de Imperfeito de Planificação). Além do mais, como em (30a) e (30b), a interpretação das frases com o Imperfeito Lúdico é remetida para o plano da não veridicidade não em razão de um posicionamento avaliativo no nível epistémico.

Em suma, não é nada evidente a existência de contrastes semânticos significativos entre as frases (30a), (30b) e (30c). Como observado, todos esses exemplos aparentemente veiculam uma informação com base em evidência direta (endofórica) e em nenhum deles a interpretação da frase é projetada para o plano da não veridicidade em decorrência da indicação de um distanciamento do falante relativamente àquilo que enuncia. Com estes casos, nos quais se agrupam o Imperfeito de Cortesia, o Imperfeito de Planificação, o Imperfeito Desiderativo e o Imperfeito Lúdico, a interpretação da frase é remetida para o plano da não veridicidade em consequência da indicação de avaliações do falante a nível do plano da ação, ou seja, considerando-se a conveniência ou a necessidade de realização do desejo, plano ou intenção em face às circunstâncias.

Como apontado anteriormente, estes casos contrastam com o exemplo (29b) – *O Pedro queria ler o livro de linguística que está na estante* –, na medida em que, neste exemplo, avalia-se a verdade da proposição enunciada, considerando-se aquilo que o falante sabe ou aquilo em que acredita. Será também o que acontece nos exemplos seguintes:

(31) a. O que dava logo na televisão?

b. Se não o tivesses resgatado, ele afogava-se.

A frase (31a) foi indicada no capítulo 2, secção 6, para exemplificar o Imperfeito Epistémico-doxástico. Observou-se aí que através da sua enunciação o falante sinaliza um afastamento no sentido de não endossar a sua certeza de que o interlocutor possui, em t_0 , a informação que lhe é requisitada – que neste caso tem origem em fonte indireta, mais aparentemente num discurso mediado (razão pela qual a mesma pode parafraseada por o que é que disseste/disseram que dava logo na televisão?).

Analogamente, no exemplo (31d), atribuído ao Imperfeito Hipotético (capítulo 2, secção 7), o IMPFI sinaliza um suporte total do falante à verdade da proposição correspondente ao consequente da estrutura condicional, verdade esta dada a conhecer tão somente através de inferência e cuja realização se encontra condicionada à verificação de

uma outra situação, identificada no antecedente da estrutura condicional, que, por sua vez, é contrária aos factos do mundo de referência. Sendo assim, apesar de como em (31a) a sua enunciação ter por base uma evidência indireta, difere deste primeiro caso no sentido em que não há uma avaliação em termos de possibilidade mas de necessidade³⁵. Não obstante, em qualquer dos casos a remissão da interpretação das frases para o plano da não veridicidade decorre de um posicionamento avaliativo do falante unicamente relacionado com a verdade ou falsidade dos enunciados, pelo que o IMPFI funciona igualmente como um operador de modalidade epistémica.

Em síntese, do que ficou exposto nesta secção (sintetizado na tabela apresentada na sequência abaixo), tem-se que a não veridicidade é instaurada na interpretação de frases com o IMPFI e cuja enunciação se fundamenta em evidência direta (endofórica) em decorrência da indicação de um posicionamento avaliativo do falante não a nível epistémico, mas a nível do plano da ação; isto é, avalia-se a conveniência ou necessidade da situação descrita na frase com o IMPFI tendo-se em vista as circunstâncias. Por contraste, nas frases fundamentadas em evidência indireta (inferências ou discurso mediado), a remissão para o plano da não veridicidade decorre da indicação de um posicionamento do falante a nível epistémico, refletindo um maior ou menor compromisso com aquilo que sabe ou em que acredita.

³⁵ Neste exemplo em concreto. Noutros casos, como mostrado na secção dedicada ao Imperfeito Hipotético, pode-se assinalar uma possibilidade epistémica.

O recurso ao IMPFI implica veridicidade? (i.e., a interpretação do enunciado em que aparece situa-se no plano da veridicidade)			
Sim (são considerados apenas mundos possíveis em que a frase é verdadeira)		Não (são considerados mundos possíveis em que a frase é falsa)	
O fim da situação descrita na frase com o IMPFI é realizado no passado?		Como acede ao conhecimento de <i>p</i> o falante?	
Sim	Não	Acesso direto	Acesso indireto
Imperfeito Narrativo	Imperfeito de Referência Temporal	<i>Evidência endofórica (desejos/intenções/planos, etc.)</i>	<i>Inferências ou discurso mediado.</i>
		⇓	⇓
		A interpretação da frase com o IMPFI é projetada para o plano da não veridicidade em decorrência da indicação de um posicionamento do falante relativo ao PLANO DA AÇÃO	A interpretação da frase com o IMPFI é projetada para o plano da não veridicidade em decorrência da indicação de um posicionamento do falante relativo ao PLANO EPISTÉMICO
		Imperfeito de Cortesia	Imperfeito Hipotético
		Imperfeito de Planificação	Imperfeito Epistémico-doxástico
		Imperfeito Desiderativo	
		Lúdico	

Tabela 4. Os planos avaliativos.

6. Proposta de tipologia

As observações desenvolvidas ao longo das secções anteriores fornecem uma base para que se considerem duas categorias de ‘Imperfeito Modal’, classe de que são excluídos o Imperfeito de Referência Temporal e o Imperfeito Narrativo, uma vez que envolvem essencialmente um cariz temporal. Chamarei o primeiro deles de *Imperfeito Epistémico* e o segundo de *Imperfeito de Inclinação*. A primeira categoria contempla o

Imperfeito Hipotético e o Imperfeito Epistémico-Doxástico. A segunda categoria contempla o Imperfeito de Cortesia, o Imperfeito de Planificação, o Imperfeito Desiderativo e o Imperfeito Lúdico.

Nas subsecções seguintes, apresentar-se-á uma breve caracterização de cada uma das categorias propostas, conjuntamente com as categoria de cariz temporal, que também serão retomadas.

6.1 O Imperfeito de Referência Temporal

O Imperfeito de Referência Temporal será empregue pelo falante para fazer uma descrição parcelar da realidade. Trata-se da interpretação básica desta forma verbal, que preserva um cariz de natureza temporal, permitindo localizar cronologicamente a situação descrita pela frase que ocorre num ponto do passado em relação a t_0 , em sobreposição ao mesmo. Aspetualmente, a situação relevante será perspectivada internamente, sendo por isso visualizada apenas em seu transcurso, sem qualquer indicação do término. Vejam-se alguns exemplos:

- (32) a. O Rafael batia na porta insistentemente (quando o Rui chegou ao escritório).
b. A Maria cantava nos bares de Lisboa.
c. O Pedro cortava a relva do jardim.

Na frase (32a), por exemplo, o IMPFI cumpre a função de localizar temporalmente a situação de o Rafael bater na porta insistentemente no passado em relação a t_0 , em concomitância com o intervalo de tempo correspondente à chegada do Rui ao escritório (o PPT da frase), sendo esta situação perspectivada internamente.

Ainda do ponto de vista aspetual, este IMPFI pode assinalar, para além de um valor contínuo (perspetivando o curso da ação), também os valores iterativo, habitual e progressivo. O primeiro deles, o iterativo, encontra-se presente na frase (32a), cuja interpretação envolve uma repetição da ação indicada pelo SV *bater na porta*. O valor habitual verifica-se na frase (32b) – que também pode expressar uma leitura semelfactiva –, indicando que a situação de a Maria cantar nos bares de Lisboa foi recorrente num dado intervalo de tempo passado. O valor progressivo é o que se verifica quando há a associação entre o valor aspetual contínuo e uma predicação durativa (um processo culminado), como na frase (32c).

6.2 O Imperfeito Narrativo

Tal como o Imperfeito de Referência Temporal, o Imperfeito Narrativo preserva um cariz temporal (sinalizando o valor básico de passado em transcurso). Além disso, será empregue tendencialmente em narrativas escritas, de tipo ficcionais, como em (33a), ou jornalísticas, como em (33b):

- (33) a. [Naquela manhã, ao contrário de todas as outras], o Professor acordava às sete e quinze; fazia a barba, juntava as suas coisas e ia até o bar tomar o pequeno almoço. (*tradução e adaptação minhas de Bertinetto, 1986: 358*)
- b. O ilustre convidado visitava ontem o presidente da república. Mais tarde, divertia-se numa longa e amigável conversa com o primeiro-ministro e, à noite, participava de um jantar de gala em sua homenagem. (*tradução minha de Bertinetto, 1987: 75*)

O recurso a este IMPFI permite ao enunciador reconstruir uma sequência de eventos que compõem o todo de uma situação completada no passado, quer seja em w_0 , como no exemplo (33b), quer seja num outro modelo de mundo, como no exemplo (33a). Sendo assim, à semelhança do que acontece com o Imperfeito de Referência Temporal, indica que as ações narradas são verídicas (objetivamente verídicas, quando o mundo de referência corresponde a w_0 , ou subjectivamente verídicas, quando o mundo de referência corresponde a um outro modelo).

Contrariamente ao Imperfeito de Referência Temporal, porém, o Imperfeito Narrativo é aspetualmente fechado nas suas extremidades, pelo que o término das ações é considerado na interpretação das frases em que ocorre (o que é muitas vezes identificado na literatura nos termos de neutralização do Imperfetivo). Com efeito, é possível comutá-lo com o PPS, se bem que essa comutação implicará algum prejuízo estilístico, mais concretamente a perda do valor PROG.

6.3 O Imperfeito Epistémico

Formando oposição aos anteriores, o Imperfeito Epistémico instaura a não veracidade na interpretação da frase em que ocorre. Recorrendo ao mesmo, o falante assinala um posicionamento que tendencialmente estará relacionado com a verdade ou falsidade da informação expressa pelo enunciado, informação esta dada a conhecer indiretamente. Considerem-se os seguintes exemplos:

- (34) a. O que o Carlos ia cantar?
b. Se a senhora estivesse em casa, nada disso tinha acontecido!

Enquanto na frase (34a) o IMPFI sinaliza uma modalização no âmbito das possibilidades, na frase (34b) sinaliza uma modalização no âmbito da necessidade. Mais concretamente, com a enunciação da frase (34a) o falante indica apenas considerar a possibilidade de em t_0 o interlocutor possuir a informação que lhe é requisitada. Já em (34b), na consequente da estrutura condicional, o falante indica a sua certeza da situação de nada disso ter acontecido se se cumprisse o que é expresso na antecedente da condicional; neste último caso, a sua certeza assenta numa simples inferência.

6.4 O Imperfeito de Inclinação

O Imperfeito de Inclinação será empregue em frases cuja enunciação tem por base estados internos do falante, como um desejo, um plano ou uma intenção, sendo estes avaliados quanto à sua potencial realização:

- (35) a. Queria duas colheres de açúcar, por favor.
b. Vamos jogar futebol! Eu era o Neymar e tu eras o Cristiano Ronaldo.

Com a enunciação da frase (35a), por exemplo, o falante indica a possibilidade de realização do desejo de lhe serem servidas duas colheres de açúcar, em face às circunstâncias. O mesmo pode ser dito a respeito de (35b), onde assinala-se a possibilidade de realização do desejo de (no jogo) o enunciador ser o Neymar e o interlocutor ser o Cristiano Ronaldo.

CAPÍTULO IV

A TIPOLOGIA DE IMPERFEITO NUMA AMOSTRA DE *CORPUS*

CAPÍTULO IV

A TIPOLOGIA DE IMPERFEITO NUMA AMOSTRA DE *CORPUS*

INTRODUÇÃO

A proposta de classificação tipológica apresentada no capítulo anterior baseou-se unicamente num pequeno conjunto de frases empregues por uma parcela da literatura linguística para demonstrar, de maneira meramente ilustrativa, cada interpretação identificada como pertencente ao inventário de ‘Imperfeitos Modais’. Sendo assim, é evidente que os dados considerados podem, eventualmente, não refletir toda a realidade do Português.

Neste capítulo, pretende-se averiguar, com recurso a um *corpus* mais robusto, constituído por amostras de usos reais da língua, se a tipologia de valores do IMPFI a que se chegou cobre todos os dados da amostra. Para tanto, o presente capítulo encontra-se estruturado da seguinte maneira: na secção 2, é feita uma breve apresentação do *corpus* adotado na pesquisa bem como detalhes relacionados com a procura e o tratamento dos dados. Seguidamente, na secção 3, é feita uma apreciação quantitativa e qualitativa dos resultados da amostra.

1. A constituição do *corpus* e o tratamento dos dados

Os dados que compõem o material empírico da pesquisa foram extraídos de um dos *corpora* da Linguateca, concretamente do «*corpus brasileiro*»³⁶, que, de acordo com as informações que constam em sua página *online*, é constituído por aproximadamente um bilião de palavras, de textos de diferentes registros. Foi feita uma busca pela distribuição da forma verbal do IMPFI, tendo sido obtidos 419 fragmentos de diferentes textos, que forneceram um total de 716 ocorrências.

Em posse dos dados, iniciou-se o processo de análise, observando-se a interpretação associada a cada ocorrência, que foi classificada tendo em conta cinco categorias: *Imperfeito de Referência Temporal*, *Imperfeito Narrativo*, *Imperfeito Epistémico*, *Imperfeito de Inclinação* e *Dados inesperados*.

³⁶ A escolha pelo «*corpus brasileiro*» reflete unicamente uma preferência pessoal enquanto falante nativo do PB.

Alguns dos dados analisados permitem diferentes leituras. Nestes casos, dos quais as frases (36a) e (36b) são exemplos, optei por classificá-los conforme a leitura que me pareceu mais natural:

(36) a. Ia desistir.

b. Nós queríamos um país que tivesse essa capacidade de ser democrático e, principalmente, governado por civis.

Fora de contexto, nestas frases o IMPFI pode assinalar quer uma leitura modal quer a sua leitura básica, de cariz temporal. Numa leitura modal, na frase (36a), tem-se o Imperfeito Epistémico. Com o seu emprego, o falante indica que a situação descrita pelo enunciado corresponde a algo possível (ou contrária aos factos da realidade), tendo-se em vista os conhecimentos e crenças disponíveis. Em (36b), por contraste, tem-se o Imperfeito de Inclinação. Neste caso, assinala-se um posicionamento do falante em termos de conveniência ou necessidade do cumprimento de um desejo existente (concretamente, o desejo de o país ter a capacidade de ser democrático e governado por civis). Numa leitura básica, a interpretação associada à frase (36a) será a de que numa dada altura do passado o falante estava num processo que conduziria à sua desistência; em (36b), a de que existia o desejo de ter um país com capacidade para ser democrático e governado por civis.

Além disso, optei por excluir casos como o seguinte:

(37) Era uma vez uma menina muito querida e teimosa.

A razão para esta escolha deve-se simplesmente ao facto de, independentemente do IMPFI, considerar o SN *era uma vez* como uma expressão fixa, que possui um significado próprio.

Não obstante o foco deste trabalho não seja qual das interpretações do IMPFI é mais ou menos empregue pelos falantes, na secção seguinte será feita uma apresentação quantitativa dos resultados alcançados após a análise e classificação dos dados do *corpus*, seguindo-se uma apreciação qualitativa.

2. Resultados e discussões

Como se pode observar na tabela abaixo, do total de 716 ocorrências da forma do IMPFI, 693 (96.5%) correspondem ao de Imperfeito de Referência Temporal; 8 (1.1%), ao Imperfeito Narrativo; 15 (2%), ao Imperfeito Epistêmico; e 1 (0.2%), ao Imperfeito de Inclinação. Não foi identificado no *corpus* da pesquisa nenhum dado inesperado.

Imperfeito de Referência Temporal		Imperfeito Narrativo		Imperfeito Epistêmico		Imperfeito de Inclinação		Dados inesperados	
Total	Perc.	Total	Perc.	Total	Perc.	Total	Perc.	Total	Perc.
696	97.2%	4	0.5%	15	2%	1	0.1%	0	0%

Tabela 5. Número total e percentagem de ocorrências de Imperfeito.

Veja-se uma pequena amostra de frase com o Imperfeito de Referência Temporal:

- (38) a. Era bonito, sorria demais, tocava sax, gostava de mulheres, pecava, era um «baby boomer», foi contra o Vietnã e, com uma vitalidade tolerante e agradável, tinha uma visão ampla da responsabilidade da liderança da América com o mundo.
- b. A questão que eu não entendia era que cada um é diferente, o modo de aprender, sentir e perceber o mundo são individuais.
- c. O que estava acontecendo era muito natural: num grupo paralelamente durante o trabalho foi me deixando incomodada.

Em todas estas frases, o IMPFI expressa o seu valor básico de passado em transcurso. Sendo assim, ao proferir a frase (38a), por exemplo, o falante informa que as situações de ser bonito, sorrir demais, tocar sax, gostar de mulheres, pecar, ser um baby boomer e ter uma visão ampla [...] ocorriam nalgum ponto do passado em relação a *t₀*, em sobreposição ao PPT considerado (que, apenas com este excerto, não é possível determinar com precisão). Com a enunciação destas frases, descrevem-se factos da realidade e as situações são aspetualmente visualizadas em continuidade, salientando assim o seu transcurso.

Será também o que ocorre nas frases com o Imperfeito Narrativo, que igualmente envolvem a expressão de um valor básico de passado em transcurso e estão associadas à veridicidade, na medida em que a realização das ações assinaladas com o IMPFI é dada como certa no mundo de referência. Seguem-se os dados com o Imperfeito Narrativo identificados no *corpus* da pesquisa:

- (39) a. Enquanto outras bandas gravavam e logo depois saíam de cena, o Lagoa continuava seu caminho.
- b. Frau Weber escutava a tia de Chiru com ar atencioso, e como não entendesse o que ela dizia, limitava-se a sorrir e a sacudir a cabeça.

Como destacado nos capítulos anteriores, ao contrário do Imperfeito de Referência Temporal, trata-se de um caso cuja ocorrência se encontra restrita aos discursos narrativos (literários ou jornalísticos). Além disso, enquanto nas frases com o Imperfeito de Referência Temporal tem-se w_0 como o mundo de referência, nas frases com o Imperfeito Narrativo pode-se considerar w_0 , como quando usado em textos jornalísticos (e.g., (39a)), mas também um outro mundo possível, como quando usado nas narrativas ficcionais (e.g., (39)). Outra diferença fundamental em relação ao seu correspondente de cariz temporal, o Imperfeito de Referência Temporal, é que com este primeiro o término da situação descrita na frase em que aparece normalmente não é relevante, enquanto com o Imperfeito Narrativo o término é salientado.

No *corpus* da pesquisa também foram identificadas algumas ocorrências do Imperfeito Epistémico. Nestes casos, dos quais as frases em (40) são exemplos, o falante não assegura a verdade daquilo que enuncia, o que terá relação com o facto de que a situação descrita pela frase ser conhecida apenas indiretamente, seja por inferências seja por discurso mediado:

- (40) a. Se este circuito ficasse circunscrito à colônia, isto é, se tivesse início e fim na colônia, deixava a renda desta atividade econômica na própria colônia.
- b. Segundo ela, o prédio estava abandonado havia cinco anos.

Na frase (40a), tem-se uma condicional de tipo *se p* (então) *q* com leitura contra-factual. Neste exemplo, o enunciador mobiliza um conjunto de conhecimentos e crenças

que dispõe e conceptualiza uma situação hipotética (indicada no consequente da estrutura condicional com o IMPFI), de realização necessária no conjunto de mundos que satisfaz a condição descrita no antecedente, dos quais w_0 é excluído, resultando daí a contrafactualidade. Por contraste, na frase (40b), o IMPFI sinaliza um distanciamento do falante em relação à verdade da proposição em causa, fazendo expressar não contrafactualidade mas uma mera possibilidade, tendo-se em vista a informação que dispõe acerca da situação a que alude, que neste caso, remonta a um discurso mediado.

Por último, também foi identificado o seguinte caso de Imperfeito de Inclinação:

(41) a. Tudo que eu queria era explodir com tudo isso.

No exemplo em (41a), o IMPFI sinaliza a expressão da modalidade desiderativa. Mais concretamente, ao empregá-lo o enunciador assinala uma avaliação da possibilidade de realização de um desejo existente em t_0 (ou seja, o desejo de que o FHC faça prefácios de livros e aberturas de conferências) tendo em vista as circunstâncias. O Imperfeito de Inclinação pode envolver ainda a consideração de outros estados internos, não necessariamente relacionados com um desejo, tais como um plano ou uma intenção – possibilidade que, apesar de não ser atestada pelos dados de *corpus*, foi observada anteriormente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objeto de estudo as diferentes interpretações da forma do IMPFI, com especial foco nas interpretações de cariz modal. Inicialmente, no primeiro capítulo, fez-se uma breve apresentação do estado da arte, buscando-se, entre outras questões, contrastar as interpretações de cariz temporal (nomeadamente o Imperfeito de Referência Temporal e o Imperfeito Narrativo), com as demais interpretações de cariz modal, por simplificação designadas por ‘Imperfeitos Modais’. Foi observado que as interpretações de cariz modal se distinguem principalmente por remeter a interpretação dos enunciados em que aparece para o plano da não veridicidade. Ou seja, contrariamente ao Imperfeito de Referência Temporal e ao Imperfeito Narrativo, que são empregues para fazer uma descrição parcelar do mundo de referência (w_0 ou outro modelo), possível em razão de reterem um significado básico de passado em transcurso, nos casos de cariz modal o IMPFI é empregue para aludir a situações meramente possíveis ou contrárias aos factos da realidade, pelo que a interpretação da frase em que ocorre envolve a consideração de pelo menos um mundo possível alternativo.

Não obstante estas interpretações do IMPFI serem agrupadas numa categoria de ‘Imperfeitos modais’, viu-se que muitas vezes são apresentadas com referência a questões de outra natureza, como valores pragmáticos que a elas se associam. É o caso, por exemplo, do Imperfeito de Cortesia – um dos nove ‘Imperfeitos Modais’ elencados e analisados no segundo capítulo do trabalho. Para a análise destas interpretações do IMPFI buscou-se privilegiar a observação dos significados evidencial e modal associados às frases formadas com cada uma das suas diferentes ocorrências. Com isso, foi possível identificar alguns traços comuns que permitiram lançar as bases para a proposta de classificação, apresentada no capítulo seguinte.

À parte as interpretações de cariz temporal, chegou-se no terceiro capítulo a dois tipos de ‘Imperfeitos modais’, que designei por Imperfeito Epistémico e Imperfeito de Inclinação. A tipologia proposta teve por base os seguintes parâmetros, que permitiram reorganizar o conjunto de interpretações do IMPFI inventariado previamente (Imperfeito de Cortesia, Imperfeito de Planificação, etc.): O Imperfeito e a questão da veridicidade, a indicação (ou não) do término das ações, o tipo de conhecimento na base de uma enunciação com o IMPFI e o plano de avaliação considerado (epistémico ou plano da ação).

No quarto e último capítulo, buscou-se verificar se a tipologia apresentada permitia classificar um conjunto de dados de mais robusto, obtido do *corpus* da Linguateca.

Concretamente, obteve-se um total de 716 ocorrências da forma do IMPFI. Deste total, 696 (97,2%) corresponderam ao Imperfeito de Referência Temporal, 4 (0.5%) corresponderam ao Imperfeito Narrativo, 15 (2%) corresponderam ao Imperfeito Epistémico e 1 (0.1%) ao Imperfeito de Inclinação, não tendo sido obtido nenhum dado inesperado.

Como para qualquer outra tipologia, não se pode entretanto dizer que a tipologia apresentada garante a cobertura de todos os possíveis valores associados ao IMPFI em Português nem o facto de a tipologia contemplar casos que não foram observados nos dados extraídos do *corpus* permite dizer que tais casos não são possibilidades disponíveis na língua. Como é evidente, muitos dos casos identificados e inventariados na literatura ocorrerão apenas nalguns tipos de discurso (e.g., à partida, o Imperfeito de Cortesia só ocorrerá em situações de interação comunicativa oral) e o facto de se considerar um ou outro tipo de *corpus* terá reflexo na variedade de tipos de valores do IMPFI observados.

Não obstante, espera-se que este trabalho tenha contribuído tanto para uma melhor compreensão dos diferentes valores interpretativos documentados na literatura a partir de novas perspetivas de análise quanto para fornecer uma possibilidade de visão mais orgânica dos mesmos.

REFERÊNCIAS

- AIKHENVALD, A. Y. (2004), *Evidentiality*. Oxford: Oxford University Press.
- ARAUS, G. M. L. (1995), *Sobre los valores secundários del imperfecto*, ESELE, Actlas VI. pp. 177-185.
- BARANZINI, L; RICCI, C. (2015), *Semantic and pragmatic value of the Italian imperfecto: towards a common interpretive procedure*. Catalan Journal of Linguistics 14. pp. 33-58.
- BARTHES, R. (1977), *Fragments d'un discours amoureux*. Paris, Seuil, Coll. "Tel Quel".
- BAZZANELLA, C. (1990), *Modal uses of the Italian Indicativo imperfetto in a pragmatic perspective*. Journal of pragmatics 14,3. pp. 237-255.
- BECHARA, E. (2009), *Moderna Gramática Portuguesa*, 37^a ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- BERTINETTO, P. M. (1986), *Tempo, aspetto e azione del verbo Italiano. Il sistema dell'indicativo*, Firenze, Accademia della Crusca.
- _____. (1987), Structure and origin of the narrative imperfect. In: RAMAT, A. G; CARRUBA, O; BERINI, G. (eds.) *Papers from 7th International Conference on Historical Linguistics*. Amsterdam: Benjamins. pp 71-85.
- BERTINETTO, M. P; EBERT, K. H. & DE GROOT, C. (2000), The progressive in Europe. In: Ö. Dahl (ed.), *Tense and aspect in the languages of Europe*. Berlin & New York: Mouton de Gruyter. pp. 517-558
- BOOGAART, R; TRNAVAC, R. (2011), Imperfective aspect and epistemic modality. In: Adeline Patard and Frank Brisard (eds): *Cognitive Approaches to Tense, Aspect and Epistemic Modality*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, pp. 217–248.
- BOYE, K. (2012), *Epistemic Meaning: A crosslinguistic and functional-cognitive study*. Berlin, Mouton de Gruyter.
- BRUCART, J. M. (2001), *El valor de imperfecto de indicativo en español*. Barcelona, Universitat Autònoma de Barcelona.
- CAMACHO, M. P. M. (2009), *Español-Italiano: usos y funciones del imperfecto y el futuro en la conversación coloquial*. Tesis, Universidad de Murcia.
- CIPRIA, A; ROBERTS, C. (2000), 'Spanish "imperfecto" and "pretérito": multiple interpretations and ambiguous truth conditions. Natural Language Semantics 8(4), pp. 297-347.

- COMRIE, B. (1985), *Tense*. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____. (1987), *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CUNHA, L. F. (2013), Aspeto, in: Eduardo B. Paiva Raposo et al. (orgs.), *Gramática do Português*, vol. 1, cap. 17, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 585-619.
- _____. (2015), *Algumas considerações em torno das interpretações das construções Ir + infinitivo com imperfeito*. *Diacrítica* [online]. vol. 29, n.1, pp.147-169
- _____. (2018), *Algumas considerações em torno da expressão da posterioridade no passado, no contexto de completivas de verbo*. In: *Revista de Estudos da Linguagem* 26(2), pp. 719-767.
- CUNHA, C; CINTRA, L. (1987), *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, 4ª ed. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- DAHL, Ö. (1985), *Tense and aspect systems*. Oxford: Blackwell.
- DENDALE, P.; TASMOWSKI, L. (2001), Introduction: *evidentiality and related notions*. *Journal of Pragmatics*, Amsterdam, v.33, n.3, p.339-348
- DE HAAN, F. (2012), Evidentiality and Mirativity, in: Robert I. Binnick (ed), *The Oxford Handbook of Tense and Aspect*, 1020-42. Oxford: University Press.
- DOWTY, D. (1979), *Word Meaning and Montague Grammar*, Reidel, Dordrecht.
- ELLIOTT, J. R. (2000), Realis and irrealis: *Forms and concepts of the grammaticalisation of reality*. *Linguistic Typology* 4 (1). pp. 55-90.
- FARKAS, D. (1992), On the Semantics of Subjunctive Complements. In: Hirschbuehler, B. & Koerner, K. (eds.): *Romance Languages and Modern Linguistic Theory*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. pp. 69-104.
- FARKAS, M. (1998), *Le funzioni dell'imperfetto "modale" Italiano in ungherese*. In: "Nuova Corvina" (Rivista di Italianistica) dell'Istituto Italiano di Cultura per l'Ungheria, N° 4.
- FERNÁNDEZ, G. L. (2004), El pretérito imperfecto: repaso histórico y bibliográfico In: Luis García Fernández & Bruno Camus Bergareche (eds.): *El pretérito imperfecto*. Madrid: Gredos.
- FONSECA, F. I. (1992), *Deixis, tempo e narração*. Porto, Fundação Eng.º António de Almeida.
- FORKE, D. (2018), Evidentiality and its relations to other verbal categories. In: Alexandra Y. Aikhenvald (ed.): *The Oxford handbook of evidentiality*. Oxford: Oxford University Press, pp. 65–84.

FREITAG, R. M. K. (2011a), *Variações em categorias verbais: correlações entre forma e função*. Estudos Linguísticos, São Paulo. 40 (2), pp. 1121-1132.

_____. (2011b), A expressão do passado iminencial em Português: *formas e contextos de uso*. Anais do VII congresso internacional da Abralín.: Curitiba. pp. 3654-3662

GIORGI, A; PIANESI, F. (2000), Imperfect Dreams: *The Temporal Dependencies of Fictional Predicates*. Working Papers in Linguistics: University of Venice. v. 10; n. 2. pp. 63-113.

GIVÓN, T. (1995), *Functionalism and grammar*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1995.

GOSSELIN, L. (2013), Semantic and Pragmatic Aspects of the Interaction of Time and Modality In French: An Interval-Based Account. In: K. Jaszczolt & L. de Saussure (eds), *Time: Language, cognition and reality*. Oxford University Press. pp. 98-127.

GRISOT, C. (2018), *Cohesion, coherence and time from an experimental corpus pragmatics perspective*. Cham: Springer.

GIANNAKIDOU, A. (1999), Affective dependencies. *Linguistics and Philosophy* 22: 367-421.

HASSLER, G. (2010), Epistemic modality and evidentiality. In: Diewald, G., Smirnova, E. (Eds.), *Linguistic realization of evidentiality in European languages*. de Gruyter Mouton, Berlin/New York, pp. 224-248.

_____. (2012), Indicative verb forms as means of expressing modality in Romance languages. In: ABRAHAM, A; LEISS, E. (eds), *Covert Patterns of Modality*. Cambridge: Cambridge Scholars, pp. 133-152.

HOPPER, P. J. (1979), Aspect and Foregrounding in Discourse. In: *Discourse and Syntax*, edited by Talmy Givón. pp. 213-241.

ILARI, R; OLIVEIRA, F. O.; BASSO, M. (2016), Tense and Aspect: A survey. In: MENUZZI, S; COSTA, J. (Org.), *The handbook of Portuguese Linguistics*. 1ed.Oxford: Wiley Blackwell, 2016, v. 1. pp. 392-407.

IPPOLITO, M. (2004), Imperfect modality. In: GUÉRON, J.; LECARME, J. (Eds.). *The syntax of time*. Cambridge, MA: MIT Press, pp. 359-387.

JAKOBSON, R. (1932), Zur Struktur des russischen Verbums. Reprinted, 1971, in *Selected Writings II: Word and Language*. The Hague: Mouton. pp. 03-15.

JAMES, D. (1982), Past Tense and the Hypothetical: *A Cross-Linguistic Study*. Studies in Language 6 (3). pp. 375-403.

KAMP, H. (1979), Events, instants, and temporal reference. In: BÄUERLE, R.; EGLI, U.; VON STECHOW, A. (Eds.). *Semantics from different points of view*. Berlin: De Gruyter.

KAMP, H.; ROHRER, C.; REYLE, U. (1993), *From discourse to logic. Introduction to model-theoretic semantics of natural language, formal logic and discourse representation theory*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.

KRATZER, A. (1981), The notional category of modality. In: EIKMEYER, H. J., RIESER, H. (Eds.), *Words, Worlds, and Contexts: New Approaches in Word Semantics*. de Gruyter, Berlin, pp. 38-74.

_____. (1991), Modality. In: A von Stechow & D. Wunderlich (eds.), *Semantics*. Berlin: Walter de Gruyter. Pp. 639-650.

KURY, A. G. (2008), *Para falar e escrever melhor o Português*. Rio de Janeiro: Lexicon.

LIMA, J. P. (2006), *Pragmática Linguística*. Lisboa: Caminho.

MAIR, C. (2012), Progressive and continuous aspect. In: Binnick, R. I. (ed.), *The Oxford Handbook of Tense and Aspect*. Oxford: Oxford University Press, pp. 803–827

MALLE, B. F., & KNOBE, J. (2001), The distinction between desire and intention: A folk-conceptual analysis. In: B. F. Malle, L. J. Moses, & D. A. Baldwin (Eds.), *Intentions and intentionality: Foundations of social cognition*. The MIT Press. pp. 45–67

MATOS, S. (1996), *Aspetos da semântica e pragmática do imperfeito indicativo*. Línguas e Literatura. Portugal, v. XIII, 1996. p. 435-473.

MÓIA, T. (2016), Semântica e Pragmática. In: Ana Maria Martins & Ernestina Carrilho (orgs.), *Manual de Linguística Portuguesa*, Manuals of Romance Linguistics 16, Mouton De Gruyter, pp. 308-335 (chapter 12).

_____. (2018), *Tipos de Situações (Aktionsart) ou Categorias Aspetuais*. 35 slides. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

_____. (2000), *Identifying and Computing Temporal Locating Adverbials with a Particular Focus on Portuguese and English*. Diss. Doutoramento. Universidade de Lisboa.

NANNONI, C. (2004), *L'imperfetto tra linguistica e traduzione (francese-Italiano)*, TRIESTE, EUT .

NUYTS, J. (2000), *Epistemic modality, language, and conceptualization*. Amsterdam: Benjamins.

_____. (2001), *Epistemic modality, language and conceptualization: A cognitive-pragmatic perspective*. Amsterdam John Benjamins Publishing Company.

_____. (2016), Analyses of the Modal Meanings. In: Nuyts, J. and Van der Auwera, J (eds.) *The Oxford Handbook of Modality and Mood*: Oxford University Press.

OLIVEIRA, F.; MENDES, A. (2013), Modalidade. In: RAPOSO, E. P. et al. (orgs.), *Gramática do Português*, Vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 623-668.

OLIVEIRA, F. (1985), O Futuro em Português: Alguns Aspetos Temporais e/ou Modais. In: Actas do 1.º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, pp. 353-373.

_____. (1987), Algumas considerações acerca do Pretérito Imperfeito. In: Actas do 2º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística, pp. 78-96.

_____. (2008), *Sobre os tempos do conjuntivo*. O fascínio da linguagem: atlas do Colóquio de Homenagem a Fernanda Irene Fonseca. Porto, Universidade do Porto. Faculdade de Letras. Centro de Linguística, pp. 109-118.

_____. (2013), O tempo verbal. In: RAPOSO, E. P. et al. (orgs.), *Gramática do Português*, Vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 509-553.

PALMER, F. R. (2001), *Mood and Modality*. Second edition. Cambridge: Cambridge University Press

PERES, J. A. (1994), Towards an integrated view of the expression of time in Portuguese, *Cadernos de Semântica*, nº 14, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. pp. 1-50.

_____. (1995), *Sobre a semântica das construções perfectivas do Português*. *Cadernos de Semântica*, nº 15, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

PLUNGIAN, V. (2001), *The place of evidentiality within the universal grammatical space*. *Journal of Pragmatics*, 33: 349–57.

_____. (2010), Types of Verbal Evidentiality Marking: An Overview, in: G. Diewald and E. Smirnova (eds.), *Linguistic Realization of Evidentiality in European Languages*. Berlin: Mouton de Gruyter, 15-58.

PORTNER, P. H. (1998), *The progressive in modal semantics*. *Language* 74. pp. 760-78.

_____. (2005), *What is meaning? Fundamentals of Formal Semantics*. Oxford: Blackwell.

REICHENBACH, H. (1947), The tenses of verbs. In: _____. (ed.). *Elements of symbolic logic*. New York: The MacMillan Company. pp. 287-298.

REYES, G. (1990a), *Tiempo, modo, aspecto e intertextualidad*. *Revista Española de Lingüística*, 20,1, pp. 17-53.

_____. (1990b), *Los valores estilísticos del imperfecto*. *Revista de Filología Española*, LXX, pp. 45-70.

_____. (1990c), La pragmática lingüística: *El estudio del uso del lenguaje*, Barcelona, Montesinos.

- RIDRUEJO, E. (1999), Modo y Modalidad. El modo en las subordinadas. In: BOSQUE, I; DEMONTE, V. *Gramática descriptiva de lengua española. Las construcciones sintácticas fundamentales. Relaciones temporales, aspetuales y modales*. Madrid: Espasa Calpe. pp. 3214-3215.
- RIVERO, M. L. (1978), Un ejemplo de metodología de filosofía analítica en la semántica lingüística: *la cortesía y los actos verbales*. Revista española de lingüística 8, 77-103.
- ROJO, G. (1974), *La temporalidad verbal en español*. Verba, I. Santiago de Compostela: Universidad de Santiago de Compostela. pp. 68-149.
- RESCHER, N. (1968), *Topics in Philosophical Logic*; D. Reidel Pub. Comp.; Dordrecht.
- RUIZ CAMPILLO, J. P. (1998), La enseñanza significativa del sistema verbal: un modelo operativo. Tese de doutoramento. Universidad de Granada.
- SAUSSURE, L; STHIOUL, B. (2005), 'Imparfait et enrichissement pragmatique'. In: LARRIVÉE, P; LABEAU, E (eds.), *Nouveaux développements de l'imparfait*. Amsterdam: Rodopi, pp. 103-120.
- SCHENA, L. (1993), *Remarques sur les transpositions stylistiques decertains tiroirs de l'indicatif*, L'analisi linguistica e letteraria, I: 2, pp. 433-453.
- SCHMID, S. D. (2010), 'Modal uses' of the italian imperfetto and the Spanish imperfecto: a comparison. In: Martin G. Becker and Eva-Maria Remberger (ed.), *Modality and Mood in Romance. Modal interpretation, mood selection and mood alternation*, 39-66. Berlin/New York: de Gruyter.
- SHINZATO, R. (1991), *Where do temporality evidentiality and epistemicity meet? A comparison of Old Japanese -ki and -keri with Turkish -dis and -mis*. Gengo Kenkyu 99. pp. 25-57.
- SCHULZ, K. (2014), *Fake tense in conditional sentences: A modal approach*. *Natural Language Semantics*. 22(2), pp. 117-144.
- TASMOWSKI-DE-RYCK, L. (1985), *L'imparfait avec et sans rupture*. «Language Française» 65. pp. 59-77.
- TIMBERLAKE, A. (2007), Aspect, tense, mood. In: T. Shopen (ed.) *Language typology and syntactic description*. Vol. 3 Gramatical categories and the lexicon, 2nd. Cambridge: Cambridge University Press. pp. 280-333.
- TRAVAGLIA, L. C. (1987), *O discurso no uso do pretérito imperfeito do indicativo no Português*. Cadernos de Estudos Linguísticos, nº 12. pp. 61-98.
- VATRICAN, A. (2013), El condicional de cortesía en español: la hipótesis como forma de atenuación. In: NEBOT, A. C.; RUIZ, M. A. & VIDAL, E. L. (eds), *Estudios de Lingüística: investigaciones, propuestas y aplicaciones*. Valencia: Tecnolingüística. pp. 469-480.

VON WRIGHT, E. H. (1951), *An essay in modal logic*, Amsterdam: North Holland.

WILLETT, T. (1988), A Cross-Linguistic Survey of the Grammaticalization of Evidentiality, in: *Studies in Languages* 12: 51-97.

CORPORA

Linguateca – «*Corpus Brasileiro*» (Disponível em: <https://www.linguateca.pt/acesso/corpus.php?corpus=CBRAS>)

ANEXO

1. Imperfeito de Referência Temporal

1.

Era bonito, sorria demais, tocava sax, gostava de mulheres, pecava, era um «baby boomer», foi contra o Vietnã e, com uma vitalidade tolerante e agradável, tinha uma visão ampla da responsabilidade da liderança da América com o mundo.
2.

A questão que eu não entendia era que cada um é diferente, o modo de aprender, sentir e perceber o mundo são individuais.
3.

O que estava acontecendo era muito natural: num grupo paralelamente durante o trabalho foi me deixando incomodada.
4.

Ao mesmo tempo providenciou a vinda de mais uma dezena de contadores de trigo para ajudar na tarefa, que se tornava mais e mais trabalhosa.
5.

Eu dava nome na sala e a professora dizia que eu só voltava com minha mãe e aí eu não falava com minha mãe e não ia pra escola... Dizia que ia e ia pra praia com as colega.
6.

É preciso, pois, que se tome a eram indicados pelos políticos locais em troca de apoio em campanhas.
7.

Para os alunos, a História verdadeira era aquela que lhe era apresentada e não se punha em questão a validade do conhecimento transmitido.
8.

Anteriormente, existia no Ministério da Educação uma Subsecretária de Ensino Técnico, dentro da extinta Secretaria de Segundo Grau.
9.

Às dificuldades que vinham sendo enfrentadas quanto a pessoal docente, técnico e administrativo qualificado, devem-se acrescentar as decorrentes da estrutura organizacional das instituições de ensino superior.
10.

Transcorridas duas semanas de aulas, Hilda estava otimista e contente: as crianças estavam mais adiantadas do que imaginava.

11. _____
Mas, quando ouviam o canto do rouxinol, todos admitiam que aquilo sim era a coisa mais bonita e rara do grande império.

12. _____
No Nordeste, deu-se fenômeno inverso, cabendo às redes municipais a assunção de maiores responsabilidades na prestação do Ensino Fundamental, como ocorreu no estado do Maranhão, onde seus municípios já vinham, em 1997, respondendo por 68 % das matrículas desse nível de ensino.

13. _____
Naquele processo estava emperrado havia dez anos e foi retomado exatamente no momento, ninguém, nenhuma instituição, além da Funai, tinha ido na momento que eu voltei.

14. _____
A Norma nada mais era que o aprofundamento desses estudos, marcada, segundo Werebe (1963, p.212), «social e culturalmente pelo chamado espírito primário', no sentido de que a formação ministrada pelos cursos normais era considerada de nível elementar», na idéia vigente de que o professor necessitava saber somente aquilo que ia ensinar.

15. _____
No passado gostávamos de dizer que no Brasil não existia o preconceito, éramos uma ilha de tolerância, o brasileiro era cordial por natureza.

16. _____
regional, que congrega os dez Núcleos de Ação Educativa, a Coordenadoria dos Núcleos As Delegacias de Ensino atuavam funda-(Conae) e a Diretoria de Orientação Técnica (este mentalmente como órgãos de fiscalização, segundo nível estrutural de decisão constitui o enquanto os Núcleos de Ação Educativa são Colegiado Intermediário); e o central, que reúne pautados numa concepção de ampliar o nível de o Gabinete da Secretaria, a Assessoria Técnica autonomia das escolas a partir de uma dinâmica e de Planejamento e a Coordenadoria dos regionalizada.

17. _____

Oferecia às crianças de sete a quatorze anos o que as elites progressistas consideravam necessário para a formação atualizada de seus integrantes: línguas, ciências físicas, naturais e exatas, humanidades e belas-artes.

18. _____
Afirmou não saber se estava sendo impertinente em suas considerações, mas acreditava que a melhor forma de entendimento é a fala franca, frontal e clara.

19. _____
Em Foz do Iguaçu, Identicamente em Toledo, em 1975, o rendio rendimento real que, em 1975, era de 15,5 %, crescimento real, que era de 11,6 %, em 1985, pode chegar anualmente a partir de 1978, ano suposto como de a 97,6 %, enquanto em Cascavel de 14 % assume o introdução de medidas e assume, em 1985, o valor mesmo valor máximo em 1985.

20. _____
No primeiro, a escola era seletiva, não apenas socialmente, mas também do ponto de vista intelectual.

21. _____
A oferta total de vagas para o ensino de 19 grau não era suficiente para atender a população na faixa etária própria.

22. _____
Evidentemente a ação pioneira do Estado em assunto para o qual ainda não havia amadurecido a cultura própria, pois que as condições fundamentais faltavam para a formação do Estado Bem-Estar, haveria de resultar em percalços, distorções, desajustes e combates acirrados por aqueles que se atinham a doutrinações clássicas.

23. _____
Como dizia aquele personagem do Chico Anísio, inventor inventa, jogador joga.

24. _____
Por ser franzino e muito feio, Noel tratava de deslocar a atenção das pessoas para suas mãos. tocando violão e fazia muitas piadas, era bom de papo, para conquistar a simpatia do público."

25. _____

No mercado à vista da BM & F a cotação subiu 3 % porque o dólar, que es-
tava mais deprimido, teve uma reação.

26. _____
O personagem era desconhecido fora dos EUA.

27. _____
Seu «release» cheio de «name droppings» parecia coisa de vigarista, mas o texto não era.

28. _____
Diziam que deveria, em primeiro lugar, se disciplinar, obedecer a um 'quema tático. no caso dos Bulls, o triângulo, concebido nos anos 40 no circuito universitário norte-americano e venerado pelo técnico Phil Jackson.

29. _____
A ex-modelo ficou muito emocionada no final da reunião, quando foi abençoada pelo papa João Paulo 2.º Mesmo antes de se decidir pela vida religiosa, Moccia fazia trabalho voluntário, tendo participado durante três anos das obras da ordem da madre Teresa de Calcutá.

30. _____
Ao chegar à Fazenda, cumprimentou os jornalistas e perguntou se todos estavam prontos.

31. _____
Duas semanas antes, quando o preço era R\$ 10, só 791 torcedores viram Flamengo x Boca Juniors.

32. _____
Porque ninguém acredita hoje que o Coritiba possa ser o campeão, como ninguém acreditava em 85 e não deu outra, para não falar do Guarani em 78, ou do Bahia, dez anos depois.e agora na segunda divisão.

33. _____
Até bem pouco tempo, não era preciso pagar nada para ocupar um espaço na rede.

34. _____
Quando o contraste atingia 2 %, eles começavam a apertar o botão para mostrar que já podiam ver as faixas.

35. _____

Cedo, 6h, para ela corríamos, contentes de ver o dia a surgir, o horizonte que o sol tingia de vermelho, as silhuetas dos barcos a balançarem sobre as ondas.

36. _____

Desde o início, o objetivo era dar um destino melhor aos monumentais 'toques (armários) do governo.

37. _____

Quem estava hospedado ligava para a recepção para saber se o Tietê estava enchendo.

38. _____

Do ponto de vista dos assinantes, porém, vejo alguma procedência no argumento de que teriam direito adquirido, porque pagaram adiantado por um jornal que tinha uma revista.

39. _____

Por não ter recebido do empresariado» o apoio inequívoco de que necessitava \ " para se defender das críticas, Lafer, segundo sua avaliação, se enfraqueceu muito. "

40. _____

O que me chamou a atenção, enquanto esperava a minha bisteca, foi a penetração que havia nos dois, no que falava e no que ouvia .

41. _____

Apenas um dado: estou no terceiro colegial, um dia perguntei a minha professora qual era a capital de São Luís, e ela na maior sinceridade disse: ' Maranhão'.

42. _____

Um álbum matador da Reportagem Local A faixa que abre «Atrás dos Olhos», novo álbum do Capital Inicial, é " 1999 ", rock and roll acelerado, cru, que remete direto aos primórdios da banda, quando a urgência punk imperava.

43. _____

A publicação anunciada deve incluir o incansável trabalho de Hart-Davis e as contribuições do filho e do neto de Wilde, que conseguiram textos que ainda estavam em mãos de particulares.

44. _____

E por isso, pela voz dos que atuavam nos movimentos de inconformismo, questionava não só, no plano imediato, a ditadura e, no plano remoto, o

conservadorismo das elites (que insinuava ser também o suposto conservadorismo da universidade): questionava as interpretações que os cientistas sociais faziam sobre a sociedade e os rumos do seu desenvolvimento.

45. _____
O relacionamento com os entrevistados era tranquilo. José Khoury, que morreu recentemente com 106 anos, era chamado de «namorado \ " de Greiber, devido à simpatia que nutria por ela (recíproca, segundo Greiber, que considera o relato dele seu preferido).

46. _____
Já estava acostumado ao estilo de vida no bairro quando me mudei para o hotel Shigetsu, mais ocidentalizado.

47. _____
Eu estava estressada, com problemas na família e também na faculdade.

48. _____
Richard Barreto, chefe da polícia de Miami, declarou a emissoras de TV dos EUA que tudo indicava que o morto era Andrew Cunanan."

49. _____
Como o «seu João do Miúdo», que percorria as ruas vendendo miúdos de boi.

50. _____
Tentei fazer uma relação entre aquilo que construía, aquilo que já existia, e o lugar onde se localizava, uma colina de onde se vê o campo onde o imperador Constantino (280? -- 337) travou a batalha de Maxêncio e o rio Tibre.

51. _____
Mas, como aconteceu precisamente em um dos momentos de maior pressão sobre o país, havia uma expectativa generalizada de que os empresários aproveitariam para pedir a cabeça de ministros como Pedro Malan (Fazenda) e Botafogo Gonçalves (Indústria e Comércio) , além do presidente do Banco Central, Gustavo Franco.

52. _____
A lei de anistia chilena incluía os crimes cometidos pelos militares entre 1973 e 1978, mas a Suprema Corte chilena considerou que os crimes de sequestro e morte relacionados à Caravana da Morte não estavam contemplados.

53. _____

- O presidente está certo de que, por trás da divulgação precipitada da escolha de Dornelles para a Indústria e Comércio, havia o interesse de implodir a reforma.
54. _____
Luc Jouret nasceu no Zaire em 47, quando o país ainda era o Congo Belga, colônia da Bélgica .
55. _____
Ele estava passando o feriado com cinco colegas, hospedado em uma casa que havia sido emprestada de um amigo estrangeiro .
56. _____
A emissora pretende interferir sobre imagens jornalísticas de arquivo, acrescentando atores em cenas onde originalmente só havia personalidades políticas ou rostos anônimos .
57. _____
(ARIEL KOSTMAN) Casal da Internet é achado vivo no PI20/10/97 Eles estavam em um hotel Casal da Internet é achado vivo no PI da Agência Folha, em Salvador e do NP Policiais de Teresina (PI) prenderam anteontem, às 7h, o goiano Flávio Oliveira e Silva, que há 12 dias havia sumido com a artista plástica Carla Patrícia Coelho, que mora em Campo Grande (MS) .
58. _____
No banheiro (como Lutero) , imediatamente Bernadete Dinorá tem o «insight» do nome artístico que procurava .
59. _____
é a única forma de seu governo se diferenciar do menemismo, a quem estava sendo comparado nos últimos tempos em diversas áreas .
60. _____
Se tudo der certo, será um gol de placa do treinador da equipe baiana, Toninho Cerezo, que, jogando, era mais dado aos gols de canela.
61. _____
O presidente já estava a caminho do Peru.
62. _____
Eles argumentavam ainda que o ressarcimento poderia ter sido feito imediatamente, pois os novos controladores haviam retido US\$ 120 milhões para eventuais contingências.
63. _____

O radiograma é a comprovação documental de que o regime militar estava operando a volta de Jango em 1976.

64. _____
O chumbo é o metal que forra os caixões, e Saturno era considerado o planeta da má sorte .

65. _____
A equipe da Universidade Guarulhos ficou em quarto lugar na última Superliga Nacional e contava com jogadoras como as atacantes Ana Moser e Vera Mossa.

66. _____
Alguém, não sei onde, para acentuar o clichê segundo o qual Cafu é um desastre nos cruzamentos, tomou 'se lance contra a Alemanha como exemplo: tendo Cafu tantas cabeças mais ilustres para meter a bola, preferiu a de César Sampaio, que, segundo o crítico, era a menos habilitada de todas que havia na área naquele momento .

67. _____
Matos -- O grupo era comandado por eles dois (Correia Lima e José Wilson Torres) , mas as ramificações eram muito grandes .

68. _____
O torcedor não 'tá entendendo... Se o Inter tinha razão, por que não ganhou os três pontos?

69. _____
Na obra, Mignone narra as articulações de Francisco Gomes da Silva, o Chalaça, espécie de faz-tudo do imperador d. Pedro 1º, para fazer de Domitila de Castro Canto e Melo, a marquesa de Santos, a nova imperatriz. diante da perspectiva da morte de dona Leopoldina, que estava muito doente.

70. _____
Metade disso ficava com o bordel e o resto era usado para pagar as dívidas das mulheres, que variavam de US\$ 2.000 a US\$ 3.000.

71. _____
No carro do traficante havia um cartão de visita do coronel Latino Fontes e um fax enviado de Miami da empresa Maxima International Business, de propriedade de Delson di Susa, com prisão preventiva decretada, mas foragido.

72. _____

Em junho de 1914, o pintor Marc Chagall viajou à cidade russa de Vitebsk, sua terra natal, onde pretendia ficar por três meses antes de voltar a Paris, onde estava morando havia quatro anos.

73. _____
Aceitei, porque, inclusive do ponto de vista monetário, era uma diferença muito grande, e eu era apenas crítico.

74. _____
Nos anos 80, o país exportava 1,4 % das mercadorias que circulavam pelo mundo, segundo a Sobeet.

75. _____
Cerca de 45 dias depois, já estava em uma mesa de cirurgia."

76. _____
Não acreditava no que estava acontecendo.

77. _____
E, ao pronunciar meu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, em 1990, afirmei que, àquela altura, o Brasil estava sendo submetido «a um processo de falsificação, de entrega e de vulgarização que, a meu ver, é a impostura mais triste, a traição mais feia que já se tramou contra ele».

78. _____
Tem aquele sapatão que estava fazendo cooper quando os mauricinhos gritaram «sapatão, sapatão».

79. _____
Os que estavam pessimistas com o processo de paz ganharam um novo alento.

80. _____
Feira da praça da República será na Luz A Prefeitura de São Paulo definiu novo local para a feira de artesanato e alimentação que ocorria até novembro na praça da República.

81. _____
Mas a maioria dos pobres não tinha acesso aos bancos, nem mesmo aos bancos públicos, o que a obrigava a se defender da inflação por meio da compra antecipada de bens não perecíveis como cereais, óleo, açúcar.

82. _____
Deng, além de rejeitar o culto à personalidade que contaminou a era maoísta, não tinha o mesmo carisma de Mao.

83. _____
Cada grupo da classe pesquisava as dúvidas das outras 'colas.'
84. _____
Levei muita surra, porque desobedecia e fazia o que era proibido \ ", diz Miriam.
85. _____
Freud dizia com todas as letras que a cura pela psicanálise vem da relação amorosa (dita transferência) que se 'tabelece no tratamento.'
86. _____
Unidos vencemos, em apenas três anos, o monstro que destruía o Brasil há décadas.
87. _____
Beth era a vice de José Sérgio Conti Júnior."
88. _____
Era coisa de mulher ' se perguntar sempre pelo amor.
89. _____
Reivindicação antiga dos empresários, o benefício tinha a função de baratear os preços finais de máquinas nacionais e importadas.
90. _____
As pessoas pensavam que, sem as crenças religiosas tradicionais, o cinismo ia tomar conta.
91. _____
Mas ainda dou as minhas bimbadinhas... ahhh... Mas como eu ia dizendo, o Rio era outra coisa... ahhh... Leila Diniz, ahhh... A banda de Ipanema... Mas meu amigo, acho até que naquela época era melhor, porque a putada, isto é, a comunidade, ainda não estava acostumada a grandes tragédias e ainda se emocionava com o drama do povo... Ajudavam mais, sabe?
92. _____
Assim, nosso jovem Autor tomava com naturalidade o caminho da tradição: como lembrado, em terra de verbo literário inflacionado não havia mesmo outra forma de expressão disponível na pesquisa da sensibilidade intelectual.
93. _____

Cerca de mil pessoas, a maioria moradores da favela Naval. onde agiam os PMs envolvidos em morte, torturas e extorsões. , aglomeram-se na frente do 2º DP de Diadema.

94.

Além do mais, a família era contra ele ir para a cidade grande», afirma Cordeiro, que entrevistou parentes e amigos de infância do ex-jogador em Bauru, e também contou com dados de sua memória, pois era grande amigo de Zoca, irmão de Pelé.

95.

Naquele dia, ao final de «mais uma batalha perdida», como Cláudio Abramo costumava chamar o fechamento da edição diária, o hoje escritor e na época meu mentor Ruy Castro passou por mim e me convidou para jantar: «Não vou, estou esbudegada» .

96.

Poucas vítimas, pouco sangue derramado, o que mostrava como a preparação do golpe tinha sido cuidadosa.

97.

Com efeito, se ele em outra qualquer coisas não conseguiu a perfeição, na dança ao menos nada se lhe tinha a desejar; dançava admiravelmente, por vocação, por índole, por um jeito especial do corpo, e com um amaneirado gracioso que sabia dar aos braços, à cabeça e às pernas.

98.

Os dois pequenos passavam dias, ora no Flamengo, ora na Glória.

99.

Quanto ao desembargador vinha triste com a separação, mas a sobrinha obrigou-o a prometer, à última hora, que iria ver-la no ano próximo, e ele não advertiu que o pedido desdizia da promessa que lhe tinha feito de regressar no fim do ano ao Rio de Janeiro.

100.

Como resultado, não existia justiça superior à dos senhores de açúcar e gente, como em Portugal era o caso da justiça da Igreja, que decidia em última instância querelas seculares; não existia também poder policial independente que lhes pudesse exigir cumprimentos de contrato, como no caso das dívidas

impagáveis de que fala Freyre; não existia ainda poder moral independente, posto que a capela era uma mera extensão da casa-grande.

101.

Apenas 1 (2,2 %) paciente do grupo de FAF apresentava fibrilação atrial prévia, porém em nossa análise este número foi significativo estatisticamente, indicando maior possibilidade de manutenção de FAF após RM naqueles pacientes com fibrilação atrial ou flutter antes da cirurgia ($p = 0,0235$ e IC95 % = 0,9786 a 1,069).

102.

Os indivíduos com angina instável apresentavam dor precordial em repouso, infradesnívelamento do segmento ST > 1 mm em duas derivações contíguas da mesma parede ventricular, inversão de onda T ou onda T apiculada, ambas simétricas.

103.

Uma das possíveis explicações seria o fato de que, no presente estudo, foi analisado o IAM, um evento em que a trombose coronariana exerce um efeito predominante na gênese da ocorrência aguda, enquanto no estudo de Moraes e Souza 9, foi analisado a DAC, que não envolvia apenas IAM.

104.

Os pacientes não eram seguidos em clínicas específicas de insuficiência cardíaca e nem necessariamente por cardiologistas com experiência no tratamento desta condição.

105.

Os critérios de exclusão eram: doença arterial coronariana; diabetes mellitus; mulheres na pré-menopausa; alcoolismo; disfunção renal, hepática ou tireoideana; doença inflamatória aguda e neoplasia.

106.

Uma de nossas pacientes apresentava manifestações de retocolite ulcerativa.

107.

A continuação da pesquisa previa uma associação desses procedimentos a outros, como reuniões com os alunos e com os profissionais (professores das escolas e educadores), sendo pautadas em dispositivos / dinâmica, conforme já realizados em outros momentos da história do Programa.

108.

(...) quando pisava em casa, tentava esquecer os problemas, esquecer tudo... Pensava: «Agora vou ficar com a minha mãe, vou pedalar, vou nadar... Vou aprender a separar as coisas, senão a minha vida vai virar um inferno.

109.

Análise das respostas dos questionários Os resultados dessa primeira avaliação mostraram que houve mais êxito dos alunos em responder as questões que se referiam aos experimentos mostrados na exposição.
110.

Em sete, o álcool era a única droga consumida, nos dois restantes era consumida junto com crack e / ou maconha.
111.

Receber parentes próximos ou afastados em suas casas, ou a convivência de vários núcleos familiares em um mesmo teto eram situações excepcionais e temporárias.
112.

Figueiredo (1980), investigando chefes de família em uma comunidade pesqueira da Bahia, mostrou que, somando suas atividades remuneradas e não-remuneradas, essas mulheres trabalhavam, em média, 95 horas por semana.
113.

De tal forma que o que parecia, com a Gestalt, apontar para a especificidade do fenômeno da percepção, encerrava-se, mais uma vez, no próprio mundo das explicações físicas .
114.

O fato de não haver a participação da VSN na matrícula e no atendimento dos alunos novos explica porque no Relatório de atividades da Visão Subnormal de julho de 1994(16), foi feita menção a quatro alunos que estavam sendo educados no Sistema Braille e que poderiam 'tar no Sistema comum de Leitura e Escrita.
115.

Os pacientes do grupo C.O. eram instruídos a deixar o curativo por 24 horas, até o retorno ao hospital.
116.

Os 108 cristalinos incluídos no estudo apresentavam idade mínima de 13 anos e idade máxima de 87 anos e foram distribuídos de acordo com a idade em

intervalos de cinco anos, procurando representar com veracidade cada intervalo analisado.

117.

Mesmo que, como aponta Paim e Almeida Filho (1998) , as bases doutrinárias dos discursos sociais sobre saúde tenham aparecido na metade do século XVIII, na Europa Ocidental, como um processo de disciplinamento dos corpos e constituição das intervenções sobre os sujeitos, a Psicologia não os entendia desse modo, pois estava voltada para os fenômenos da consciência .
118.

Três pacientes com ST de convexidade superior apresentavam doença coronária aterosclerótica (DCA) comprovada por cinecoronariografia.
119.

Os resultados registrados mostram a não desprezível influência de transmissão fecal-oral, a despeito de não residirem as crianças em área que contava com razoáveis recursos preventivos.
120.

A Terceira Vara, que havia iniciado suas atividades há mais de 60 anos, como o antigo Juizado de Menores, vinha passando por uma série de reformulações, com o objetivo de atender à demanda crescente.
121.

Apesar dos seus limites, a teoria da informação surge num contexto onde já havia ficado claro que os processos de comunicação ocupavam um lugar mais estratégico na sociedade, uma vez que a informação havia se tornado matéria prima no campo da produção e não somente no da circulação. [202]
122.

Opella e Frey⁶ propuseram uma seqüência de pulsos onde o desacoplador era desligado por um certo período de tempo, com a finalidade de suprimir os sinais de C que possuem forte interação dipolar com os prótons.
123.

A terapia adjuvante era realizada periodicamente, na persistência de lesão de padrão hipervascular nos métodos de imagem (RM ou TC).
124.

As teorias anteriores não ofereciam explicações levando em conta a importante dimensão da natureza diferenciada das políticas, e seu impacto sobre as

decisões de alterar padrões existentes de alocação de recursos entre diferentes funções governamentais.

125. _____
As condições a serem observadas, referiam-se à coleta de informações sobre estado nutricional (coleta de dados realizada nas unidades de saúde, no domicílio, ou na comunidade) , ao processamento dos dados (utilização de instrumento oficial de registro -- Ministério da Saúde) , à análise (discussão das informações por profissionais das UBS) e à utilização da informação na UBS (transformá-las em instrumentos para a tomada de decisões).
126. _____
A avaliação dos resíduos químicos foi realizada com uma amostragem de 1196 L em que se verificou que 45 % deles eram recuperáveis por destilação, 8 % após tratamento e destilação, 15 % por descarte após diluição, 17 % necessitavam tratamento mais específico e 15 % não descartáveis.
127. _____
Nossa elite e ilustrada aceitava as teorias que justificavam seus privilégios e, no caso dos intelectuais que se consideravam progressistas e republicanos, essa aceitação implicava um aparente contra-senso.
128. _____
Setores políticos ligados ao regime militar e autoritário reagiram severamente à política democrática que se implantava no país e que procurava alcançar o funcionamento das polícias e do sistema penitenciário.
129. _____
Antes da inauguração do serviço, o acesso dos pacientes de pronto-socorro aos métodos de imagem era mais difícil porque eram «encaixados» no meio de uma pesada rotina de exames dos pacientes internados e ambulatoriais, havendo demora injustificável no atendimento dos pacientes mais urgentes.
130. _____
Boa parte destes curadores não tinha esta atividade como única fonte de renda, enquanto outros nem ao menos a exerciam de forma remunerada.
131. _____
Juntos, elfo e anão entraram em Minas Tirith, e as pessoas que passavam por eles se assombravam ao verem tais companheiros, pois Legolas tinha no rosto uma beleza que ultrapassava a medida dos homens, e cantava uma canção élfica

com voz clara ao caminhar pela manhã; mas Gimli vinha atrás dele andando empertigado, cofiando a barba e fitando tudo ao redor.

132.

Além da escassez de casos tidos como comprovados, os especialistas apontavam as incertezas quanto à especificidade clínica da doença e aos procedimentos de diagnóstico.

133.

O cérebro apresentava hemorragia multifocal discreta na periferia dos vasos, congestão passiva cerebelo apresentava congestão passiva difusa.

134.

No caso da soja semi-integral extrusada, o material era tratado com solventes logo após a laminação e antes da extrusão, atingindo, ao final do processo, aproximadamente 12% de extrato etéreo.

135.

Na história das teorias de gestão, a percepção de que os processos de decisão eram altamente centralizadores, lentos e burocráticos surgiu a partir da percepção da necessidade de adequar o modelo organizacional das grandes corporações industriais em uma fase de luta por mercados e, conseqüentemente, de acirrada competição e necessidade de obter maior produtividade dos trabalhadores (Lodi, 1982). 223

136.

Nesse pequeno diálogo, podemos escolher pelo menos duas demonstrações: a) na fala da psicóloga, que se admira diante do desenvolvimento de Carlos, segundo relato da mãe: «Dele não saber ler e escrever, não tinha problema nenhum, mas a cabecinha dele...) o que ele sabe hoje, nem eu sei como a senhora conseguiu»; b) e no dizer da própria mãe à Carlos, que desacredita na função da escola como um local de aprendizagem sistematizada: «Mesmo que você não aprenda nada lá (na escola) , só de você ter seus amigos, tem o professor, conversar, sair... já te ajuda, você já não fica aqui sozinho com a mãe... "

137.

Ali eu fiz todo o primário em dois meses... José Correia Leite, informante de Demartini, diz que tais escolas (para negros) visavam um projeto mais amplo de conscientização da camada negra e, ao mesmo tempo, eram uma solução

possível aos problemas de escolarização de negros e mulatos na cidade de São Paulo.

138.

Como acontecia em Matemática, às vezes a gente pedia pra ela explicar e retornar alguma coisa que a gente não entendia, ela nos dizia que no quarto magistério a gente já tinha que estar sabendo tudo isso.

139.

O objetivo final foi o de avaliar em que extensão esses programas estavam respondendo às necessidades da população de mais baixa renda na Bahia e também apontar os problemas críticos que poderiam prejudicar e ou maximizar o sucesso de tais programas.

140.

O entrevistado indicava o número de porções que costumava consumir e com que frequência: mais de 3 vezes por dia; de 2 a 3 vezes por dia; 1 vez por dia; 5 a 6 vezes por semana; 2 a 4 vezes por semana; 1 vez por semana; 1 a 3 vezes por mês; nunca ou quase nunca.

141.

A partir de sua classificação por temas como puberdade, menstruação, menopausa, amor, vida sexual e casamento, perturbações e desvios femininos, formas de tratamento, a autora procura detectar como as teses brasileiras tratavam a diferença sexual.

142.

Como apontava Robert Park 5, em 1916, antes, a cidade é um estado de espírito.

143.

A razão que a fez separar-se era «fútil» do ponto de vista de sua coletividade, principalmente para uma mulher: ela não estava apaixonada.

144.

Em verdade, o próprio direito de falar em assembléia (isegoria) era tratado por autores da época como sinônimo de democracia.

145.

Foram seguidos os seguintes procedimentos: 1. inicialmente, obteve-se a lista de professores do Programa a partir do seu sítio na Internet; 2. a lista foi confirmada com a Secretaria do Programa, acrescentando-se novo professor,

chegando-se, com isso, a 19 pesquisadores; 3. para atender ao período de estudo desejado, foram acrescentados os professores que se aposentaram no período considerado, mas que estavam em atividade durante pelo menos um dos anos em 'tudo.

146. _____
Durante os ensaios de tração, observaram que a ruptura ocorria exatamente na região atingida pelo laser.

147. _____
Era para esse suposto mundo de outrora que se voltavam seus anseios, necessidade existencial de um homem que acreditava presenciar os momentos finais de um longo processo no qual o heroísmo de um povo conquistador fora substituído por uma massa uniforme de homens iguais -- para alguns até virtuosos, mas jamais honrados.

148. _____
Aí... ele falô que não queria ficar com o carro.

149. _____
Quando não tínhamos o cargo ligado à empresa alguma durante um dado governo, consideramos a maior distância possível na rede, naquele governo.

150. _____
Meu tio disse-lhe que era pelo meu guarda-roupa que eu chamava e que não era frade.

151. _____
Nos fundamentos da inclusão desta diferenciação figura a necessidade de esclarecer com informações estatísticas a questão de se estes produtos da miscigenação estavam diminuindo sua participação na população do país e de se a raça negra estava se tornando mais pura.

152. _____
Evidentemente, os corredores de exportação coincidiam com os ecológicos.

153. _____
Tanto a liberdade tutelados índios como a pregação desse tempo messiânico eram componentes contra-ideológicos alimentados por este sonhador impenitente, que pagou duramente o preço das suas utopias.

154. _____

Mais tarde, com sua irmã-de-santo Fortunata, iniciaria outras filhas-de-santo, na ilha de Itaparica, em casa do Balé Xangô, cuja filha, Ondina Valéria Pimentel, uma das iniciadas desse grupo, viria a ser, ainda muito jovem, a iá-quequerê de São Gonçalo e, como já foi dito, por morte da ialorixá Senhora, de quem era irmã-de-santo, assumiria a chefia daquele terreiro.

155.

Até os anos 70, a economia brasileira conseguia crescer razoavelmente, apoiada no tripé já mencionado.

156.

Essa colocação levava ao círculo vicioso de Gunnar Myrdal.

157.

Com artigos, ensaios, resenhas, colaborava constantemente nos jornais, " registrando livros novos, comentando exposições, debatendo teorias... Sua visão sociológica concorria para a ampliação das interpretações, sendo um dos raros estudiosos «a usar com segurança e felicidade essa combinação difícil» da Sociologia e da crítica de Arte.

158.

Por outro lado, no entanto, esta ação desencadeou uma reforma agrária interna, ou melhor, uma espécie de remembramento fundiário, em que os candidatos à concessão de terras nos projetos recém-criados -- sobretudo agricultores jovens -- tinham que transferir suas terras (desde que não ultrapassassem os 50 ha) situadas dentro dos limites da colônia à cooperativa, que, por sua vez, as utilizou para arredondar os terrenos de outras empresas.

159.

A figura de trabalhadores como «pés rapados» que aceitavam o quanto o patrão quisesse pagar e que não deviam reclamar nem das tarefas atribuídas nem dos frequentes aumentos das horas trabalhadas fundava simultaneamente uma noção de trabalho sem face, posto no mundo apenas para garantir a sobrevivência de pessoas sem atributos que não necessitam de certeza alguma.

160.

Sua formação baseou-se, inicialmente, na prática clínica e, por gostarem do trabalho que estava sendo desenvolvido, foram em busca de maiores conhecimentos na área da psiquiatria.

161.

Porém, quando os problemas envolviam um maior grau de dificuldade, estes eram solucionados pelos grupos 2F e 1F recorrendo mais frequentemente à utilização da escrita, enquanto os grupos 2 IN e 1 IN quase sempre recorriam à solução oral, gerando desta forma um maior número de erros.

162. _____
De posse de tais conclusões preliminares, procedeu-se, então, à avaliação daquelas empresas cujo produto era bastante complexo, com relação ao número de itens, bem como cujo volume de produção era baixo, quando comparado com as escalas tradicionais dos fornecedores de primeiro e segundo nível do setor.
163. _____
Como era numerosa a população de indigentes da capital, continuou intenso o envio de pacientes ao asilo de Cachoeiro.
164. _____
Em 1831 a Câmara já havia chegado à conclusão de que deveria renovar por um ano a licença que José Custódio Teixeira de Magalhães vinha obtendo da Fisicaturamor desde 1826 para vender o seu remédio que curava o «vício da embriaguez» .
165. _____
Isto responderia também a uma das críticas que eram feitas ao procedimento clássico.
166. _____
A política era geral.
167. _____
Em primeiro lugar, os ambientalistas reclamavam que os residentes da reserva estavam criando burros e cabras, o que interferia com os animais selvagens, e que eles caçavam e pescavam de forma ilegal.
168. _____
O Lung Health Study observou que mais de 20 % das pessoas tabagistas entre 35 e 59 anos tinham alterações espirométricas⁴⁵).
169. _____
Estudo recente, envolvendo 211 prematuros de EBP (46 % com idade gestacional < 26 semanas) , mostrou que, no segundo ano de vida, 42 % das crianças apresentavam desenvolvimento normal e 18 % tinham seqüelas graves.

170.

Este trabalho detectou que, após análise ajustada, os fatores associados ao AME ao final de quatro meses de seguimento foram escolaridade materna ($p = 0,041$), uso de chupeta ($p = 0,003$) e grupo de seguimento em que a criança foi alocada ($p = 0,002$), enquanto que outros fatores como trabalho materno e tipo de parto não se associaram com AME, sendo estes últimos explicados pelo tempo de acompanhamento de quatro meses, pois a maioria das nutrizes ainda usufruía de licença-maternidade ou não trabalhava fora, e pela ausência de cesarianas eletivas nos lactentes seguidos.
171.

Assim, não havia um real compromisso com o país como um todo.
172.

O dados revelaram que havia mais mulheres com algum tipo de patologia no grupo de não-usuárias de reposição hormonal do que no grupo de usuárias, o que está de acordo com os resultados de Matthews et al.¹⁵, que, estudando prospectivamente 541 mulheres, observaram que as usuárias de terapia de reposição hormonal eram mais saudáveis previamente, ou com menor risco para doença cardiovascular que as não-usuárias desta terapia.
173.

Caso a resposta estivesse de acordo com as contingências programadas (resposta correta), nenhuma ficha era retirada do monte de fichas do participante, a lâmpada era apagada e o arranjo de estímulos retirado; caso a resposta fosse considerada incorreta, uma ficha era retirada do monte de fichas do participante, a lâmpada era apagada e o arranjo de estímulos retirado.
174.

Os professores da FEDF foram subdivididos em três grupos proporcionais: grupo que trabalhava com crianças (jardim à 4a série) -- Grupo Infância ($n = 60$); grupo que trabalhava com adolescentes (5a série ao 3o ano do ensino médio) -- Grupo Adolescência ($n = 60$) e grupo que trabalhava com adultos (supletivo) -- Grupo Adulto ($n = 60$).
175.

Ora, naquela época havia uma concorrência forte da história quantitativa.
176.

O que no Marañón podia ser desconsiderado e na ásia precisava ser incorporado ao projeto não resultava de uma falha da compreensão ou formação dos padres aqui enviados.

177.

O ESPETÁCULO Se se queixa central sobre exibição em Cinearte incidia sobre a melhoria das salas, tornando possível nobilitar o cinema a partir da frequência de um público mais qualificado econômica, social e culturalmente, capaz de fruir devidamente a nova linguagem artística, reconhecendo portanto o estatuto que se pleiteava e reconhecia no que havia de melhor no cinema americano, a queixa subsidiária e complementar dirigia-se à forma do espetáculo cinematográfico tal como se desenvolvia naquele momento, conforme descrevemos na seção anterior.
178.

Essa melhoria de vida incluía sempre, em quase todos os casos, a ambição de fazer os filhos estudar, fosse nas capitais, nos seminários ou na Europa.
179.

O sinal sonoro que indica o início da apresentação do par de estímulos e o que indicava a escolha correta eram diferentes e discretos.
180.

Os jovens estudados por Zaguri (1996) indicaram os amigos (49,9 %) e a mãe (22,4 %) como as pessoas mais procuradas para conversar em momentos em que estavam tristes ou com problemas.
181.

Os congressos foram, na realidade, um único: a inscrição em um dos eventos garantia, automaticamente, a participação no outro.
182.

Os espaços destinados a esse problema, normalmente estavam abertos dentro de questões mais amplas como a internação, ou sobre a sequência «lógica»: família desestruturada, abandono (principalmente moral) e, finalmente, a delinquência.
183.

O fato de que se encontravam proibidos o cultivo de uvas ou de azeitonas, o refino de açúcar, a manufatura de tecidos de melhor qualidade, ou o curtimento

de peles, refletia a intenção de se evitar competição entre a produção colonial e a metropolitana.

184.

 Quanto à avaliação nutricional, observamos que no grupo de crianças com idades menores ou iguais a 5 anos, 7,1 % das crianças eram desnutridas, 60,7 % eutróficas, 16,1 % sobrepeso e 16,1 % eram obesas; nas crianças maiores que 5 anos de idade, 8,1 % eram desnutridas, 64,9 % eutróficas, 8,1 % tinham sobrepeso e 18,9 % eram realmente obesas.
185.

 Todos os pacientes tinham perda auditiva associada no lado acometido, 6 deles (60 %) apresentavam perda auditiva mista (variando de moderada à severa) e 4 pacientes (40 %) tinham anacusia.
186.

 Cálculo da incerteza total do resultado final Considerando que a amostra tinha sido diluída 100 vezes (2 diluições de 10 vezes, com pipeta volumétrica de 10 ml e balões volumétricos de 100 mL) e inicialmente estava contida em balão volumétrico de 250 mL, o resultado calculado, em massa, passou a ser 27,4 mg de cádmio ($\text{mg cádmio} = 1,098 \times 25$).
187.

 Nos dois casos chamava a atenção, à simples inspeção, o desvio dos membros provocado por fraturas não percebidas ou indolores e defeituosamente consolidadas.
188.

 Não havia antecedente pessoal ou familiar de complicações anestésicas.
189.

 Quando detectados linfonodos comprometidos nos níveis I, II e / ou III, havia metástases no nível IV em 13 % dos pacientes, o que torna oportuno o seu esvaziamento.
190.

 Enquanto buscava promover oportunidades para indivíduos, a ação afirmativa também tinha como premissa uma visão de justiça social.
191.

Diante dessa informação, tudo levava a crer que mais uma vez se alcançaria o objetivo desse segundo grupo de operadores do direito, ou seja, o de devolver a liberdade àqueles homens e mulheres que viviam em cativeiro ilegal .

192. _____
Neste quadro, a «distensão» seria um conjunto de procedimentos oficiais, os quais sinalizavam com um movimento em direção à normalização político-institucional.

193. _____
Foi estranho o regozijo do povo, por ele perceber com os olhos desfeito de público o engano tão grande de corpos, que todos confessavam viverem .

194. _____
A repercussão, e a extensão dos movimentos que assolaram o país no limiar do século XX, assustaram a burguesia que era representada pelo Partido Constitucional Democrata CADETE que, como era de se esperar, adotou uma postura contra-revolucionária, já que a derrocada do regime czarista significava a perda dos privilégios da burguesia.

195. _____
Estes dois fatores se entrelaçavam e, então, davam origem a um círculo vicioso: devido à sua crônica situação financeira, como afirma Fernando Uricoechea, o Estado não podia depender satisfatoriamente de seus próprios recursos para burocratizar a máquina estatal - o que o obrigava a recorrer, sem cerimônias, a formas patrimoniais de administração local; por outro lado, a falta de uma maior profissionalização do aparelho burocrático impedia um maior incremento da dinâmica extrativa do Estado particularmente, no que concerne aos aspectos extrativos fundamentais (militares, jurídicos e fiscais); mais uma vez, sem dinheiro, tornava-se inviável a constituição de uma burocracia assalariada que pudesse se fazer presente em todos os rincões do país; e assim por diante.

196. _____
Na década de cinquenta e cinco a sessenta, já foi na época da eleição do J.K., aí ele lançou o Programa Rosa da Esperança onde o tratamento era domiciliar.

197. _____
Os recursos gerados por este passado glorioso do café e concentrados nas mãos dos fazendeiros foram repassados para outros setores da economia, possibilitando a criação de: «condições efetivas para o avanço da modernização

capitalista nos vários vetores em que ocorreu estruturação do mercado de trabalho livre, diversificação econômica, industrialização, investimento e comportamento econômico da aristocracia rural, poder político das elites locais etc.) Assim, passada a fase áurea do café, surgia no final do século XIX» a era da indústria, o ciclo industrial (...) o progresso da metrópole.

198. _____
Talvez o caso de Antonio José da Costa, possivelmente não sendo índio, já que em 1882 no seu Requerimento ao Presidente da Província, ênfatizava ser casado com a filha de uma índia do Riacho do Mato, denunciando 'tar sendo pressionado pelo vizinho a pagar rendas de um terreno, casa e lavouras que o denunciante afirmava ter comprado «a um índio que tinha se retirado do lugar» 5, ilustra o destino dos ex-aldeados em Escada.
199. _____
Para mais informações sobre o 97 foi criada no Rio de Janeiro, em 1738; depois, em Salvador; e em São Paulo, a Roda foi criada em 1824, mas frequentemente a Câmara Municipal alegava falta de recursos, isentando-se de contribuir com a instituição.
200. _____
Anna Ferreira Maciel temia a divisão do patrimônio da família enquanto Isabel lutava pela realização de seus sonhos.
201. _____
Os móveis ecléticos do último quarto do século XIX eram usados nas instituições públicas e as cadeiras desses locais apresentavam no cachaço as iniciais do local a que pertenciam, daí derivando o nome de estilo «oficial».
202. _____
A reportagem falava também, que a passagem do aniversário da «revolução de 31 de março» havia sido marcada pela inauguração da ponte Antonio Augusto Martins, sobre o rio Amajari, a qual tinha por objetivo, conforme a manchete, integrar uma das mais ricas regiões de agricultura e pecuária ao restante do Território.
203. _____
Nessas terras são produzidos o milho, o algodão e, em especial, o trigo que, segundo Sandra Pesavento, foi através desta cultura e do charque que» mercantilizava-se a economia riograndense.

204.

Esse estado de coisas era próprio do estado de natureza, condição essencial ou primeira de ser, no qual os interesses e as opiniões não eram respeitados e nem mesmo aceitos pela diversidade.
205.

Criada pelo Decreto-Lei nº 44.863, de 21 de novembro de 1958, tinha como atribuições: a) a coordenação das atividades destinadas ao desenvolvimento do turismo interno e ao afluxo do estrangeiro; b) o estudo e a supervisão das medidas relacionadas com a movimentação de turistas; c) a simplificação e padronização das exigências e dos métodos de informação, registro e inspeção relativos aos viajantes e a seus bens, recursos pessoais, meios de transporte e hospedagem; d) a promoção e estímulo, por todos os meios em seu alcance, dos planos e equipamentos turísticos, especialmente os que se referem à construção e à remodelação de hotéis; e) a criação de serviços e instalações que ampliem e completem as zonas turísticas; f) a realização, com colaboração dos estados e municípios, do inventário das áreas de interesse turístico existentes no país, a fim de ser levantado o patrimônio natural, com a finalidade de proteger, por meio de legislação adequada, a paisagem e outros motivos considerados como atração turística.
206.

Ao professor Dr. Waldemar Donizete Bastos, pelo apoio científico e pessoal, pelos valiosos passeios à trabalho na região de Rio Preto, por tão bem ter recebido na pós-graduação a mim e aos meus colegas -- principalmente os que vieram de fora, que ainda não estavam alojados e não conheciam bem a cidade -- quando chegamos à Rio Preto para participarmos do programa de verão em Funções Analíticas; pelas palavras, idéias, paciência, dedicação e amizade, fortemente agradeço.
207.

The Beatles mito, produto e discurso 8686 forma como a imprensa, os fãs e os outros três beatles encaravam o fato de ela estar sempre junto dele, dando palpites a todo momento, inclusive sobre as músicas que o grupo estava gravando.
208.

Em um dos ângulos descobri uma escada vertical, que dava para o outro piso... Essa escada, que postulava mãos e pés, era compreensível e de algum modo me aliviou (Borges, p. 58).

209. _____
Coincidentemente era uma tarde chuvosa e uma das poesias citava a chuva.
210. _____
A casa era destituída de coisas básicas, como mesa, cadeira, camas e utensílios de cozinha.
211. _____
Na época para os padrões do homem não-índio, «civilizado», que vinha ocupar a «fronteira despovoada», terra de índio era terra de ninguém.
212. _____
Com a mudança de público-alvo, os gestores começaram a prestar mais atenção nos concorrentes diretos (vizinhança): «Com a mudança de foco, começamos a concorrer diretamente com os vizinhos (...) a Alfa era um pouco mais barata que as outras (...) (um exemplo) ...a Day By Day, vendia Company inclusive os acessórios emborrachados (...) Vendo isto também começamos a vender os acessórios emborrachados (feitos por nós), para competir com a Company (Day by Day), (é) lógico que a Company tinha uma marca mais consagrada (...) e para penetrar começamos a atuar com preços mais baixos (...) no começo nós tínhamos dificuldades de explicar para o cliente o valor do produto (...)».
213. _____
Mesmo não se estabelecendo como um projeto coeso, abrigando compreensões diversas quanto ao caráter dos processos de alienação social e até mesmo reunindo abordagens analíticas antagônicas, a Escola afirmava sua fidelidade ao que considerava princípio essencial na teoria marxista, isto é, a “crítica concreta das relações sociais alienadas e alienantes”, uma vez que se tratava de levar a humanidade a reconhecer o capitalismo não apenas como um processo sujeito a crises econômicas e políticas mas como uma catástrofe auto prescrita: «A despeito de todas as divergências, havia uma convicção comum, pelo menos para Horkheimer, Adorno e Marcuse depois da Segunda Guerra Mundial: a teoria deveria ser racional, na tradição da crítica marxista do caráter fetichista de uma reprodução capitalista da sociedade, e ao mesmo tempo representar a

palavra justa que romperia a maldição imposta aos homens e às coisas, e a suas relações recíprocas.

214. _____
Desses, 2 exerciam o cargo de gerente, 9 eram vendedores, 5 eram caixa, e 54 trabalhavam em outras funções.
215. _____
Até a parte V da Introdução, tais juízos eram demonstrados como relevantes para as tentativas de sistematicidade científica e para o problema específico da teleologia.
216. _____
Quando o bebê nascia nós pegávamos, enxugávamos, cortávamos o cordão umbilical e entregávamos para a atendente.
217. _____
Com relação as crianças hospitalizadas, 72,4% utilizavam fossa com positividade de (16,4 %) e 27,6% utilizavam rede de esgoto com positividade de (19,0 %).
218. _____
Pesquisadores e usuários da PO na década de 70 perceberam que certas decisões na prática não podiam ser tomadas baseadas apenas em um critério de decisão.
219. _____
Comparação entre a IP LINGUAL e VESTIBULAR do paciente com aparelho lingual Na comparação inicial, não houve diferença estatística ($p = 0,0581$) entre as médias iniciais de IP VESTIBULAR e LINGUAL dos pacientes de ortodontia lingual, demonstrando que os pacientes possuíam, em média, a mesma eficiência de escovação nas duas faces dentárias.
220. _____
Os camundongos em que o gene da apolipoproteína A-V humana foi superexpresso tinham os níveis plasmáticos de triglicérides cerca de um terço inferior em relação aos seus controles, enquanto que camundongos sem a expressão do gene (nocauteados por indução), apresentaram concentrações plasmáticas de triglicérides quatro vezes maiores do que os controles selvagens (PENNACCHIO et al., 2001).
221. _____

Ao participante era permitido indicar uma só marca, várias marcas, ou mesmo nenhuma, se entendesse que nenhuma delas possuía tal característica.

222. _____
Propôs uma linha tangente ao mento mole e à porção mais anterior do lábio superior, criando assim a Linha H. Segundo ele, um bom perfil facial era verificado quando a Linha H variava entre 7° e 9° e o ângulo ANB valia aproximadamente 2.º 8 RICKETTS38, em 1957, descreveu a «linha E», também conhecida como «plano estético», que o mento mole e a ponta do nariz, e a partir da qual os lábios são medidos.
223. _____
A relação crime desemprego não se constatou tão fortemente neste estudo, pois a maioria dos entrevistados estava trabalhando na época da prática do crime.
224. _____
Neste estudo, a população atingida era de crianças com LES ativo, em uso de corticóides ou outras drogas imunossupressoras em doses altas.
225. _____
Considerava a organização não em termos de um sistema físico fechado que pode obter uma combinação estável de forças em equilíbrio estático, mas à luz do conceito biológico de um sistema aberto no qual o equilíbrio pelo organismo ou pela 47 organização é essencialmente dinâmico, mantendo um contínuo intercâmbio através de suas fronteiras com o seu ambiente.
226. _____
Nas laterais da placa, barreiras formadas por lâminas de vidro impediam o escoamento da dispersão vazada para fora do molde, e promoviam a formação de filmes com espessuras controladas, de acordo com o volume de dispersão adicionado ao molde.
227. _____
Gertum Caroline Grünewald, nascida Gertum Cemitério Luterano Evangélico Foto do Autor 10 Sobre a preservação do «Kultur» nos redutos de imigração alemã no Rio Grande do Sul encontramos o orgulho de ser alemão ou descendente expresso nas mais diversas formas, como no nome dos estabelecimentos comerciais, que levam o nome da família ou a denominação em alemão como, por exemplo, encontramos diversas «Blumenhaus» (Casa de Flores) ao invés de floriculturas, nas diversas sociedades de canto e de tiro, espalhadas pelas

cidades pertencentes ao núcleo de imigração alemã, que até a década de 30 exigiam que seus sócios dominassem o alemão .

228. _____
Os frutos foram colhidos pela manhã, ao acaso, do chão, ou mesmo, quando ainda unidos à planta-mãe, porém, apresentavam rachaduras no epicarpo e mesocarpo externo, ficando à mostra o mesocarpo interno .

229. _____
Ele dizia que, na inclinação do tubo para baixo ou para cima, mais para frente ou mais para trás, se vai descobrindo o lugar ideal.

230. _____
Esse aspecto é importante, segundo Foucault (1999), porque nem o poder da soberania nem o poder disciplinar operavam com essas noções.

231. _____
Na minha época mesmo de CM, já se falava em ter alunas no CM, só que isso é uma piada né?

232. _____
Considerando-se que 18 % dos protozoários demonstraram não serem afetados pela TFD após 24 horas, e que, portanto, havia disponibilidade de alimento e espaço no meio de cultura, já que o número destes era reduzido, acredita-se que estes parasitas dividiram-se, contribuindo para o aumento de seu número.

233. _____
Era grandona, não era dessa pequena não, dessa agora não.

234. _____
Os que não morriam ou desertavam, voltavam feridos ou mutilados, e em seus rostos os outros podiam ler todo o horror da guerra.

235. _____
Dom Sebastião usou todos os artifícios para enganar: sua fortuna, seu hábito e traje, seu nome, tudo era suposto.

236. _____
O próprio doutrinador reconhece a força de persuasão de seu método: Semelhante preocupação pelo bem estar das populações, quando não havia nenhuma assistência técnica e quase nenhuma médica, conquistou a estima e confiança do povo que, em retribuição, procurava mostrar-se dócil e obediente.

237. _____

O Cônego inicia relatando que a Diocese de Cuiabá era composta de 16 freguesias, das quais 12 encontravam-se providas de pároco e as demais, vagas, por falta absoluta de sacerdotes, pois só o espírito apostólico e a só necessidade podem concorrer para que um sacerdote se proponha a tomar a seu cargo o cuidado de uma freguesia deste Bispado.

238. _____
Os Números Coloniais, como eram chamados os lotes, tornaram-se acessíveis, em certa medida, graças ao trabalho de colonos em abrir estradas.

239. _____
Um dos traços comuns nestas comunidades e que conferia um aspecto particular à comunidade são os laços de parentesco, que ligando todos a todos compõem o quadro de uma grande família.

240. _____
A gente tinha que ser esperta, dar o fio para ela puxar e lá a gente segurava e ela ia puxando e passando fio por fio no pente.

241. _____
Outros brasileiros, como já vimos anteriormente, estavam integrados a unidades comuns do EPR .

242. _____
Embora estivesse vivendo na colônia, Dom Azeredo demonstra estar bem sintonizado com os movimentos sociais e culturais que aconteciam na Europa.

243. _____
Contudo, a tradição eclesial, ou a Igreja institucional, oficial, ponderou, julgou e classificou aqueles que se punham em aproximação ou profunda incursão neste legado cultural no exercício de interpretação de sua doutrina.

244. _____
À medida em que havia algum tipo de desistência, admitia-se outra criança já previamente selecionada dentro dos critérios definidos anteriormente.

245. _____
Maria Spinoso de Montandon 100 Regavam a Rua com Vinho para a Imagem de Bento Antônio passar, afirmando que enquanto a imagem passava, Dona Beja, de braço dado com o ouvidor, acompanhava a procissão.

246. _____

O primeiro desses fatores foi o deslocamento das sociedades indígenas para lugares onde pudessem se proteger dos conflitos; o segundo, foi o envolvimento de muitos índios nessa guerra e que não possuíam o direito de decidir a própria sorte; muitos foram obrigados a se envolver nesse conflito como consta nos documentos da DGI; terceiro, foi a interferência no desenvolvimento da política de aldeamento, principalmente pelo isolamento da região mais avançada do projeto catequisador que era justamente a região do sul de Mato Grosso.

247. _____
Esta situação se prolongou por todo o período em que o Brasil era uma Colônia e, também, durante o Império, estando suas raízes no direito do padroado .

248. _____
O problema que o Estado enfrentava para implementar uma política de difusão cultural dizia respeito ao financiamento dos programas culturais .

249. _____
Já ouvi um deles discursar com a maior seriedade e emoção, declarando que a função da sua escola de samba era «suavizar o trabalho dos poderes públicos no melhoramento do povo».

250. _____
O status de «celeiro do Brasil» forçava o estado gaúcho a uma remodelação de suas práticas produtivas.

251. _____
Já fizemos algumas considerações a respeito daqueles artigos e, nessa mesma linha, no que se refere a estes, deve salientar-se que durante a própria realização dos serviços, muitas vezes, os praças estragavam os calçados que recebiam.

252. _____
Paulo Francis muitas vezes teve de abrir mão de suas opiniões para se adaptar às situações que se apresentavam, tendo de escolher, segundo ele, entre o menor dos males: «No fim do governo Jango eu continuava descrente de que ele fosse capaz de fazer alguma coisa de sério no e com o país.

253. _____
Os homens também recusavam relações sexuais.

254. _____

A postura, vinda de uma administração municipal completamente resistente á pratica das ocupações de terra, poderia ser tudo, menos inocente; na prática, o descaso com o local onde se daria o novo assentamento urbano era, via de regra, um recado significativo para as prováveis ocupações na cidade.

255.

Vendido por um valor simbólico, além de divulgar o trabalho do grupo, era uma importante fonte de arrecadação de recursos para a oposição, além da venda de bônus.

256.

Sua formação intelectual e eclesiástica o fazia reconhecido e dava-lhe autoridade.

257.

Felipe elucida essa questão: Este cerceamento, apesar de não colocado de forma explícita, estava diretamente relacionado à sexualidade, pois a recomendação de não haver proximidade física entre meninas e até mesmo a censura por estabelecer uma relação mais afetiva (através de confidências entre elas), mostrava o quanto as sexualidades deveriam ser submetidas a uma constante vigilância, por serem consideradas perigosas.

258.

Embora os trabalhadores ficassem internos numa situação que se assemelhava a prisões e as relações se acercassem da semi-escravatura, é preciso lembrar que a força de trabalho era livre, que os trabalhadores engajavam-se voluntariamente e que, para compensar tais condições de trabalho e arrocho da disciplina, as minas paulatinamente foram aumentando os salários e incentivando uma espécie de paternalismo racial que retardava a emergência de uma consciência de classe entre os mineiros, que não só ficavam distanciados da força de trabalho branca como eram alojados em bases étnicas.

259.

Na mesma linha, a imprensa rio-grandina vinculada aos ideais dos futuros líderes revolucionários atacava o absolutismo através de constantes críticas aos tiranos, com afirmações como: «a força dos tiranos existe na paciência e aviltamento dos povos»; «quando os tiranos conseguem os seus fins, sacrificam a todos os que facilitaram os seus sucessos»; e «os abusos da força estão gravados com caracteres de sangue nas páginas da história».

260. _____
A rivalidade entre as potências nacionais, que, naquele momento, era questionável, pois regularmente só existia uma, poderia ter se desenvolvido pela disputa entre 'sa e um setor da maçonaria momentaneamente desorganizado.
261. _____
Seu desaparecimento pode estar ligado à inconstância da energia eólica na ilha e à facilidade e economia com que se construía e se montava um engenho movido à tração animal.
262. _____
Destacando a humilhação que o movimento teria imposto a um membro do CGT quando este discursava, a reportagem faz alusão ao combate a essas forças que estariam promovendo desordens ao disseminar suas idéias subversivas.
263. _____
Negociar nessa rota exigia, via de regra, investimentos mais altos que os necessários para as monções do sul e alguns desses comerciantes eram homens de grandes cabedais; a maioria deles tinham vínculos e controle do comércio à longa distância, permaneciam mais tempo em um certo segmento de negócios e tinham um maior capital de giro, por isso davam prazos maiores aos seus credores e tinham largo crédito pessoal 486. "
264. _____
Experimentação com drogas (LSD, mescalina, maconha, peyote, etc) Cabelos longos para homens Freaks -- eram os burgueses alternativos que possuíam um conhecimento específico, mas que pareciam estranhos aos olhos da sociedade por terem abandonado suas vidas comuns.
265. _____
Ou seja, a relação entre acidente e substância (distintamente do primeiro sentido que abarcava uma relação de contingência entre os dois) pode ser uma relação de necessidade: isso acontece, quando os acidentes são derivados diretamente da substância da qual são acidentes.
266. _____
A fundação deste novo serviço decorreu da necessidade de organizar uma assistência condigna à população, considerando que, até então, a única instituição destinada ao atendimento de doentes era o Hospital de Caridade, localizado à

Rua da Misericórdia, no bairro da Ribeira, mesmo assim, em precárias condições (CASCUDO, 1984).

267. _____
Valorizava o diálogo com esses pacientes, os escutava e os deixava expressar seus sentimentos que muitas vezes surgiam como uma «avalanche» quando eles adentravam ao setor.

268. _____
Porque que nem esses dias, ele que estava ruim, ai ele que falava: «não, fica quieta, quieta, porque hoje eu não estou bom».

269. _____
Instigado com o resultado de uma pesquisa feita em Manaus em um núcleo da UDV, que constatou que 11 dos 15 participantes da amostra possuíam, antes de ingressar na instituição, um histórico de abuso ou dependência de álcool, Labigalini fez um estudo qualitativo com 4 sujeitos que apresentavam um quadro de dependência severa ao álcool e que também se livraram do problema meses após começarem a participar dos rituais do núcleo de Araçariгуama da UDV.

270. _____
A FC era verificada manualmente pela profissional responsável pela orientação das sessões.

271. _____
O cara que morreu foi trazido por Juraci e estava lá fazia uns 15 dias.

272. _____
Nesse ínterim, já existia uma conotação que passou a dominar os estudos sobre a propriedade rural: havia uma nítida designação entre «agricultura modernizada», totalmente ligada aos complexos agroindustriais, e a «agricultura tradicional», com características de uma agricultura ainda rudimentar.

273. _____
O objetivo era oferecer ao povo padrões de identificação, já que essa comunidade, embora formada por vários grupos étnicos, geográficos e linguísticos da Grécia, tinha um passado comum.

274. _____
Durante o período colonial, as terras eram de posse única do Rei e não havia relação entre uso e posse das terras.

275. _____
Aí, se vê o inevitável, uma angústia do saber que permeia o pensamento trágico; seria tudo diferente se Riobaldo não tivesse encontrado o menino, mas era o seu fado, um caminho já tecido e costurado.
276. _____
Muitas vezes eram fabricadas e distribuídas sobras oriundas do saldo credor da correção monetária ou de reavaliação de estoques acima do preço de mercado.
277. _____
Escolas que há alguns anos atuavam de forma passiva principalmente nas relações com o mercado, hoje estão sendo forçadas a serem pró-ativas em suas ações estratégicas, principalmente na identificação e satisfação das expectativas e necessidades de um mercado cada vez mais seletivo e exigente.
278. _____
Até neste fato de coordenação que eu achava que realizava direito as atividades e vi que não era bem assim.
279. _____
Pretendia-se então, relacionar conceitos indicadores de níveis próprios às competências empresariais, observar a importância do conceito para o estabelecimento de estratégias, melhorar através de entrevistas o formulário construído para processamento das análises, e observar, através de simulações, a potencialidade do uso da análise de investimentos através da abordagem por competências.
280. _____
Foi a minha primeira grande jornada que me premiou naquele ano e que deu, me deu assim um nome de destaque na equipe e o Palut que era um extraordinário profissional gostou do meu jeito, do meu esforço e a partir daí eu passei a ser um dos repórteres mais atuantes na sua equipe.
281. _____
Sua jurisdição incluía também São João da Barra e ambas as vilas -- Campos e São João da Barra que estavam anexadas à Capitania do Espírito Santo.
282. _____
Não podia construir uma autêntica comunidade e, muito menos, uma cidadania ativa.
283. _____

Coleta de Swabs Nasofaríngeos No momento da admissão hospitalar, a coleta era realizada pela introdução de um transwab (Transwab Medical Wire & Equipment Corsham, UK) ultrafino e flexível em uma das narinas da criança, até aproximadamente 2/3 da distância do nariz ao lóbulo da orelha, na direção horizontal, até encontrar um ponto de resistência.

284. _____
A gente tinha aquele contato semanal com a bibliotecária, tinha o caderno de biblioteca.

285. _____
Lá na frente as coisas se juntaram... o Hermeto começou a escrever pra sinfônica e me levava junto, eu tenho essa onda de tocar na mão do maestro, eu sei, o maestro ralenta, corre, então eu ia com o Hermeto, ajudava ele a ensaiar o naipe de percussão.

286. _____
Victória contou que quando chegou a vida do pai foi muito difícil e lembra que seu Chafi dizia que no início dormia na mata no meio dos bichos.

287. _____
As fotografias instantâneas e as imagens de grupos em salões cariocas confrontam aspectos referentes à forma e à escolha temática realizada pelos fotógrafos, que estavam a serviço de Careta.

288. _____
Especificamente: S3, S5, S7, S12, S13, S18, S19, S20, S21, S22, S23 e S24 estavam desempregados de 2 a 6 meses; S1, S2 e S9 estavam desempregados há doze meses; e, S16 encontrava-se desempregado há vinte e quatro meses.

289. _____
A antropóloga chilena Sônia Montecino (1996) afirma que os modelos interpretativos utilizados pelas ciências sociais e, em particular, pela antropologia tradicional, se baseavam em uma perspectiva masculina da realidade, ou seja, uma perspectiva androcêntrica.

290. _____
Segundo, no gráfico dos periódicos pela quantidade de artigos que citavam Granovetter (1985) identificou-se uma inflexão a partir do periódico de número 390, indicando que começava então a diminuição do número de diferentes periódicos por grupo de quantidade de artigos por periódico.

291. _____
A importância destas micro e pequenas empresas se faz notar quando se verifica o total de pessoal empregado, uma vez que juntas elas absorviam mais de 75% da mão de obra do setor secundário joaçabense.
292. _____
Ao construir uma memória sobre os blocos existentes na cidade o Sr. Manicardi revela que: os blocos, em número pequeno, provocava alegria dos maringenses, e enchia a cidade com uma nuvem de estrelas; exibiam-se nas ruas da cidade, composto de rapazes e senhoritas, cantando as mais recentes marchinhas, era um sucesso.
293. _____
Isto porque muitas das descobertas relativas aos tratamentos permaneceram incompletas, de modo que a terapia continuou sendo, em grande extensão, empírica e pouco seletiva para células malignas e não malignas, o que agravava o problema da toxicidade (Crist & Heslop, 1987).
294. _____
Na legislatura anterior (1995-1998), a bancada contava com 117 deputados.
295. _____
O autor também era um peregrino, por isso, deixava em aberto a possibilidade de continuar sua peregrinação e luta.
296. _____
O bom resultado do VAR já era esperado, pois confirma o que é amplamente difundido na macroeconomia moderna -- que a inflação passada, a taxa de câmbio, a taxa de juros, a base monetária e a produção industrial afetam o nível geral de preços no curto prazo.
297. _____
Nesse sentido, percebo que a impunidade era vista como um problema que desonrava a imagem e a honra das famílias.
298. _____
Vinte e sete pacientes (27/30 ou 90 %) apresentavam doença obstrutiva multiarterial (definida para fins deste estudo como a presença, à QCA, de estenoses 50 % em pelo menos dois territórios coronarianos principais), e 5 (5/30 ou 17 %) possuíam dispositivos eletrônicos para controle do ritmo e / ou frequência

cardíaca representados por cardioversores-desfi implantáveis (CDI) ou marca-passos definitivos.

299. _____
Antes, ela havia dito que a Câmara estava fazendo «tempestade em copo d'água».

300. _____
As pessoas perguntavam pro doutor cock e eu tinha que responder.

301. _____
Regressão logística múltipla mostrou que RH estava significativamente associado a tabagismo materno, atopia e rinite.

302. _____
Pouco a pouco os homens também desapareceram, o navio ficou quieto e em silêncio, como um enorme animal que deslizava sobre a água sonolento, do qual se ouviam apenas as pulsações regulares do seu monstruoso coração.

303. _____
A intertextualidade do meu trabalho com o de Mondrian é feita com muito cuidado para não ocorrer o risco de suscitar uma comparação confusa, pois é notório que ele, ao adotar o processo de transmutação da forma plástica, partia para um abstracionismo geométrico, sem deixar qualquer resquício da concepção figurativa naturalista.

304. _____
é relevante notar que esses participantes ocuparam cargos cujas ações estavam ligadas diretamente ao consumidor final dos novos produtos que estavam sendo introduzidos à época.

305. _____
Houve que se fazer uma nova Lei para regulamentar a pesquisa e utilização de organismos transgênicos e célulastronco, pois as antigas hierarquias não funcionavam mais ou mesmo sequer existiam.

306. _____
Além disso, as kombis e vans tinham ponto de partida, mas o itinerário e o final do percurso apresentavam uma certa flexibilidade, estando condicionados pelos fluxos de passageiros e pelos horários.

307. _____

No âmbito do Estado, todos os Planos Estaduais de Qualificação-PEQ passavam pela aprovação das Comissões Estaduais de Emprego, que, como já foi visto, foram pensadas como instâncias de representação dos interesses dos municípios para acompanhar, decidir, deliberar e controlar a implementação da política.

308. _____
O cancro, tanto no útero como nos seios, representava um desafio para o qual a medicina possuía poucos e dolorosos recursos.

309. _____
E não eram somente de consensos que os sócios trocavam suas impressões.

310. _____
Dos acidentes registrados com menores de 18 anos nessa cultura 1,34 % tinha menos de 14 anos.

311. _____
Guerra (1998) afirma que os estreitos laços através do transporte ferroviário e rodoviário com as duas cidades planejadas, na época, Belo Horizonte e Goiânia, no final da década de 1940, foram determinantes na construção de um imaginário coletivo, apresentando reflexos diretos na prática administrativa que buscava padrões estéticos para a configuração da imagem da cidade.

312. _____
Para tanto, Armando de Sales Oliveira interventor que governava São Paulo nomeou Francisco da Fonseca Telles para a direção da Escola Politécnica, com a incumbência de que as cadeiras das disciplinas fundamentais devessem ser desagregadas desta escola para serem exclusivas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

313. _____
Buscavam a sombra d'sa árvore ou armavam nelas suas redes, para logo depois saírem aos gritos e sob boas gargalhadas dos mais sabidos.

314. _____
Assim foi necessário muito tempo para se compreender bem qual devia ser a função de Pedro e dos seus sucessores, a função dos Apóstolos e dos seus sucessores.

315. _____
Já pensávamos dessa maneira durante o flagelo da guerra.

316. _____
Como eu dizia, pois, o crucificar sua própria carne não é algo exclusivo dos virgens; compete-lhes, porém, por um título específico e mais forte, pois que o escolheram como forma de vida.
317. _____
O homem sobre o qual você estava falando está aqui.
318. _____
Resistentes à invasão de sua terra, à perda de seu código cultural, em especial o religioso, os pajés e caraís se apresentavam como fortes entraves à colonização religiosa, desejada pelos portugueses.
319. _____
Eu não era, porém, um coração limpo; reconheço que viviam nele, desde esse tempo, muitos dos repulsivos bichos que a diligência de meu pai nutriu e que fazem de mim, hoje, um viveiro sombrio.
320. _____
A mulher humaniza vassouras, louças, copos, lençóis, vestidos e eletrodomésticos: «Onde está aquela bandeja que eu amo? »; «Tenho tanta saudade daquela geladeira que a gente tinha na outra casa... Eu adorava ela".
321. _____
Onde foi morto pelo bando de Bushman que planejava roubar as riquezas descobertas.
322. _____
Era constituído apenas pela freguesia da sede e tinha, em 1801, 551 habitantes.
323. _____
Ecologia Em 1715 os moradores da Ilha de Santa Catarina apresentavam a «Sua Majestade» uma petição em que denunciavam a devastação das matas da ilha por inúmeros navios que se abasteciam de lenha e madeira, cuja presença nestas partes era frequente.
324. _____
Tinha distribuição nacional sob demanda (os pedidos eram feitos via correio).
325. _____
Como essas festas aconteciam principalmente no Bronx a dança predominante era o Top ou Floor Rocking então Kool Herc costumava pegar o microfone e

anunciava a performance dos B-Boys (Break Boys), aqueles que dançam nos intervalos da música.

326. _____
No último censo realizado em 2001, sua população era de 649.958 habitantes, a população estimada em 2005 era de 775.836 habitantes.

327. _____
Não se sabe quando a transição para a atual fita, de pulso, ocorreu, sendo fato que em meados da década de 1960 a nova fita já era comercializada nas ruas de Salvador, quando foi adotada pelos hippies baianos como parte de sua indumentária.

328. _____
Nas cidades maias era comum e recorrente a acrópole com pirâmides-templos, grandes praças públicas, estádios e palácios e não poucos historiadores as compararam com as formações arquitectónicas da acrópole original.

329. _____
é o primeiro estádio com teto retrátil da cidade, já que o Astrodome era um estádio fechado.

330. _____
Vlastimir Índice 1 Revolta contra bizantinos 2 Guerra contra os búlgaros 3 o Fim do reino Vlastimir 3.1 Ligações internas Revolta contra bizantinos No século IX, os bizantinos não estavam fortemente instalados na Sérvia: tinham apenas alguns mercenários nas suas praças-fortes. [550]

331. _____
Em 1989, Armando Corrêa era candidato a presidência da república, sem chances técnicas de ganhar.

332. _____
Os adolescentes sabiam dos deuses católicos e dos seus próprios deuses, mas só veneravam o uísque e o schilling.

333. _____
Na região onde o alemão era falado não se tinha ainda tentado antes de 1200 uma transcrição desse mito para uma forma literária escrita.

334. _____
Eliana e Maria Lucrécia Eunice Paiva foram interrogadas na mesma sala em que as pessoas eram torturadas, tendo visto o pau-de-arara, sangue e o retrato

do marido nas fichas de reconhecimento, além de ouvir os gritos dos torturados no Doi-Codi.

335. _____
Finalmente havia um professor que podia inspirá-la e com quem podia falar sobre suas ambições.

336. _____
Foi documentado que a STS-36 lançou o satélite de foto-reconhecimento Advanced KH-11 que utilizava um sistema de imagem totalmente digitalizado para retornar as figuras.

337. _____
A ele, que nem se lembrava que tinha aquele bilhete!

338. _____
Os enormes quarteirões de dez mil metros quadrados haviam passado a ser ocupados por indústrias e fábricas ou estavam sendo «cortados» por novas ruas -- cujos nomes muitas vezes não respeitavam a concepção original --, de forma a permitir que as moradias tivessem acesso à via pública.

339. _____
O cabelo muito branco estava preso num rabo-de-cavalo, e o bigode e o cavanhaque eram grisalhos.

340. _____
Trabalhava com bicheiros e levava uma vida esquisita.

341. _____
Pegaram os instrumentos, e logo ele estava cantando, ajudado por seu Edgar, que dirigia e cantava, divertindo-se talvez com lembranças que a memória lhe trazia: Minha terra tem Palmeiras / Manchester e Barcelona / Boca, Parma e Spartak / Minha terra é uma bola / com gente que deita e rola / sem sofrer um contra-ataque! ... / Por mais terra que eu percorra / um país não tem fronteiras / porque o mundo é uma bola!

342. _____
As balas zuniam ao redor da sua cabeça.

343. _____
às vezes, trabalhava em condomínio com o coronel da 2 Seção, e ambos viviam num ambiente de confraternização com os generais.

344. _____

Nele, informava que, segundo o secretário de Segurança, coronel Jayme Mariath, os terroristas haviam confessado seus crimes «espontaneamente e sem torturas» Mesmo assim, depunha Cutter: «Os suspeitos foram submetidos a intenso interrogatório, incluindo abusos físicos 1 mas um alto oficial da secretaria de segurança me disse que os métodos usados não deixavam marcas.

345. _____
Na segunda, de agosto, informava que defendera o aumento do número de cadeiras no Tribunal de Contas do Município de Salvador e encontrara resistência no prefeito Antonio Carlos Magalhães, que «entrou em um terreno de Revolução e Forças Armadas, ameaçando céus e terras»: «Chamei-o e disse-lhe do meu desagrado por ter pretendido interpretar, criticar ou orientar as Forças Armadas ' 26 Na terceira parecia alarmado: «Com a Revolução ou sem ela os políticos não se corrigem, apóiam-na, aderem, toleram-na.
346. _____
Ao contrário, mostrava-se disposto a unificar a doutrina de acordo com os métodos que empregara no iv Exército.
347. _____
Era o 372 suicida do regime, o 172 a se enforcar.
348. _____
Pedira a Arnaud para me deixar sozinha, recomendando-lhe que vigiasse Jean-Marie, que me parecia o menos capaz de se dominar.
349. _____
Ela não consequia compreender como alguém podia se orgulhar de desgraças passadas.
350. _____
Pela primeira vez eu estava só com ele, sem o apoio cochichado da classe, sem a admiração que minha afoiteza provocava.
351. _____
É preciso dizer com todas as letras, sem medo de represálias, que este ato do Governo fluminense pode significar a falência do meio rural, o golpe final que lhe restava ser deferido.
352. _____
Entretanto, ela reconhecia que era mesmo uma falta de respeito, um sacrilégio cantar no dia de Finados.

353. _____
O Padre Astolfo e o Cel. Jairo, que naquele dia haviam almoçado no Sobrado, achavam-se sentados na frente do amigo, ambos sérios e apreensivos.
354. _____
A Williams era uma conquista.
355. _____
Era vrrummmmmmmmm -- sumia.
356. _____
Foi o que disse enquanto lhe receitava um tônico que ela depois nem comprou, achava que ir ao médico por si só já curava.
357. _____
A imigração estava diretamente vinculada com estas transformações no estado e também no Brasil.
358. _____
Primeiro porque não tinha financiamento; segundo, porque se plantasse, quando colhia não tinha preço; terceiro, ele não tinha energia elétrica, na maioria das casas.
359. _____
Era para ver se a pessoa estava exercitando o seu mandato com a competência que lhe era dada pela categoria.
360. _____
Ele me pedia que seguisse o exemplo de meu pai: ajudar a Santa Casa.
361. _____
Sobre o tema específico da privatização, foram tantas as imprudências de seu governo que aquilo que era amplo apoio popular hoje já não mais existe.
362. _____
Na verdade, o objetivo da questão de ordem era o de fazer com que entrássemos imediatamente na Ordem do Dia, porque assim, de acordo o texto regimental, a Comissão de Constituição e Justiça teria de interromper seus trabalhos e não poderia apreciar a admissibilidade da PEC que quer voltar a estabelecer a cobrança da contribuição previdenciária de inativos, tese aliás já derrotada pelo Supremo Tribunal Federal por onze votos a zero.
363. _____

A tudo isso que já vinha inviabilizando o novo e promissor Estado, porque o mesmo possui terras excelentes para cultivo, soma-se a atitude do Governo de jogar mais uma pá de cal no delicado caso.

364. _____
Em 1945, eram eleitores 7.459.849 brasileiros; na eleição presidencial, 6.200.805 deles votaram; e foram considerados válidos 5.867.949 votos.

365. _____
Não podemos criar mais expectativas no povo brasileiro, como foi criada durante a Constituinte de 1988, quando muitos diziam que a mesma seria a salvação do nosso País.

366. _____
Queria S.Exa. que o Brasil acreditasse que encontrou as fitas numa rodovia em Brasília.

367. _____
Peço que redescubra o velho Fernando Henrique Cardoso, professor que participou dos movimentos sociais, que saiu às ruas pedindo as Diretas-Já, ou então o Senador Fernando Henrique Cardoso, que esqueceu de tudo o que dizia.

368. _____
Com referência à nossa Centrais Elétricas do Pará -- CELPA, a privatização foi um benefício para o nosso Estado, ilustre Deputado Ricardo Maranhão, até porque a CELPA fazia parte não do patrimônio paraense, do patrimônio brasileiro, mas do patrimônio de um corporativismo, de uma corporação que lá usufruía de inúmeras e indevidas vantagens.

369. _____
Sr. Presidente, na primeira votação, os oficiais da Marinha estavam na Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional e eu estava lá presidindo a reunião, juntamente com o Deputado Vittorio Mediolí.

370. _____
Era o que tinha a dizer, Sr. Presidente.

371. _____
Hoje se arrependem, mas lá, quando procuraram o Relator, e não o Deputado Mendes Ribeiro Filho, o que queriam era sair do jugo político, da influência política da comarca para a imparcialidade do Tribunal.

372. _____

Perguntamolhe sobre o porquê da saída, e a resposta foi imediata: «Onde moravam, na 4.^a colônia, a terra era dobrada' ».

373. _____
Repito, estava embutido ali um dilema, pois na essência abriam-se as portas para que o FGTS passasse a ser utilizado como elemento impulsionador do mercado de capitais, tendo como contrapartida, entretanto, a introdução do fator risco na poupança compulsória dos trabalhadores.

374. _____
Era o que tinha a dizer.

375. _____
Era o registro que tinha a fazer.

376. _____
Em 1989, existiam 16,9 milhões de jovens empregados; em 1998, eles somavam 16,1 milhões.

377. _____
Criada em 5 de maio de 1988, quando em nosso Estado havia apenas cinco sindicatos de trabalhadores rodoviários, todos sediados em Curitiba, a FETRO-PAR reúne, hoje, 26 sindicatos da Capital e do interior do Paraná e representa os interesses sindicais de mais de 100 mil trabalhadores do setor.

378. _____
Não estava no meu primeiro parecer, mas agora nós o estamos reintroduzindo neste parecer que esperamos seja o final do nosso trabalho, com redação exatamente igual à que constava na Medida Provisória nº 66.

379. _____
Assegurava ainda a OMS que até aquela data não havia evidência de que a doença degenerativa crônica pudesse ser transmitida para humanos pelo consumo de tecidos de cervídeos acometidos pela doença, mas que mesmo assim a advertência era válida.

380. _____
O papel do PT, como partido democrático de massa, organizado, hoje com a função de governar nosso País por intermédio de seu Presidente de honra e fundador Luiz Inácio Lula da Silva, é estabelecer o mais amplo acordo entre as diversas organizações de esquerda no mundo, com as quais já mantínhamos relações antes de sermos Governo.

381. _____
Não posso entender como, num Governo do Partido dos Trabalhadores, estamos marchando para impedir uma reforma trabalhista que, no passado, considerávamos ser do Fundo Monetário Internacional.
382. _____
Ia desistir.
383. _____
Uma denúncia feita no dia 28 de julho informava, por exemplo, que um traficante teria pago R\$ 100 mil para fugir da prisão e estaria pagando outros R\$ 100 mil para que os policiais se mantivessem afastados da região dominada por ele.
384. _____
Nós queríamos um país que tivesse essa capacidade de ser democrático e, principalmente, governado por civis.
385. _____
Quando eu queria mexer com ele, dizia: «Vou falar sobre os discursos que você fazia na universidade... »
386. _____
Quando descobriram que os anarquistas eram presos na Rússia, eram perseguidos, então viraram contra.
387. _____
Eu especificamente não queria o Médici, eu apenas não queria que fosse um daqueles que estava agora querendo tomar conta do governo.
388. _____
R: Nós se dava bem, só essa que morreu quando chegou na Vila Mangalot essa morreu, essa a Elza, né!
389. _____
Tinham posições e tinham uma carreira exemplar dentro da organização.
390. _____
E aquilo gerava o seguro de acidentes de trabalho, que na ocasião era a grande força motriz do mercado segurador brasileiro no que se chama ramos elementares.
391. _____

Tinha o Severino Mariz, que havia sido eleito também nessa fase e era mais próximo ao Carlos de Lima.

392. _____
Eu trabalhava sábado sempre fui maluco, sabem que eu venho aqui sábado também, eu venho aos sábados aqui na Fundação, sempre tive esse negócio de trabalhar aos sábados e ia sábado para a Casa Rui.

393. _____
Diziam que Washington Luís, quando via chegar aqueles produtores de São Paulo, nos automóveis de alto preço -- Rolls-Royce, não sei o quê --, ficava indignado: «Essa gente que vem pedir providências ao governo federal, rolando com esses automóveis de alto preço?

394. _____
Brigavam que era uma coisa horrível, eu fui lá tinha que separar as brigas e fundar e organizar o Congresso.

395. _____
A Ericsson se organizou para começar a produzir, mas a Standard Electric não começou a produção, por causa desse problema da ITT, que ela não tinha onde obter a técnica de CPA espacial.

396. _____
Procuravam a senhora.

397. _____
Eles destruíram o ambiente que nós tínhamos, que era a comunidade de profissionais, que alimentava o processo.

398. _____
A tal ponto que quando ele quis reassumir o governo, no dia 21 de novembro, estava decidido a dar posse a Juscelino.

399. _____
Eu sentava na mesa e via aqueles bifes, eu ficava louco, eu não sabia o que era carne.

400. _____
Eu lustrava, dormia meia noite, 1 hora da manhã, mas até aí eu não tinha noção da coisa, o que eu queria era brincar.

401. _____
Ainda estava numa fase de reconstrução.

402. _____
(...) Todos admiraram o espírito altivo que se erguia acima das preocupações que o corroíam, a tal ponto que não demonstrava nenhum sinal a tal ponto que, no semblante que teria traído o mundo de sofrimento interior, apenas era visível uma alegria ensolarada.
403. _____
A lembrança constante da filha e da mulher apoquentava-o com pontas de remorso, que dia a dia alastravam na sua consciência, à proporção que esta ia acordando daquela cegueira.
404. _____
Frau Weber escutava a tia de Chiru com ar atencioso, e como não entendesse o que ela dizia, limitava-se a sorrir e a sacudir a cabeça.
405. _____
Na terça-feira à noite, o jogador exibia o sorriso que virou sua marca e falava da alegria em ficar no Barcelona.

2. Imperfeito Narrativo

1. _____
Enquanto outras bandas gravavam e logo depois saíam de cena, o Lagoa continuava seu caminho. "
2. _____
Frau Weber escutava a tia de Chiru com ar atencioso, e como não entendesse o que ela dizia, limitava-se a sorrir e a sacudir a cabeça.

3. Imperfeito Epistémico

1. _____
Se daqui a uns meses a polícia pegar uma quadrilha de meliantes e ela confessar que trabalhava com o mapa dos CDs, suas vítimas terão o direito de buscar a responsabilidade da União nos danos que sofreram.
2. _____
Isso quer dizer que em cada cem machucados que os hospitais e pronto-socorros atendem, 90 podiam não ter acontecido.

3. _____
Se este circuito ficasse circunscrito à colônia, isto é, se tivesse início e fim na colônia, deixava a renda desta atividade econômica na própria colônia.
4. _____
Uma característica dessa religião é criar uma identidade cultural e econômica, graças ao preceito básico de que todo muçulmano tinha que saber o árabe para praticar as rezas e a leitura do Corão.
5. _____
Os julgamentos dos alunos dividiram-se do seguinte modo: a) os que afirmaram estar em muitos casos versando, nos cursinhos, matéria nova; b) os que afirmaram que o que havia era um desenvolvimento mais aprofundado da mesma matéria estudada na escola secundária; c) os que não assinalaram diferenças sensíveis nos desenvolvimentos dos programas nos cursinhos e nas escolas de nível médio.
6. _____
Ontem era o dia previsto para a conclusão das negociações de paz, segundo acordos firmados.
7. _____
O presidente do sindicato, Luiz Marinho, afirma que Feijó havia sido demitido pela Ford em 88 e buscava a reintegração.
- _____
Segundo ela, o prédio estava abandonado havia cinco anos.
8. _____
No estudo, descobriu-se que a bupivacaína era uma substância que possuía um isômero, ou seja, um composto que é o espelho da molécula original.
9. _____
Ele afirmou que preferia que os medicamentos genéricos convivessem com os de marca sem alterações de embalagem.
10. _____
Segundo a polícia, Santos era traficante e consumidor de crack.
11. _____
Continuando, lembra que a faculdade já havia recebido a vistoria do mec e o curso estava pronto para ser iniciado.

3. Imperfeito de Inclinação

1. _____
Tudo que eu queria era explodir com tudo isso.